



**Universidade do Porto**

**Faculdade de Direito**

Maria João de Sousa Seixas

**ASSOCIAÇÕES ENTRE O MODELO TRIÁRQUICO DA  
PSICOPATIA, AS EMOÇÕES, A MORALIDADE E A  
DELINQUÊNCIA EM JOVENS ADULTOS**

Mestrado em Criminologia

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Pedro Almeida

2014

## RESUMO

Apesar de défices no processamento emocional, a moralidade atípica e o comportamento delinquente serem características fundamentais do construto da psicopatia, o conhecimento das associações entre estes conceitos na população geral é escasso. A presente dissertação consiste numa investigação das associações entre as componentes da conceção triárquica da psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência em jovens adultos. Cento e três jovens adultos selecionados na comunidade preencheram um conjunto de questionários destinados a operacionalizar a conceitualização triárquica da psicopatia, a empatia, a agressão proativa-reativa, as fundações morais, a distinção entre a transgressão moral e convencional e o comportamento delinquente. Desta amostra, cinquenta e sete participantes realizaram uma tarefa de reconhecimento de expressões faciais de emoção em estímulos dinâmicos. Os nossos resultados indicam que indivíduos com valores mais elevados de psicopatia não evidenciam défices comportamentais na descodificação de expressões faciais de emoção. Apenas foi evidenciada uma capacidade superior no processamento de expressões faciais de tristeza em indivíduos com traços altos de *boldness*, dimensão associada às características interpessoais da psicopatia. Verificou-se uma associação entre a psicopatia e a empatia, com as componentes desta a contribuírem de forma distinta para os fatores afetivos e cognitivos da empatia. Destacando-se a importância da *meanness*, a componente associada às características afetivas da psicopatia, em défices na preocupação empática, de tomada de perspetiva e fantasia, e a associação negativa da *boldness* com a angústia pessoal. Em contraste, a componente da psicopatia associada ao estilo de vida – *disinhibition* - está associada positivamente com a preocupação empática e a angústia pessoal. Apesar de neste estudo os indivíduos com traços mais altos de psicopatia não terem dificuldades na distinção entre transgressões morais danosas e convencionais, os valores mais altos de *meanness* estão associados: a uma menor preocupação em causar danos aos outros; a não julgarem erradas e a dar menos relevo moral a questões de justiça-reciprocidade. Destaca-se também a importância da psicopatia noutras fundações morais, a autoridade-respeito e a pureza-santidade. A psicopatia foi um bom preditor da delinquência e da agressividade. Esta investigação não só expandiu bem como apoiou uma parte da evidência anterior, contribuindo para um maior conhecimento das associações entre as variáveis sob estudo.

**Palavras-chave:** Traços da psicopatia; processamento emocional; moralidade; delinquência; comportamento agressivo reativo-proativo.

## ABSTRACT

Although deficits in emotional processing, atypical morality and delinquent behavior are key features of psychopathy construct, the knowledge of the associations between these concepts in the general population is scarce. This dissertation consists in an investigation of the associations between the triarchic model of psychopathy, emotions, morality and delinquency in young adults. One hundred and three young adults selected from the community filled a set of questionnaires intended to operationalize the triarchic conceptualization of psychopathy, empathy, proactive-reactive aggression, moral foundations and the distinction between moral and conventional transgressions and delinquent behavior. From this sample, fifty-seven participants performed an emotion recognition task of facial expressions with dynamical stimulus. Our results indicate that individuals with higher values of psychopathy did not show behavioural deficits in decoding facial expressions of emotion. It was only evidenced a superior capacity in processing facial expressions of sadness in individuals with higher traits of boldness, dimension associated with interpersonal characteristics of psychopathy. It has been found an association between psychopathy and empathy with its components contributing in a distinct way to the affective and cognitive factors of empathy. Standing out the importance of meanness, the component associated with the affective characteristics of psychopathy, with deficits in empathic concern, on perspective taking and fantasy, and the negative association of boldness with personal distress. In contrast, the component of psychopathy associated with life style – disinhibition - is positively associated with empathic concern and personal distress. Despite of in this study the subjects with higher traits of psychopathy don't have difficulties in distinguishing between harmful moral and conventional transgressions, the highest values of meanness are associated to: a minor concern in making damage to others; not to judge wrong and give less moral relevance to issues of justice-reciprocity. It also stands out the importance of psychopathy in other moral foundations, the authority-respect and purity-sanctity. Psychopathy was a good predictor of delinquency and aggressiveness. This research not only expanded as well as supported a part of previous evidence, contributing to a greater knowledge of associations between the variables under study.

**Keywords:** Psychopathy traits; emotional processing; morality; delinquency; reactive-proactive aggressive behavior.

## AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer ao Professor Doutor Pedro Almeida pela partilha de conhecimentos e fomentação do meu espírito crítico, por me permitir abrir horizontes numa temática que de longa data tenho um grande interesse, por me ter dado o privilégio de ser seu orientado, pelo apoio e disponibilidade constantes, pela confiança depositada, pela motivação e entusiasmo neste projeto e pela orientação prestada imprescindível para a realização deste, que sem a sua contribuição e dedicação não existiria.

À Escola de Criminologia e, em especial, ao Professor Doutor Cândido da Agra, cujo trabalho tenho uma profunda admiração, pelo apoio e suporte na concretização e materialização deste projeto.

A todos os docentes e investigadores da Faculdade de Direito da Universidade do Porto que contribuíram diretamente ou indiretamente com os competências e conhecimentos necessários para a realização deste projeto. Em especial à investigadora Josefina Castro, que para além do grande apoio prestado, acompanhamento ao longo do curso, e partilha de conhecimentos e materiais, me incutiu o interesse e entusiasmo pela investigação, à Professora Doutora Carla Cardoso pelo interesse e críticas dadas ao longo do projeto e pelos seus contributos na investigação em criminologia em articulação com a área da biologia, ao Professor Doutor Pedro Sousa por nas suas aulas ter fomentado uma base sólida de conhecimentos estatísticos essenciais para o projeto, ao Professor Doutor Jorge Quintas por nas suas aulas me ter despertado a atenção para a importância deste tema, e à Inês Guedes pela curiosidade nesta investigação

Aos investigadores do Laboratório de Neuropsicofisiologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, e a todos os outros investigadores, particularmente Christopher Patrick, Adrian Raine e Agneta Fischer, cujo trabalho tenho uma grande admiração, que despenderam o seu tempo e partilharam materiais e conhecimentos que permitiram a concretização deste projecto o meu sincero obrigado.

Ao Pedro Fernandes por todo o auxílio prestado ao nível de programação informática, pela sua curiosidade neste tema e sugestões fornecidas.

## AGRADECIMENTOS

À Joana Guterres por todas as recomendações dadas na produção dos estímulos, ao nível da edição dos vídeos, pela boa vontade e disponibilidade em ajudar e pelo entusiasmo com a investigação.

A todos os voluntários, pessoas e organizações pela ajuda, cooperação e boa vontade na divulgação deste projeto e na angariação de participantes.

Ao grupo de investigação, sob orientação do Professor Pedro Almeida, particularmente Sandra Filipe, Pedro Liberado, João Próspero e Vasco Almeida por terem acompanhado de perto esta investigação, pelo espírito crítico, boa disposição, apoio e companheirismo.

A todos os amigos próximos e colegas pelo incentivo, paciência, empatia, suporte emocional e determinação prestados. Em especial à Joana Santos, à Joana Ferreira, ao Hugo Macedo e ao Luís Graciano, sempre leais, dispostos a ajudar e a incentivar ao longo do tempo, à Luzia Fontes, ao Rui Pessoa, ao Francisco Branquinho, ao Fábio Cardoso, à Carina Gravata, à Joana Chaves, ao Fernando Coelho, ao Serafim Tavares, à Débora Ferreira, e à Vânia e ao Nuno Seabra por todo o apoio dado e tornarem este caminho mais agradável.

À minha família, pelo apoio diário dado, pela confiança que sempre depositaram em mim, pelas lições de vida dadas, com as quais muito aprendi, me fizeream crescer e me tornaram quem sou hoje, e por todo o carinho, ternura e boa disposição que fazem de cada dia um dia único e especial na minha vida. Muito obrigado!

Ao Gustavo Pessoa que me acompanhou nesta longa caminhada cheia de emoções e obstáculos, sempre acreditou que seria capaz e me motivou a ir mais longe, a ultrapassar os meus limites e ambicionar novos objetivos, sonhar e voar mais alto, e por ter tornado esta caminhada menos dolorosa, até com um simples sorriso e gargalhada, e sobretudo por me ter ensinado o significado de *empátieia*, a qual esteve sempre aliada a este projeto, sendo a força motriz para a grande dedicação e esforço.

Este projeto não foi produto de uma única pessoa, é o resultado do trabalho, dedicação e apoio de várias pessoas, às quais mais uma vez: OBRIGADO!

## **ÍNDICE GERAL**

---

<b>Resumo .....</b>	<b>i</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>ii</b>
<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iii</b>
<b>Lista de abreviaturas e acrónimos .....</b>	<b>viii</b>
<b>Índice de figuras .....</b>	<b>ix</b>
<b>Índice de anexos .....</b>	<b>x</b>
<b>Índice de tabelas .....</b>	<b>xi</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento teórico .....</b>	<b>3</b>
1. Concetualização e operacionalização da psicopatia.....	3
2. Etiologia da psicopatia .....	8
3. A relação entre a psicopatia, a moralidade e empatia .....	12
3.1 A psicopatia e moralidade.....	12
3.2 A psicopatia e a empatia .....	18
3.2.1 A psicopatia e o processamento de expressões faciais de emoção .....	23
4. Psicopatia, violência e delinquência .....	26
<b>Capítulo II – Estudo empírico: Metodologia .....</b>	<b>31</b>
1. Objetivos e hipóteses.....	31
2. Caraterização do estudo .....	33
3. Constituição da amostra .....	34
3.1 Caraterização da amostra segundo os dados sociodemográficos .....	35
3.2 Caraterização da subamostra segundo os dados sociodemográficos .....	36
4. Materiais e procedimentos de recolha de dados.....	37
4.1 Questionário sociodemográfico.....	39
4.2 Índice de Reatividade Interpessoal.....	39

4.3	Questionário da Agressão Reativa-Proativa.....	41
4.3.1	Tradução e adaptação .....	42
4.4	Medida Triárquica da Psicopatia.....	42
4.5	Questionário das Fundações Morais .....	46
4.6	Versão adaptada da Tarefa Moral-Convencional Estendida .....	48
4.7	Questionário de Delinquência Auto-revelada – Jovens Adultos.....	52
4.7.1	Delinquência auto-revelada .....	53
4.7.2	Consumo de substâncias psicoativas .....	54
4.8	Tarefa da decodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas .....	55
4.8.1	Estímulos .....	55
4.8.2	Tarefa.....	57
5.	Procedimentos de análise estatística de dados .....	59
5.1	Procedimentos de análise estatística descritiva.....	60
5.1.1	Medidas de associação .....	61
5.2	Procedimentos de análise estatística inferencial .....	63
<b>Capítulo III - Estudo empírico: Resultados .....</b>		<b>65</b>
1.	Descrição da amostra.....	65
1.1	Caraterização da amostra segundo as variáveis sob estudo.....	66
1.3.1	Distinção moral-convencional .....	66
1.3.2	Delinquência auto-revelada .....	68
1.2	Caraterização da subamostra segundo as variáveis sob estudo .....	70
1.2.1	Decodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas.....	70
1.2.2	Psicopatia e delinquência auto-revelada.....	72
2.	Relações entre variáveis.....	74
2.1	Relação entre a delinquência auto-revelada e a empatia .....	74
2.2	Relação entre a delinquência auto-revelada e a psicopatia.....	76
2.3	Relação entre a psicopatia e a empatia .....	80
2.4	Relação entre o comportamento agressivo e a empatia .....	81
2.5	Relação entre a psicopatia e o comportamento agressivo.....	82
2.6	Relação entre as fundações morais e a psicopatia .....	84
2.7	Relação entre a psicopatia e a distinção moral/convencional.....	90

2.8 Relação entre a psicopatia e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas.....	91
2.9 Relação entre a delinquência auto-revelada e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas .....	91
<b>Capítulo IV – Estudo empírico: Discussão de resultados e conclusão.....</b>	<b>93</b>
 <b>Referências bibliográficas .....</b>	 <b>103</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>121</b>



## **LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS**

---

**SD** – *Standard Deviation* (desvio-padrão)

**DLPFC** – *Dorsolateral Prefrontal Cortex*

**EC** – Escola de Criminologia

**FDUP** – Faculdade de Direito da Universidade do Porto

**[i]** – Item invertido

**Id.** – *Ibidem*

**SD** – *Standard Deviation* (desvio-padrão)

**VIM** – Violence Inhibition Mechanism

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

---

<b>Figura 1.</b> Percentagem de participantes que consideraram transgressivas as ações de cada um dos cenários por domínio moral.....	67
<b>Figura 2.</b> Percentagem de participantes que consideraram transgressões morais as ações de cada um dos cenários por domínio moral .....	67
<b>Figura 3.</b> Percentagem de participantes que auto-revelaram ter praticado cada um dos dezanove comportamentos delinquentes ao longo da vida.....	68
<b>Figura 4.</b> Percentagem de participantes que auto-revelaram ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses .....	69
<b>Figura 5.</b> Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes ao longo da vida na subamostra.....	73
<b>Figura 6.</b> Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses na subamostra.....	73

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

---

<b>Anexo 1.</b> Termo do consentimento informado.....	122
<b>Anexo 2.</b> Questionário sociodemográfico .....	124
<b>Anexo 3.</b> Índice de Reatividade Interpessoal .....	128
<b>Anexo 4.</b> Questionário da Agressão Reativa-Proativa .....	132
<b>Anexo 5.</b> Medida Triárquica da Psicopatia .....	135
<b>Anexo 6.</b> Questionário das Fundações Morais.....	143
<b>Anexo 7.</b> Versão adaptada da Tarefa Moral-Convencional Estendida .....	150
<b>Anexo 8.</b> Questionário de Delinquência Auto-revelada - Jovens Adultos.....	178
<b>Anexo 9.</b> Resultados do teste de normalidade: <i>Kolmogorov-Smirnov</i> .....	196
<b>Anexo 10.</b> Correlações entre as variáveis da psicopatia e das fundações morais .....	201
<b>Anexo 11.</b> Correlações entre as variáveis da psicopatia e da tarefa de distinção moral/convencional .....	203
<b>Anexo 12.</b> Correlações entre as variáveis da psicopatia e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas .....	206
<b>Anexo 13.</b> Correlações entre as variáveis da delinquência auto-revelada e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas.....	208

## **ÍNDICE DE TABELAS**

---

<b>Tabela 1.</b> Lista de Cenários selecionados da Tarefa Moral-Convencional Estendida (MCT-X), por Categoria de Domínio dos Cenários.....	49
<b>Tabela 2.</b> Estatística descritiva das variáveis empatia, psicopatia, agressão e fundações morais .....	65
<b>Tabela3.</b> Estatística descritiva das variáveis fundações morais na amostra .....	66
<b>Tabela 4.</b> Estatística descritiva das escalas de delinquência auto-revelada.....	69
<b>Tabela 5.</b> Estatística descritiva das subescalas da delinquência auto-revelada .....	70
<b>Tabela 6.</b> Estatística descritiva do número de respostas corretas dadas aos estímulos na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas e do tempo em que as emoções foram reconhecidas.....	71
<b>Tabela 7.</b> Estatística descritiva das pontuações obtidas no desempenho no reconhecimento das emoções dos estímulos na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas .....	71
<b>Tabela 8.</b> Estatística descritiva das escalas da Medida Triárquica da Psicopatia e da delinquência auto-revelada na subamostra .....	72
<b>Tabela 9.</b> Correlações entre as variáveis da empatia e da delinquência auto-revelada .	75
<b>Tabela 10.</b> Correlações entre as variáveis da empatia e da delinquência contra pessoas auto-revelada .....	75
<b>Tabela 11.</b> Correlações entre as variáveis empatia e da delinquência contra propriedade auto-revelada .....	75
<b>Tabela 12.</b> Predição da delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida a partir dos fatores da empatia: preocupação empática, fantasia, tomada de perspectiva e angústia pessoal (variáveis independentes).....	76
<b>Tabela 13.</b> Correlações entre as variáveis psicopatia e da delinquência auto-revelada.	77

<b>Tabela 14.</b> Correlações entre as variáveis psicopatia e da delinquência contra pessoas auto-revelada. ....	78
<b>Tabela 15.</b> Correlações entre as variáveis psicopatia e da delinquência contra a propriedade auto-revelada .....	78
<b>Tabela 16.</b> Predição da delinquência auto-revelada ao longo da vida a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	79
<b>Tabela 17.</b> Predição da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	79
<b>Tabela 18.</b> Predição da frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	80
<b>Tabela 19.</b> Correlações entre as variáveis da empatia e da psicopatia .....	81
<b>Tabela 20.</b> Predição da empatia a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	81
<b>Tabela 21.</b> Correlações entre as variáveis da empatia e do comportamento agressivo .	82
<b>Tabela 22.</b> Correlações entre as variáveis da psicopatia e do comportamento agressivo .....	82
<b>Tabela 23.</b> Predição do comportamento agressivo a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	83
<b>Tabela 24.</b> Predição do comportamento agressivo reativo a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	83
<b>Tabela 25.</b> Predição do comportamento agressivo proativo a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	84
<b>Tabela 26.</b> Predição da preocupação com o dano a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	85

<b>Tabela 27.</b> Predição da relevância da fundação moral dano a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	86
<b>Tabela 28.</b> Predição do juízo moral do dano a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	86
<b>Tabela 29.</b> Predição da pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	87
<b>Tabela 30.</b> Predição da relevância da fundação moral pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	87
<b>Tabela 31.</b> Predição do juízo moral da pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	88
<b>Tabela 32.</b> Predição da relevância da fundação moral justiça-reciprocidade a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	88
<b>Tabela 33.</b> Predição da autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	89
<b>Tabela 34.</b> Predição da relevância da fundação moral autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes).....	89
<b>Tabela 35.</b> Predição do juízo moral da autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	89
<b>Tabela 36.</b> Predição da fundação moral grupo-lealdade a partir das componentes da psicopatia: <i>boldness</i> , <i>meanness</i> e <i>disinhibition</i> (variáveis independentes) .....	90

# INTRODUÇÃO

---

A presente dissertação apresentada no âmbito do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto pretendeu explorar a relação entre o modelo triárquico da psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência em jovens adultos.

Os indivíduos classificados como psicopatas ou com traços elevados de psicopatia apresentam frequentemente um comportamento criminal violento e grave e taxas de altas de reincidência criminal (Grann, Langstrom, & Tengstrom, 1999; Hare, Grann, & Thornton, 2000; Hemphill, Hare, & Wong, 1998). O impacto negativo da manifestação comportamental do fenótipo psicopático na sociedade despertou o interesse da ciência na sua investigação. Nos últimos anos, tem sido dedicada uma grande de atenção e esforço na investigação da psicopatia, designadamente da sua etiologia, com o intuito de obter um maior conhecimento do seu desenvolvimento, que permita o tratamento e a profilaxia do comportamento criminal. Assim, realizar um estudo que se inscreve na temática da psicopatia assume uma especial relevância para o sistema de justiça criminal e consequentemente para a área da criminologia. O presente estudo pretendeu contribuir para um maior conhecimento dos traços psicopáticos, da forma como estes se relacionam com variáveis da personalidade e sociocognitivas essenciais para a interação e funcionamento social, designadamente a empatia, o processamento de expressões faciais de emoção, as fundações morais e a distinção de transgressões morais e convencionais em vários domínios da moralidade. Pretendeu ainda estudar a forma como a psicopatia e algumas dimensões da cognição social se relacionam com o comportamento delinquente e, em particular, com o comportamento agressivo, destacando as motivações e processos emocionais intrínsecos a este. Este trabalho teve como subjacente uma perspetiva dimensional da psicopatia e a orientação de que os seus traços estão distribuídos de forma contínua na população geral. O estudo da psicopatia na população geral, especificamente da relação desta com as emoções, a moralidade e a delinquência é escasso. Este trabalho parece ser fundamental na medida em que permite obter um maior conhecimento dos mecanismos subjacentes à psicopatia, prevenindo a influência de fatores decorrentes do seu estudo na população forense.

O presente trabalho está estruturado em quatro partes principais. Na primeira parte, será apresentado um enquadramento teórico da relação entre a psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência, no qual será realizado uma revisão de literatura centrada nesta temática. Esta consiste numa apresentação e análise crítica do estado de arte do conhecimento teórico e empírico sobre o tema, destacando os principais conceitos e modelos teóricos subjacentes à compreensão da psicopatia, os autores de referência, as variáveis estudadas, a evidência teórico e empírica existente extraída de trabalho contemporâneo, através da articulação do conhecimento produzido por diversas áreas do saber científico, particularmente a criminologia, a psicologia, a psiquiatria, a neurociência socioafetiva e a etologia, que será precedida por um breve enquadramento histórico da evolução da concetualização e operacionalização da psicopatia. Na segunda parte, será realizada uma descrição: dos objetivos e das hipóteses do estudo; da metodologia utilizada por este estudo; do processo de constituição da amostra; dos seus participantes segundo variáveis sociodemográficas; dos materiais e procedimentos de recolha de dados; e, por fim dos procedimentos da análise estatística dos dados. Na terceira parte, serão apresentados os principais resultados desta investigação, iniciando-se com a caracterização da amostra segundo as variáveis sob estudo, seguida das associações entre as variáveis. Na parte final, serão discutidos os resultados em articulação com o estado de arte do conhecimento científico desta área, apresentando as principais conclusões desta investigação e serão ainda apresentadas as limitações metodológicas deste estudo e recomendações para a investigação futura nesta temática.



# CAPÍTULO I

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Concetualização e operacionalização da psicopatia

A origem do conceito psicopatia remonta ao século XIX, quando o médico francês Philippe Pinel (1809) desenvolve o conceito de *manie sans délire*<sup>1</sup> para descrever indivíduos que se comportavam sem restrições morais, agressivamente, com consequências danosas para os outros e com ausência de emoções morais, tais como a culpa, sem a presença de delírios mentais. Mais de um século depois, o psiquiatra norte-americano Hervey Cleckley (1941) publica a obra pioneira, *The Mask of Sanity*, que constitui um marco na investigação da psicopatia e na evolução da sua concetualização. Nesta obra autor descreve as características da psicopatia, identificando a falta de remorso ou vergonha e frieza emocional como as características cruciais da personalidade psicopata. Relativamente à caracterização concetual da psicopatia, na área da criminologia, destacam-se os autores McCord e McCord (1964), que de forma semelhante a Cleckley consideravam que os psicopatas têm défices afectivos. Distanciam-se, contudo, deste autor na medida em que identificaram a *lovelessness* e *guiltlessness*, i.e., ausência de compaixão e culpa, como centrais na psicopatia criminal, caracterizando os psicopatas como impulsivos, agressivos e egoístas. Destaca-se ainda historicamente Lee Robins (1978) que enfatizou o comportamento agressivo persistente e precoce, influenciando a noção contemporânea da perturbação da personalidade antissocial (APD). É importante realçar que a psicopatia e a APD são conceitos distintos (e.g., Hare, 2003). Algumas décadas depois, a descrição clínica da psicopatia de Cleckley desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do construto de Robert Hare (1991). Na concetualização inicial de Hare a psicopatia engloba uma constelação de características da personalidade e do domínio comportamental que estão divididas em dois fatores moderadamente correlacionados. O modelo da psicopatia de dois fatores corresponde ao modelo estrutural mais reconhecido da PCL-R (Psychopathy Checklist – Revised, Hare, 2003) e a uma concetualização da psicopatia amplamente aceite pela comunidade científica ao longo de muitos anos (Hare, 1991;

---

<sup>1</sup> Tradução literal: “mania sem delírio”

Harpur, Hakstian, & Hare, 1988). O Fator 1 (F1), Distanciamento Emocional (*Emotional Detachment*) ou Interpessoal/Afetivo, inclui as características afetivas e interpessoais da psicopatia: falta de empatia, frieza emocional, falta de remorsos ou culpa, afeto superficial e défices em assumir a responsabilidade (caraterísticas afetivas); a loquacidade ou charme superficial, a autoestima grandiosa, mentir patologicamente e o estilo manipulador (caraterísticas interpessoais). O Fator 2 (F2), Desviância Social (*Social Deviance*), abrange os aspetos estilo de vida e antissocial. As caraterísticas do estilo de vida são a necessidade de estimulação, a impulsividade, a irresponsabilidade, a orientação parasítica e a falta de objetivos realistas. O baixo controlo comportamental, os problemas comportamentais precoces, a delinquência juvenil, a revogação de liberdade condicional e a versatilidade criminal correspondem às caraterísticas da faceta antissocial (Hare, 1991, 2003).

O instrumento de avaliação da psicopatia *Psychopathy Checklist—Revised* (PCL-R; Hare, 2003) e os seu derivados a *Psychopathy Checklist: Screening Version* (PLC-SV; Hart, Cox, & Hare, 1995) e a *Psychopathy Checklist: Youth Version* (PCL-YV; Forth, Kosson, & Hare, 2003) são as medidas de diagnóstico de psicopatia mais vastamente utilizadas e melhor validadas, sendo os instrumentos de referência a nível internacional na avaliação da psicopatia na população penitenciária e na prática legal e clínica ao longo dos últimos anos em adultos - PCL-R, PLC-SV - e em adolescentes - PLC-YV (Skeem & Cooke, 2010). A PCL-R e os seus derivados avaliam a psicopatia recorrendo a uma entrevista semiestruturada e a análise documental e de informação colateral (Hare, 2003). A PCL-R produz pontuações dimensionais. Contudo, este instrumento tem sido utilizado usualmente na investigação para categorizar dicotomicamente indivíduos como psicopatas e não psicopatas. De acordo com algumas perspectivas (e.g., Patrick & Zempolich, 1998) os estudos beneficiariam se, ao invés de dicotomizar o resultado da avaliação, considerassem a natureza dimensional do conceito, possibilitando o estudo das contribuições diferenciadas dos fatores da psicopatia e das suas características. Existe evidência de que a psicopatia é um construto dimensional, ao invés de uma entidade taxonomicamente delimitada (Edens, Marcus, Lilienfeld, & Poythress, 2006; Hare, 2003).

Apesar da PCL-R ter sido influenciada pelo conceito de psicopatia de Cleckley e ser composta por várias caraterísticas incluídas na definição deste autor, esta inclui outras caraterísticas que não se encontram na descrição original, designadamente o comportamento antissocial, e não abrange outros aspetos incluídos nesta descrição, tais

como a baixa ansiedade (Cooke, Michie & Hart, 2006). Na descrição clínica de Cleckley (1941) a psicopatia não era restrita a indivíduos identificados pelo sistema de justiça. No mesmo sentido, a descrição da psicopatia realizada por McCord (1961) é estendida para abranger a população geral, uma vez que na perspectiva do autor justapor a delinquência à psicopatia não atende à complexidade do conceito. Contrariamente a estas concetualizações anteriores, a concetualização da PCL foi substancialmente caracterizada e estudada a partir de populações forenses. Contudo, existe evidência de que os traços da psicopatia são distribuídos de forma contínua na população geral (Krueger, Markon, Patrick, & Iacono, 2005; Lilienfeld & Widows, 2005; Skeem, Polaschek, Patrick, & Lilienfeld, 2011). Atualmente existe um debate ativo relativamente à centralidade do comportamento criminal na definição da psicopatia (Cooke & Michie, 2001; Skeem et al., 2011). Como consequência deste debate emergiram novos modelos estruturais, nomeadamente de Cooke e Michie (2001), que propuseram um modelo de três facetas da PCL-R, propondo que a psicopatia é melhor concetualizada através de três facetas, que excluem o comportamento criminal. Assim, os itens relacionados com o comportamento criminal da PCL-R foram excluídos, sendo as três facetas as seguintes: (i) Estilo Interpessoal Arrogante e Dissimulado; (ii) Deficiente Experiência Afetiva; e, (iii) Estilo Comportamental Irresponsável e Impulsivo. Posteriormente, Hare (2003) propôs um novo modelo estrutural de quatro facetas, que tinham origem nos dois fatores, que foram divididos em dois sub-aspetos: o F1 foi dividido nas suas características Afetivas e Interpessoais e o F2 foi dividido nos dois aspetos Estilo de Vida e Antissocial. Embora tenham surgido novos modelos da psicopatia, o modelo de dois fatores continuou a ser o modelo concetual de psicopatia mais vastamente investigado (Skeem et al., 2011).

Os autores Patrick, Fowles e Krueger (2009) propuseram uma concetualização triárquica da psicopatia que inclui e consubstancia diversas descrições, perspetivas contemporâneas e históricas da concetualização da psicopatia e fornece um enquadramento para coordenar a investigação sobre processos neurobiológicos e desenvolvimentais que contribuem para várias manifestações da psicopatia. Segundo o modelo triárquico da psicopatia, esta engloba três construtos fenotipicamente distintos, que têm subjacentes processos desenvolvimentais e etiológicos distintos: a *disinhibition*, a *boldness* e a *meanness*. A componente *boldness* (ousadia) corresponde à combinação de dominância alta, ansiedade baixa e *venturesomeness* (espírito aventureiro). Esta é a capacidade de se manter calmo e concentrado em situações que envolvem pressão ou

ameaça e recuperar rapidamente de acontecimentos que envolvem stress. É caracterizada pela eficácia social e autoestima elevadas, e por tolerância relativamente ao desconhecido e perigo. A *boldness* é considerada uma expressão fenotípica adaptativa de uma disposição para a falta de medo. Foi postulado que défices em estruturas cerebrais, designadamente a amígdala, desempenham um papel na emergência desta disposição e existem também outros fatores que contribuem para este fenótipo (e.g., o funcionamento do circuito cerebral superior implicado na regulação emocional, influências parentais que promovam competência e autoridade; Patrick et al., 2009). A *meanness* (malvadez) é definida como a procura de recursos através da agressividade e sem ter em consideração os outros (desvinculação ativa). Esta reflete uma tendência para a frieza, a crueldade, a agressão predatória e a procura de sensações fortes. Implica défices na empatia, desdém por ou falta de vínculos afetivos com os outros, exploração e procura de poder através da crueldade. Apesar de a *meanness* ser fenotipicamente distinta da *boldness*, ambas partilham a mesma base etiológica: défices no sistema de medo (*trait fearlessness*). Existem influências ambientais que são suscetíveis de desenvolver a *meanness*, nomeadamente os maus-tratos parentais e o abuso sexual físico precoce, e, provavelmente, também contribuem influências constitucionais-genéticas distintas. A componente *disinhibition* (desinibição) é definida como a falta de inibição comportamental e emocional e reflete uma tendência para a impulsividade, a irresponsabilidade e a raiva ou a hostilidade. Esta é caracterizada por um pobre planeamento e capacidade de previsão, défices na regulação emocional e de impulsos, insistência na gratificação imediata e défices no controlo de comportamentos. A vulnerabilidade para a externalização que subjaz etiológicamente a esta componente terá origem em défices no funcionamento de sistemas superiores do cérebro - o córtice pré-frontal e o córtice cingulado anterior (id.).

Para além das escalas de psicopatia baseadas em entrevista e consulta de processos, foram desenvolvidas medidas que correspondem a questionários de autopreenchimento, que possuem benefícios relativamente às medidas anteriores. Designadamente exigem menos recursos temporais, são menos dispendiosas e são vantajosas em estudos na comunidade, nos quais é complicado realizar a análise documental e aceder a informação colateral, podendo ser administradas a populações forenses e não-forenses (Patrick & Zempolich, 1998). Consequentemente, esta é uma metodologia extensivamente utilizada para avaliar a psicopatia na população geral (Patrick, 2010). A *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP-III; Paulhus, Neumann, & Hare,

in pres) e a *Levenson Self-Report Psychopathy Scale* (LSRP; Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995) partilham a estrutura concetual do modelo PCL. Outras medidas, que não seguem a estrutura da PCL, seguem um modelo que reflete a estrutura conceptual de dois fatores ortogonais que inspira o modelo triárquico. Tal é o caso do *Psychopathic Personality Inventory* (PPI; Lilienfeld & Andrews, 1996) e a sua revisão o *Psychopathic Personality Inventory-Revised* (PPI-R; Lilienfeld & Widows, 2005). Estes eram compostos inicialmente por oito subescalas unidimensionais, que pretendiam capturar os traços descritos por Cleckley (1941), e que mais tarde revelaram estruturar-se em dois fatores ortogonais, denominados *Fearless Dominance* e *Impulsive Antisociality* (Lilienfeld & Widows, 2005). A Medida Triárquica da Psicopatia (*Triarchic Psychopathy Measure*, TriPM; Patrick, 2010) foi desenvolvida com o intuito de operacionalizar a concetualização triárquica da psicopatia de Patrick, Fowles e Krueger (2009), avaliando a psicopatia em três escalas respetivas às componentes fenotípicas distintas supracitadas. A escala *meanness* correlaciona-se moderadamente com a escala *disinhibition*, a correlação entre as escalas *meanness* e a *boldness* é fraca, bem como a correlação entre as escalas *disinhibition* e *boldness*. As medidas de autopreenchimento que enfatizaram a avaliação do F2 (e.g., LSRP) podem ser vistas como avaliando a componente *disinhibition* e num menor grau a componente *meanness*. A PCL-R, a PPI e a PPI-R avaliam os três conceitos triárquicos. Cada escala do TriPM está associada a uma faceta da PCL-R. A *boldness* é a que está mais relacionada com o aspeto interpessoal da PCL-R, refletindo o charme, a grandiosidade, a dissimulação e a manipulação. A *meanness* é a que está mais relacionada com a faceta afetiva, refletindo a frieza, a ausência de remorso, o afeto superficial e a falta de planos a longo prazo. E, a *disinhibition* é a que está mais relacionada com a característica estilo de vida, refletindo a impulsividade, a irresponsabilidade, a propensão para o tédio, o estilo de vida parasita e a falta de planos a longo prazo. Todas as três escalas do TriPM contribuem independentemente na predição da faceta do comportamento antissocial da PCL-R, refletindo problemas do comportamento precoces, delinquência juvenil, agressividade, versatilidade criminal e propensão para reincidir. A PCL-R abrange a *disinhibition* e a *meanness* primariamente, e a *boldness* secundariamente (Patrick, 2010). O conceito de *boldness* é importante na compreensão dos denominados psicopatas bem-sucedidos, considerados indivíduos charmosos, persuasivos, imperturbáveis e com espírito aventureiro e que alcançam sucesso em profissões de estatuto social elevado, e.g., militares, políticos e líderes empresariais (Lykken, 1995).

Por fim, os instrumentos de avaliação de autopreenchimento mais conhecidos na avaliação da psicopatia em populações de crianças e de adolescentes foram desenvolvidos com o intuito de capturarem os itens da PCL-R. Estes são os seguintes: a *Child Psychopathy Scale* (CPS; Lynam, 1997), que utiliza o modelo de dois fatores para avaliar crianças; o *Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick & Hare, 2001), que avalia traços de psicopatia em adolescentes e está dividido em três subescalas: Narcisismo, Impulsividade e Frieza Emocional (*Callous-Unemotional*). Inicialmente o APSD foi desenvolvido para avaliar a psicopatia em crianças a partir do preenchimento deste por outras fontes: pais (APSD-*Parent*, APSD-P) e professores (APSD-*Teacher*, APSD-T; id.).

Resumindo, ao longo da história a psicopatia assumiu distintas conceitualizações, que conduziram a métodos diferenciados da sua avaliação. Na interpretação dos resultados dos estudos deve-se ter em consideração a metodologia e conceitualização da psicopatia utilizada por estes. Apesar da riqueza e extensão da literatura existente no âmbito da investigação da psicopatia, a comunidade científica não é unânime relativamente à sua conceitualização e à sua operacionalização, permanecendo debates concernentes ao âmbito e à definição do seu conceito e da metodologia mais adequada para a sua avaliação (e.g., Skeem et al., 2011).

## **2. Etiologia da psicopatia**

O impacto negativo do comportamento criminal e, em particular, violento e grave, praticado por indivíduos diagnosticados com psicopatia na sociedade despertou o interesse dos profissionais. Por conseguinte, nos últimos anos, foi dedicada uma grande quantidade de atenção ao estudo da etiologia da psicopatia, com o intuito de obter um maior conhecimento do seu desenvolvimento, que permita o tratamento e a profilaxia do comportamento criminal (e.g., Glenn & Raine, 2009; Patrick et al., 2009). Ao longo da história, surgiram diversos modelos com o intuito de explicar as causas da psicopatia. De seguida apresentam-se alguns dos principais modelos etiológicos da psicopatia.

O modelo de baixo medo (Lykken, 1995) postula que os psicopatas têm défices no sistema de medo ou de ansiedade, que afeta a sua socialização através da disrupção do processo de associação de punições ao comportamento antissocial.

O modelo da modulação de resposta (Patterson & Newman, 1993) coloca como hipótese que os psicopatas têm défices na modulação do *set* de resposta de acordo com as pistas ambientais e, como consequência, possuem dificuldades em adaptar-se à

mudança de circunstâncias devido à incapacidade de processar estímulos periféricos (e.g., punição) que sinalizam a necessidade de mudar o comportamento aquando da produção de uma resposta dominante, como a procura de uma recompensa desejada.

O modelo mecanismo de inibição da violência (*Violence Inhibition Mechanism*, VIM; Blair, 1995) foi proposto como um modelo de desenvolvimento da moralidade que implica uma causa específica para a psicopatia. Este modelo teve origem em estudos na área da etologia, que sugerem que a maioria das espécies animais sociais possuem mecanismos para controlar a agressividade intra-específica (Lorenz, 1966). Blair (1995) sugere que os humanos possuem um mecanismo análogo: o VIM. Este é considerado um mecanismo cognitivo que é ativado na presença de pistas de angústia, isto é, expressões faciais ou vocalizações de medo e tristeza. A ativação do VIM tem como consequência o aumento da atividade autonómica, o aumento da atenção e a ativação do sistema de reação à ameaça, resultando geralmente em inibição comportamental. De acordo com o modelo, a socialização moral ocorre através da associação da ativação do mecanismo através de pistas de angústia com representações de atos que causaram as pistas de angústia, i.e., transgressões morais. Como consequência da associação repetida de representações da transgressão moral com as pistas de angústia causadas pelo ato, essas representações da transgressão tornam-se, através de mecanismos de condicionamento, um estímulo condicionado para a ativação do VIM. Como as transgressões convencionais não têm como resultado vítimas, estas nunca são associadas a sinais de angústia e, assim, nunca se irão tornar um estímulo para ativação do VIM. A ativação do VIM determina a distinção entre a transgressão moral e a transgressão convencional proposta por Turiel (1983). O sentimento de aversão à transgressão moral que resulta no ato irá ser julgado como mau, independentemente do contexto da transgressão. Contrariamente, as transgressões convencionais não dão origem a este sentimento de aversão. Estas deixam de ser julgadas como más, ao modificarmos o contexto da transgressão e eliminarmos a regra. No desenvolvimento normal de uma criança, esta considera, inicialmente, a angústia dos outros como aversiva e depois, através da socialização, considera os pensamentos dos atos que causam a angústia aos outros aversivos. Assim, sempre que uma criança praticar um comportamento violento, as pistas de angústia da vítima funcionarão como punição. Através destes processos de condicionamento o pensamento da agressão passará a ser aversivo e irá desencadear o VIM.

A teoria de Blair (1995) descreve o modelo causal das consequências do desenvolvimento do VIM, que postula que para o desenvolvimento normal de emoções morais é necessário um VIM funcional, ou seja, este é a base para o desenvolvimento de emoções morais (culpa, remorso, simpatia, dores de consciência). Existem duas explicações para o desenvolvimento do VIM, designadamente que este é desenvolvido através da maturação de estruturas fisiológicas ou por experiências de socialização iniciais. O sistema nervoso autónomo é necessário para o desenvolvimento de todas as emoções, sendo que o VIM permite apenas o desenvolvimento de emoções morais. Quando o VIM é estimulado gera ativação, que será interpretada como uma das emoções morais. Através de processos de aprendizagem por associação da ativação do VIM com representações da situação de transgressão ou representações formadas através da tomada de papel da experiência das vítimas, irá resultar na expansão dos estímulos que desencadeiam a ativação do VIM. Esta expansão permite a experiência de empatia, o desenvolvimento de inibições de comportamentos violentos e a expressão da distinção moral/convencional. Uma ausência do VIM é, assim, concetualizada quer como consequência de défices fisiológicos, quer como falta de experiências de socialização iniciais. A inexistência do VIM irá ter como consequência a ausência de emoções morais, que corresponde à descrição clínica da psicopatia. A presença de traços de psicopatia está associada a tendências violentas numa idade muito precoce (Frick & Marsee, 2006). As características comportamentais da psicopatia – o início prematuro de comportamento agressivo do qual não decorre qualquer sentimento de culpa ou empatia pela vítima – são predições diretas do défice do VIM. Este défice não tem como consequência automática o indivíduo tornar-se psicopata. Apenas significa que se perdeu uma fonte de interrupção e inibição do comportamento violento, de produção de comportamento empático e da distinção moral/convencional. Se os indivíduos com altos índices de psicopatia têm défices no VIM, irão ter falta de empatia, não irão inibir o comportamento violento e não irão realizar a distinção entre as transgressões morais e convencionais. Além disso, esta posição prevê que os indivíduos com altos valores de psicopatia irão tratar da mesma forma as regras sociais e as morais e que não irão realizar justificações morais baseadas na vítima (Blair, 1995).

O modelo *Integrated Emotion System* (IES; Blair, 2005) sugere que a amígdala é a responsável pela disfunção emocional dos indivíduos com altos valores de psicopatia, designadamente debilitando o processamento empático do medo. A amígdala é uma região do cérebro que faz parte do sistema límbico e é importante na formação de



associações por condicionamento clássico e instrumental (Davis, 2000; LeDoux, 2000), por exemplo na associação de um estímulo aversivo incondicionado de angústia do outro com as representações do ato que causam a angústia no outro, o processo inerente à socialização. Estudos de neuroimagem demonstraram que a amígdala se ativa com expressões de tristeza e de medo e que pacientes com lesões nesta área evidenciam défices no reconhecimento de expressões de medo e de tristeza (Adolphs, 1999; Adolphs et al., 1999; Blair et al., 1999; Calder et al., 1996). De acordo com o modelo IES, a disfunção no funcionamento amigdalino debilita a capacidade de experienciar e reconhecer as emoções de angústia dos outros e, deste modo, interfere no desenvolvimento da empatia. Os défices nessas experiências conduzem a um aumento do risco de comportamento antissocial e violência instrumental (Blair, 2005). Existe evidência robusta de que a amígdala desempenha um papel fundamental no processamento de expressões faciais de emoção, especialmente de medo (Adolphs, et al., 1994; Adolphs et al., 1995; Phelps & LeDoux, 2005; Sato et al., 2002; ver Sergerie, Chochol & Armony, 2008 para o papel da amígdala em outras emoções) e de que a psicopatia está associada a anomalias estruturais e funcionais na amígdala em adultos e em crianças (DeLisi et al., 2009; Jones et al., 2009; Tiihonen, Hodgins & Vaurio, 2009). Recentemente, outros autores também se centram na disfunção na amígdala como causa de desenvolvimento da psicopatia, diferindo da teoria anterior, na medida em que a psicopatia é associada a uma atenção deficitária a pistas sociais relevantes, i.e., os indivíduos com valores altos de psicopatia não alocam a sua atenção no olhar e, consequentemente, têm défices no reconhecimento das emoções (Dadds et al., 2012). Existe evidência de que os défices no processamento emocional de faces em pacientes com lesão amigdalina são causados pela incapacidade em fixar a sua atenção nos olhos do alvo (Adolphs et al., 2005). Constataram-se estes resultados em estudos de populações de autistas (Spezio, Huanf, Castelli, & Adolphs, 2007). A amígdala parece, assim, desempenhar um papel importante na alocação de recursos no processamento de informação ambiental saliente (id.). Estes modelos não estão isentos de críticas. Por exemplo, de acordo com o autor Lorenz e Newman (2002), os modelos da psicopatia que enfatizam problemas na decodificação de emoções conduzem-nos ao seguinte paradoxo: como é que os psicopatas podem ser considerados bons manipuladores emocionais, persuasivos e enganadores se não identificam os sentimentos dos outros?

### **3. A relação entre a psicopatia, a moralidade e a empatia**

O comportamento amoral e os défices de empatia são considerados características fundamentais da psicopatia (Blair, Mitchell & Blair, 2005). Tal como foi descrito no enquadramento histórico da psicopatia, estas características foram incorporadas em várias definições da psicopatia ao longo dos tempos, desde as suas teorias clássicas até às contemporâneas, variando a ênfase dada a cada uma destas. Ademais, ao nível dos modelos etiológicos da psicopatia, destaca-se a teoria de Blair (1995), que sugere que a psicopatia pode ser uma consequência desenvolvimental de uma disfunção precoce do mecanismo de inibição de violência, que se ativa perante pistas de angústias e inibe o comportamento agressivo. Os défices no VIM ou uma falha no seu desenvolvimento podem resultar no fenótipo da psicopatia e na não inibição do comportamento violento perante pistas de angústia da vítima. O autor propôs que este mecanismo é um pré-requisito para o desenvolvimento de certos aspetos da moralidade, designadamente o desenvolvimento da distinção moral/convencional e de emoções morais, tais como a culpa, o remorso, a simpatia e a empatia. Nesta secção, iremos proceder a uma revisão da literatura centrada na relação entre a empatia, a moralidade e a psicopatia.

#### **3.1 A psicopatia e a moralidade**

Inicialmente os estudos da relação entre a psicopatia e a moralidade focaram-se em questões do desenvolvimento do sentido de justiça, tendo como subjacente a teoria cognitivo-desenvolvimental do raciocínio moral de Kohlberg (1983). Na teoria de Kohlberg (1983) o raciocínio moral desenvolve-se por uma ascensão de sucessivos seis estádios que constituem três níveis de desenvolvimento do raciocínio moral: o pré-convencional; o convencional, no qual os sujeitos já interiorizaram as normas e as expectativas sociais e procuram viver de acordo com estas; e, o pós-convencional, o nível superior do desenvolvimento moral, no qual o valor moral das ações é orientado por princípios éticos universais, tais como direito à vida, à liberdade ou à justiça, dependendo menos da conformidade do indivíduo às normas morais e sociais vigentes. Os estudos que tinham como enquadramento teórico uma perspetiva kohlbergiana da moralidade colocaram como hipótese que o raciocínio moral dos indivíduos psicopatas se encontra num nível menor do desenvolvimento moral, i.e., o nível pré-convencional, no qual os indivíduos interpretam as regras culturais e as normas morais em termos das suas consequências físicas e hedonísticas da ação (a punição, a recompensa e troca de

favores) bem como em termos do poder físico de quem as enuncia. Este nível está dividido nos seguintes dois estádios: o estádio 1 - a moral do castigo – onde está subjacente uma orientação para a punição e obediência; e, o estádio 2 – a moral do interesse – onde domina uma orientação calculista e instrumental. Estudos iniciais sugeriram que o raciocínio moral de psicopatas se encontra num estádio inferior relativamente a controlos criminais em jovens (Fodor, 1973; Jurkovic & Prentice, 1977) e de que o raciocínio moral de psicopatas se encontra num nível inferior relativamente a controlos não-forenses (Campagna & Harter, 1975; Jurkovic & Prentice, 1977). Noutros estudos não foram evidenciadas diferenças entre o raciocínio moral de indivíduos com altos níveis de psicopatia e controlos criminais, apenas documentando que delinquentes tinham um nível menor de raciocínio moral relativamente a não-delinquentes (Lee & Prentice, 1988; Trevathan & Walker, 1989). Há uma evidência clara de que delinquentes têm um nível de raciocínio moral inferior relativamente aos controlos não-delinquentes (Blasi, 1980; Trevathan & Walker, 1989), contudo a evidência da existência de uma associação entre a psicopatia e o estádio de raciocínio moral é inconsistente. Mais recentemente, um estudo que utilizou cenários morais baseados no dilema do *trolley* (Thomson, 1985), evidenciando que não existiam diferenças entre reclusos com altos vs. baixos valores de psicopatia, sendo que ambos julgavam como menos permissivos os atos que implicavam danos aos outros (Cima, Tonnaer, & Hauser, 2010). Este estudo concluiu o seguinte: «*Psychopaths know right or wrong, but simply don't care.*» (in Cima et al., 2010, p.66). Outros estudos realizados na população geral obtiveram resultados semelhantes: os indivíduos com maiores tendências psicopáticas não diferem de indivíduos com *scores* mais baixos nas respostas de auto-relato a dilemas morais (Glenn, Raine, Schug et al., 2009; Seara-Cardoso et al., 2012). No entanto, apesar da similitude nas respostas, os processos cerebrais subjacentes aos juízos em sujeitos com valores com mais altos de psicopatia parecem ser distintos dos de indivíduos com valores menos elevados, nomeadamente com menores recursos a estruturas tipicamente relacionadas com processos emocionais e maior alocação de estruturas classicamente relacionadas com esforço cognitivo (Glenn et al., 2009).

Uma parte importante dos estudos da moralidade na psicopatia centra-se na relação entre estes traços e a distinção moral/convencional. De acordo com Turiel (1983), as transgressões morais são definidas pelas suas consequências nos direitos e bem-estar dos outros, enquanto as transgressões sociais são definidas pelas suas consequências na ordem social. As transgressões morais distinguem-se das

transgressões sociais na medida em que são julgadas como erradas independentemente da permissão de uma autoridade geral e na generalidade, i.e., independentemente do contexto ou da sociedade em que ocorrem, envolvem uma violação do bem-estar físico, direitos ou normas de justiça e são graves, enquanto as transgressões convencionais abrangem atos que são considerados errados na medida em que violam as normas e regras sociais. Existe evidência empírica que suporta a hipótese que adultos e crianças com psicopatia e antissociais têm dificuldade na distinção entre transgressões morais e convencionais (Blair, 1995, 1997, 2008; Blair et al., 2002; Levenston et al., 2000). Estes estudos utilizam como metodologia de avaliação da distinção moral/convencional a *Moral-Conventional Transgressions task*<sup>2</sup> (MCT; Turiel, 1983). Os resultados de um estudo que utilizou o MCT realizado por Blair (1995), numa amostra forense constituída por vinte indivíduos do sexo masculino e caucasianos internados nos hospitais psiquiátricos sob a categoria legal de Perturbação Psicopática, que tinham praticado crimes violentos, revelaram que psicopatas não realizaram a distinção entre transgressões com consequências danosas para os outros, designadas por transgressões morais, e transgressões convencionais, que violam normas e regras sociais. Estes trataram as transgressões convencionais como transgressões morais, considerando todas as transgressões como independentes de autoridade, contrariando a previsão do autor de os psicopatas tratarem as transgressões morais como transgressões convencionais. De acordo com o autor este resultado pode ser influenciado pelo desejo dos psicopatas demonstrarem a sua aderência às normas sociais, uma vez que eram reclusos. Este desejo, em conjunto com défices no VIM, que não lhes permite identificar as características distintivas na diferenciação entre transgressões morais e convencionais resultou no padrão indiferenciado de respostas. Contudo, os não-psicopatas tinham a mesma condição de reclusão e foram capazes de realizar a distinção entre as transgressões morais e as transgressões convencionais, devido à operação do VIM. Os psicopatas relativamente aos não-psicopatas ao justificarem o porquê de ser errado praticar as transgressões morais foram muito menos propensos a fazer referências ao bem-estar das vítimas, à sua dor e ao seu desconforto (e.g., “isso magoa”), e utilizaram predominantemente justificações normativas (e.g., “é errado” ou “não é socialmente

---

<sup>2</sup> A *Moral-Conventional Transgressions task* (MCT; Turiel, 1983) apresenta vários cenários escritos aos participantes, em cada um é apresentada uma história em que um ator pratica uma ação e o participante deve julgar se esse ato corresponde ou não a uma transgressão. Caso responda que a ação é transgressiva, deve também indicar se a ação continuaria a ser errada se uma autoridade legítima a permitisse (e.g., se o Governo aprovasse uma lei que permitia a ação) ou se a ação ocorresse noutro contexto (e.g., noutros tempos ou noutra sociedade onde era aceite).

aceitável”). Este resultado foi interpretado à luz da teoria, segundo a qual como consequência da ausência do VIM o indivíduo não associa a dor do outro à transgressão e não utiliza justificações referentes ao bem-estar dos outros. Noutro estudo realizado também por Blair (1997), com uma amostra de 42 crianças residentes na *Oakwood Special School*, que é uma escola para crianças com perturbações emocionais e comportamentais, as crianças com tendências psicopáticas realizaram significativamente menos a distinção moral/convencional do que o grupo de controlo. Este resultado foi replicado num estudo posterior de Blair, Monson e Frederickson (2001), cuja amostra era constituída por cento e duas crianças e adolescentes com dificuldades emocionais e comportamentais do sexo masculino, residentes em escolas especiais para este tipo de crianças. No estudo de Blair (1997), contrariamente ao previsto, as crianças com tendências psicopatas não fizeram menos referências ao bem-estar das vítimas do que os controlos. No entanto, no estudo de Blair, Monson e Frederickson (2001) as crianças avaliadas com níveis altos de psicopatia foram menos propensas a referir o bem-estar dos outros nas suas justificações da gravidade das transgressões morais.

Nichols (2002) critica Turiel afirmando que este não atribuiu importância ao papel das emoções na moralidade e que estas podem ter um papel fundamental na moralidade, sugerindo que os juízos morais também podem depender de mecanismos afetivos. Seguindo a mesma perspetiva, Prinz (2006) afirma que o juízo de uma transgressão como moral ao invés de convencional pode ter como subjacente as emoções em vez de uma deliberação cognitiva, uma vez que mais do que o juízo de uma ação como violadora de regras e normas sociais, o juízo de uma ação como transgressiva a regras e normas morais está diretamente relacionado com as emoções. Assim, para Nichols (2002), nos juízos morais além de se considerarem violações relacionadas com normas que proíbem ações que causam danos aos outros, também é importante considerar normas que envolvem outros conteúdos emocionais: que proíbem comportamentos que causam nojo, denominando de *norms with feeling*. O estudo realizado por Ferreira-Santos et al. (2012) demonstrou o potencial papel das emoções nos juízos morais ao evidenciar uma associação entre emoções e juízos morais, nomeadamente as transgressões morais foram percebidas como mais negativas e perturbadoras e ativadoras emocionalmente do que as transgressões sociais.

Tal como os autores anteriores, Haidt (2007) critica as teorias racionalistas da moralidade por não se focarem em fatores emocionais. O autor propõe um modelo de funcionamento moral que expande o modelo racionalista, dando relevo ao papel das

intuições e da influência social no julgamento moral. Para além de existir uma forma de julgamento moral relacionado com a deliberação cognitiva, i.e., o raciocínio moral, o modelo do intuicionismo social sugere que também existe outra forma de julgamento moral que é intuitiva e não racional, i.e., afetiva. E, propõe que as ações e juízos morais são mais provocados pela intuição do que pela razão: quando tomamos decisões morais o juízo moral é primariamente baseado em intuições morais, o raciocínio moral surge secundariamente como justificação racional da intuição moral. E, que o último é mais predisposto a ser realizado ao nível interpessoal do que individual, refletindo motivos sociais ao invés de princípios abstratos. Esta abordagem à moralidade deu origem ao Modelo Socio-Intuicionista (Haidt, 2007) e à Teoria das Fundações Morais (*Moral Foundations Theory*, MFT; Haidt & Graham, 2007)<sup>3</sup>. Esta última estende os domínios morais propostos originalmente por Turiel (1983), que são restringidos às categorias de dano e de justiça/reciprocidade, a outros domínios relacionados com questões de lealdade com o grupo, de respeito pela autoridade e de abstinência de prazeres carnis (Haidt & Graham, 2007). A MFT (id.) postula que existem pelo menos cinco sistemas psicológicos inatos, as intuições morais, que fornecem as bases à moralidade ao longo das diversas culturas, designadamente: o Dano (*Harm/care*); a Justiça-Reciprocidade (*Fairness/reciprocity*); o Grupo-Lealdade (*Ingroup/loyalty*); a Autoridade-Respeito (*Authority/respect*); e, a Puridade-Santidade (*Purity/sanctity*). O dano representa preocupações com a violência e o sofrimento dos outros, incluindo a compaixão e o cuidado. A Justiça-Reciprocidade representa as normas de relações recíprocas, equidade, direitos e justiça. O Grupo-Lealdade representa obrigações morais relacionadas com a pertença a um grupo, tais como a lealdade, deslealdade ou traição, e as expectativas de um tratamento preferencial para os membros do grupo relativamente aos membros exteriores ao grupo. A Autoridade-Respeito que representa obrigações morais relacionadas com as relações hierárquicas, tais como a obediência, o dever, o respeito pelos superiores e a proteção dos subordinados. E, a Puridade-Santidade representa o ideal moral de viver de um modo elevado, nobre e menos carnal, subjacente a intuições sobre a divindade, sentimentos de nojo moral e a pureza do corpo, da mente e da alma. As cinco fundações são preparações psicológicas para

---

<sup>3</sup> A MFT tem como subjacente uma perspectiva evolucionista, segundo a qual as fundações da moralidade humana consistem em módulos selecionados evolutivamente, estando presentes nas sociedades ancestrais e todas as fundações, com exceção da pureza ou santidade, têm como precursores processos que podem ser encontrados em animais não humanos. Estas são o resultado da seleção natural para resolver problemas adaptativos relacionados com a sobrevivência e reprodução (Haidt, 2007).

detetar e reagir emocionalmente a questões relacionadas com o dano, a justiça ou reciprocidade, a lealdade com o grupo, o respeito pela autoridade e a pureza ou santidade. Existe evidência robusta que apoia a existência destas cinco fundações morais (Graham, Nosek, Haidt, Iyer, Koleva, & Ditto, 2011; Haidt & Graham, 2007). As culturas variam no grau com que valorizam e enfatizam cada uma destas virtudes baseadas nas cinco fundações intuitivas. A cultura ocidental tem como subjacente uma moralidade fundada na justiça e cuidado, enquanto a cultura oriental abrange todas as fundações morais (Haidt, 2007; Haidt, Koller, & Dias, 1993). Ao nível de ideologia política, os liberais guiam-se primariamente por fundações morais de justiça-reciprocidade, enquanto os conservadores constroem sistemas morais baseados nas cinco fundações morais (Haidt & Graham, 2007).

Como foi descrito anteriormente, há uma literatura abundante e uma evidência muito forte de que indivíduos com valores mais altos de psicopatia apresentam uma preocupação reduzida relativamente à preocupação com o bem-estar dos outros (e.g., Blair et al., 2002; Levenston et al., 2000). No entanto, relativamente à relação entre a psicopatia e as fundações morais para além do dano a literatura é escassa e a evidência quase inexistente. O estudo dos autores Glenn, Iyer, Graham, Koleva e Haidt (2009), constituído por uma amostra de grandes dimensões de adultos selecionados na comunidade, foi o primeiro a tentar responder à seguinte questão: Será que a psicopatia está associada a défices nos cinco domínios morais? Os resultados sugerem que os défices morais na psicopatia estão primariamente concentrados nos domínios morais de dano e justiça ou reciprocidade. Estes apenas evidenciaram que a psicopatia previa uma adoção menor da preocupação moral com a fundação moral de dano e da justiça-reciprocidade. Não foi reportada uma relação entre a psicopatia e a autoridade-respeito e esta teve relações muito fracas com as fundações grupo-lealdade e pureza-santidade. Além disso, valores elevados de psicopatia foram um preditor forte de valores baixos das duas dimensões da empatia, a tomada de perspetiva e a preocupação empática. Contudo, o estudo revelou que apesar de a psicopatia estar associada a estes dois elementos da empatia, apenas a preocupação empática mediou a relação entre a psicopatia e as fundações morais de dano e justiça ou reciprocidade, conduzindo à conclusão que a reduzida preocupação empática pode ser primariamente responsável por diferenças nos juízos morais que envolvem considerar se será causado um dano a outros ou serem tratados injustamente. Os autores indicam como explicação dos indivíduos com níveis altos de psicopatia serem menos predispostos a considerarem

princípios morais relacionados com o dano e a justiça ou reciprocidade ao realizarem juízos morais no seu quotidiano, estes indivíduos possuem défices ao nível da empatia e, consequentemente, não consideram o bem-estar de outros indivíduos como uma preocupação relevante, não os dissuadindo de praticar comportamentos imorais que causam dano a outros ou que exploram os outros. Outro resultado relevante deste estudo foi que a psicopatia prevê uma disposição para desconsiderar todos os domínios morais na presença de recompensa, sugerindo que as recompensas podem ser mais salientes do que as emoções negativas associadas à prática de atos imorais e têm um papel relevante na tomada de decisão moral dos psicopatas. De acordo com os autores, este resultado pode ter implicações importantes no sistema de justiça criminal, que utiliza técnicas de punição, ao invés de técnicas de recompensa na dissuasão dos indivíduos praticarem comportamentos imorais.

### **3.2 A psicopatia e a empatia**

A empatia é um conceito recente e complicado, na medida em que tem sido utilizado por diversos autores, em diferentes contextos e com vários significados (e.g., Zaki & Ochsner, 2012). Todos os investigadores concordam com a importância do conceito de empatia, mas discordam, frequentemente, acerca do motivo porque é importante, dos efeitos que tem, sobre a sua origem e, mesmo, sobre o que é (Batson, 2009). Apesar da literatura da empatia ter aplicado vários termos sobrepostos com o intuito de descrever processos subjacentes à empatia, os autores Zaki e Ochsner (2012) consideram útil agrupá-los em três classes mais amplas: (1) Partilha de experiência dos estados internos dos alvos; (2) *Mentalizing* - considerar explicitamente, e talvez compreender, os estados e recursos dos alvos; (3) Preocupação pró-social – expressar motivação para melhorar as experiências dos alvos (e.g., através da redução do seu sofrimento). Assim, embora não exista uma definição consensual da empatia, como sugerem Decety e Jackson (2004), muitos investigadores concordam que a empatia implica pelo menos três fenómenos: sentir o que outra pessoa está a sentir; saber o que outra pessoa está a sentir; e, responder à experiência de outra pessoa. A empatia tem grande importância em contextos de interação social, onde é fundamental compreender os sentimentos dos outros. Trata-se, portanto, de uma forma de cognição social<sup>4</sup>. O

---

<sup>4</sup> Cognição social refere-se ao conjunto de operações mentais que subjazem às interações sociais, e que incluem os processos implicados na perceção, interpretação e geração de respostas às intenções, disposições e comportamentos dos outros. Esta inclui as áreas de processamento das emoções, a perceção



conhecimento atual sobre o desenvolvimento da empatia sugere que esta envolve duas componentes: a componente afetiva – que envolve uma resposta emocional concordante decorrente do estado afetivo do outro - e a componente cognitiva - que envolve a capacidade de compreensão dos sentimentos do outro por associações simples ou por processos mais complexos de tomada de perspectiva (Zaki & Ochsner, 2012). O conhecimento das técnicas de neuroimagem possibilitou o avanço, de forma considerável, do conhecimento dos circuitos neuronais implicados na empatia, delineando a arquitetura funcional da empatia e especificando sistemas neuronais de forma separada para a partilha de experiência e *mentalizing* (Shamay-Tsoory, 2011). A evidência sugere que, entre outras estruturas, o córtex pré-frontal e temporal, a amígdala e outras estruturas límbicas, como a ínsula e o córtex cingulado desempenham um papel fundamental na empatia. Estas estruturas destacadas são semelhantes às relacionadas com a agressão, pelo que os circuitos neuronais implicados na empatia e na agressão podiam ser, parcialmente, semelhantes (Moya-Albiol et al., 2010; Zaki & Ochsner, 2012). A atividade neuronal que acompanha os processos das componentes emocionais e cognitivas da empatia parecem, maioritariamente, não se sobrepor. Há evidência de que lesões em áreas de cada um destes sistemas neuronais produzem deficiências dissociáveis nestas duas componentes da empatia. Além disso, sinais sociais e tarefas que comprometem um sistema, tipicamente falham a comprometer concorrentemente o outro sistema (Shamay-Tsoory, 2011). Recentemente, a investigação na área da neurociência cognitivo-afetiva evidenciou que as componentes da empatia são reguladas por sistemas neuronais distintos<sup>5</sup>. Apesar dos sistemas cognitivos e emocionais funcionarem independentemente, uma resposta empática pode evocar ambas as componentes dependendo do contexto social. As abordagens da neurociência modernas, ao ligarem-se com a psicologia, na qual se perspetivam estes dois processos em conjunto com a motivação pró-social como profundamente interativos, desenvolveram modelos neurocientíficos integrados da empatia. A evidência demonstra que os sistemas neuronais envolvidos na partilha de experiência e no *mentalizing* comumente coativam, quando se utilizam sinais e tarefas sociais complexos(as) (Shamay-Tsoory, 2011; Zaki & Ochsner, 2012).

---

social, o conhecimento das regras sociais, o estilo de atribuição e a teoria da mente (ToM) de Premack e Woodruff (Moya-Albiol et al., 2010).

<sup>5</sup> A área da parte opercular do giro frontal inferior (área 44 de Brodmann) e o lóbulo parietal inferior mostraram ser essenciais para a empatia emocional. Enquanto as partes anteriores do giro frontal superior e médio, giro orbital ou córtex orbitofrontal, giro reto e a zona mais anterior do giro frontal superior mostraram ser essenciais para a empatia cognitiva (Moya-Albiol et al., 2010).

Nas últimas décadas, a teoria e a investigação, na área da psicologia, têm destacado a importância da empatia no desenvolvimento moral, nomeadamente Eisenberg (2000a) destaca que além do desenvolvimento do pensamento racional e das capacidades cognitivo-sociais, como postulou Kohlberg (1983), os processos afetivos, enraizados em respostas empáticas a experiências emocionais dos outros, são centrais no desenvolvimento moral. Diversos estudos têm produzido evidência empírica de que a componente cognitiva da empatia, a tomada de perspetiva, está relacionada com um nível maior de raciocínio moral (Rest & Narvaez, 1991) e de raciocínio sobre dilemas morais pró-sociais (Eisenberg et al., 1991). De acordo com Eisenberg (2000a), as emoções ajudam a distinguir características morais em contextos específicos, a motivar o comportamento moral e a influenciar o comportamento amoral. A empatia foi descrita como uma “emoção moral”, por exemplo por Hoffman (2001), devido ao seu papel fundamental no desenvolvimento moral: sensibiliza o ser humano para o outro; permite obter informação do estado do outro; conduz o indivíduo a sentir-se como o outro, o que pode determinar a ação; transforma os princípios morais em cognições pró-sociais impetuosas – representações carregadas de emoção empática - que podem ser ativadas ao assistir a violações destes, dando-lhes, assim, o motivo base. A empatia é um conceito central do desenvolvimento pró-social. As respostas empáticas são assumidas como motivadoras do comportamento pró-social (Hoffman, 2001). Há evidência de que a empatia além de estar relacionada positivamente com o comportamento socialmente competente está associada positivamente ao comportamento pró-social, e.g., a cooperação, a partilha, a doação, entre outros comportamentos altruístas (Eisenberg et al., 2002; Eisenberg, 1991; Eisenberg et al., 1988; Feshbach & Feshbach, 2009; Miller & Eisenberg, 1988). Investigações que abordaram a relação entre a empatia e a cooperação, em crianças em que houve treino da empatia, produziram resultados positivos mais consistentes (Feshbach & Feshbach, 2009).

Numerosos autores sugeriram que pessoas que tendem a experienciar o sofrimento ou angústia de outro têm maior probabilidade de se absterem da agressão por causa da angústia vicariante, isto é, o desconforto induzido pela sua resposta empática às condições emocionais da vítima (Eisenberg, 2000b). A relação negativa entre a agressão e a empatia tende a ser apoiada pelos resultados de estudos empíricos, especialmente em indivíduos do género masculino. Os resultados para crianças mais novas são mistos, enquanto para as crianças do primeiro ciclo e para adolescentes são mais consistentes (Feshbach & Feshbach, 2009). Existe uma evidência forte de que o

processamento emocional desempenha um papel causal na raiva e na manutenção do comportamento agressivo (Penton-Voak et al., 2013). Ademais, a relação entre o comportamento delinquente e a empatia tem sido também alvo de interesse ao nível da literatura na área da criminologia. Ao tentar explicar a delinquência, os criminologistas postularam que aqueles que praticam comportamentos delinquentes e/ou atos antissociais, têm menores níveis de empatia do que aqueles que não praticam comportamentos delinquentes (Bush et al., 2000; Jolliffe & Farrington, 2004). A evidência empírica demonstrou que os indivíduos do género masculino têm taxas de delinquência significativamente mais altas do que os indivíduos do género feminino e estas diferenças de género são, especialmente, mais nítidas em relação aos crimes graves e violentos (Moffitt et al., 2001). Segundo uma explicação das diferenças de género na delinquência, os indivíduos do género feminino são menos predispostos a praticarem delinquência violenta porque são mais empáticos do que os do género masculino e, assim, têm maior tendência a pensarem nos efeitos diretos e indiretos do seu comportamento nos outros, especialmente aqueles que lhes são próximos (Broidy et al., 2003). Os autores Gottfredson e Hirschi (1990), na sua teoria geral do crime, sugerem que a falta de empatia é um elemento importante do baixo auto-controlo e que os indivíduos com um baixo auto-controlo teriam maior predisposição para a prática do comportamento criminal. Contudo, de acordo com Broidy et al. (2003), é o baixo auto-controlo como um fator de risco do crime, e não a influência protetora da empatia, o centro do seu estudo. Os autores (id.) afirmam que a consideração do papel potencial da empatia na inibição da delinquência pode aumentar o poder explanatório destes modelos teóricos. A metanálise realizada por Miller e Eysenck (1988) evidenciou uma relação negativa entre responder empaticamente e o comportamento antissocial e agressivo, que apenas era significativa nos estudos que utilizaram os questionários como métodos de avaliação da empatia. Existe evidência de que a empatia está relacionada significativamente com a delinquência grave praticada por adolescentes e apoia a hipótese de que as diferenças na empatia explicam as diferenças de género na delinquência grave (Broidy et al., 2003; Bush, Mullis e Mullis, 2000; Carr e Lutjemier, 2005). Uma revisão sistemática e uma meta-análise realizada por Jolliffe e Farrington (2004) de 35 estudos que relacionam medidas afetivas (14 estudos) e cognitivas (21 estudos) da empatia com a reincidência confirmaram a relação negativa entre a empatia e o comportamento delinquente, tendo sido esta relação mais forte em delinquentes violentos, relativamente fraca em delinquentes sexuais e mais forte em jovens do que

em delinquentes com mais idade. Baixos níveis de empatia cognitiva tiveram uma associação forte com a delinquência, já a empatia afetiva teve uma relação fraca com a delinquência. Depois de controlarem a inteligência e o nível socioeconómico desapareceu a relação entre baixos níveis de empatia e a delinquência. Consequentemente, os autores realçam a necessidade de, na investigação futura, estudar as ligações causais entre estas quatro variáveis.

Défices na empatia é uma das características afetivas do fenótipo da psicopatia (e.g., Hare, 2003). Em crianças e adolescentes a presença de traços *callous-unemotional*<sup>6</sup> (CU), caracterizados por falta de culpa, ausência de empatia, uso insensível dos outros para benefício próprio, foi identificada como um potencial marcador desenvolvimental da psicopatia (Viding, Blair, Moffit, & Plomin, 2005) e a sua presença em altos níveis identifica um subgrupo de jovens antissociais com comportamento grave e crónico (Frick & White, 2008). Apesar da investigação em pacientes com autismo sugerir que estes têm défices de empatia, os défices sociais caracterizadores destes não se assemelham claramente ao comportamento imoral insensível da psicopatia. Estes dados conduziram a um paradoxo na literatura, no qual se a empatia é necessária para o comportamento moral, isto iria explicar o comportamento psicopático, mas o autismo demonstra que a empatia não é necessária para o comportamento moral (Kennett, 2002). Contudo, a literatura conclui que este paradoxo aparente é falso, colocando-se como hipótese que os psicopatas se comportam imoralmente, não por causa da falta de empatia, mas por causa dos défices emocionais por disfunção dos sistemas neurais responsáveis pela empatia e cognição moral. Presumivelmente, os défices no autismo poupam os circuitos neuronais envolvidos na cognição moral, mas perturbam as áreas relacionadas com a empatia, provocando défices em capacidades relacionadas com a teoria da mente (Blair, 2008; Roskies, 2011). A ausência de défices na capacidade de atribuir pensamentos e sentimentos aos outros, i.e., na teoria da mente (ToM) em psicopatas é reportada em grande parte dos estudos (Blair et al., 1996; Dolan & Fullam, 2004; Richell et al., 2003; Widom, 1978). Existe evidência de uma reduzida resposta do sistema nervoso autónomo a pistas de angústia ou de sofrimento dos outros em crianças e adultos com tendências psicopatas (Aniskiewicz, 1979; Blair, 1999; Blair, Jones, Clark, & Smith, 1997; House & Milligan, 1976). No entanto, tem sido menos estudado a forma como as dimensões da psicopatia

---

<sup>6</sup> Tradução literal: frieza emocional

estão associadas à empatia. Há evidência de que adultos com níveis altos relativamente às características afetivas e interpessoais da psicopatia apresentam respostas empáticas mais fracas perante a ativação emocional dos outros (Ali et al., 2009; Seara-Cardoso et al., 2012) e de que ambas as dimensões da psicopatia estão associadas a respostas empáticas mais fracas a expressões de medo em adultos da população geral (Seara-Cardoso et al., 2012). Na população forense, a faceta interpessoal e afetiva da psicopatia foi associada negativamente à propensão em experienciar estados afetivos negativos (e.g., ansiedade, raiva, medo) e a dimensão do comportamento antissocial-impulsivo foi associada positivamente à propensão em experienciar estados afetivos negativos (Hicks & Patrick, 2006). De forma semelhante, num estudo realizado por Seara-Cardoso et al. (2012) em adultos não-forenses, a dimensão afetiva-interpessoal foi associada a uma menor propensão a sentir preocupação empática e a dimensão estilo de vida/antissocial foi associada a uma maior propensão a sentir a preocupação empática.

O processamento de expressões faciais de emoção é um pré-requisito para responder emocionalmente às expressões dos outros, i.e., é fundamental para a empatia emocional. As expressões faciais de emoção têm funções específicas de comunicação ao especificar a informação socioafetiva ao observador (Blair, 2008). Sendo assim, este processo também é necessário para a compreensão das emoções e sentimentos dos outros (empatia cognitiva). Existe uma literatura abundante concerne à relação entre a psicopatia e o processamento de expressões faciais de emoção que será revista na próxima secção.

### **3.2.1 Psicopatia e o processamento de expressões faciais de emoção**

A literatura sugere que indivíduos com altos traços de psicopatia possuem défices no processamento emocional de faces de medo e de tristeza e que estes estão subjacentes ao desenvolvimento da psicopatia e à manifestação do comportamento antissocial e agressivo (Blair, 1995, 2010). Nesta secção é apresentada uma revisão de literatura da relação entre a psicopatia e o processamento de expressões faciais de emoção.

A expressão facial é uma forma de comunicarmos não-verbalmente com os outros e obtermos informações para interpretarmos as nossas interações sociais. A capacidade de corretamente reconhecer emoções é uma importante competência social e potencia a capacidade do indivíduo responder de forma adequada ao meio (Ekman, 1993; Keltner, Ekman, Gonzaga & Beer, 2003). O primeiro cientista a propor um

conjunto universal de expressões faciais foi Darwin (1998). A partir daí, os investigadores reconheceram pelo menos seis emoções primárias: a surpresa, a raiva, o nojo, o medo, a tristeza e a alegria (Ekman, 1993). Todas as outras expressões faciais de emoções serão constituídas por uma combinação destas seis emoções. Os estudos evidenciaram que pessoas de culturas diferentes produzem expressões faciais similares em situação semelhantes, e que podem identificar corretamente o significado emocional das expressões faciais feitas por pessoas de outras culturas (Ekman, 1993; Ekman & Oster, 1972).

A psicopatia foi associada a défices na identificação da expressão facial de medo e, em menor grau, de tristeza, em estudos que utilizaram *morphos*<sup>7</sup> das seis emoções básicas como estímulos. Estes estudos foram realizados em populações de crianças com dificuldades emocionais e comportamentais (Blair et al., 2001; Stevens, Charman & Blair, 2001) e em populações forenses de adultos (Blair et al., 2004). Marsh e Blair (2008) realizaram uma meta-análise de 20 estudos em populações antissociais. Os resultados evidenciaram uma relação forte entre o comportamento antissocial e défices no reconhecimento de expressões de medo. Também evidenciaram, mas em menor extensão, uma relação deste com défices no reconhecimento de tristeza. Os resultados sugerem que os défices no reconhecimento de medo em amostras antissociais não refletem simplesmente diferenças em fatores que alteram o reconhecimento de expressões faciais de emoção (e.g., inteligência, atenção). Em vez disso, sugerem que o comportamento antissocial pode estar associado a défices nos mecanismos neurocognitivos subjacentes ao processamento de expressões de medo. Os resultados destas investigações têm sido interpretados à luz dos modelos etiológicos da psicopatia VIM e IES, e da sugestão de que os psicopatas apresentam uma disfunção na amígdala (Blair et al., 2004; Blair et al., 2001). Os autores Dadds et al. (2006) evidenciaram que as crianças com tendências psicopáticas apresentam défices na identificação do medo em faces e que tal como acontece com pacientes com danos na amígdala, estes défices desaparecem quando são dadas instruções às crianças para se focarem nos olhos dos indivíduos. Numa outra meta-análise (Dawel, O’Kearneya, McKone, & Palermo, 2012), constituída por 26 estudos com amostras forenses, clínicas e na comunidade de adultos,

---

<sup>7</sup> *Morpho* corresponde a um conjunto de estímulos de expressões faciais dinâmicas, no qual cada um é composto por um contínuo de imagens de expressões faciais, que foram preparadas misturando uma expressão prototípica, i.e., com 100% de intensidade emocional, em proporções variáveis com o indivíduo correspondente exibindo uma expressão neutra de emoção, i.e., com 0% de intensidade emocional. No estímulo o participante visualiza a face neutra a evoluir gradualmente, através dum aumento da intensidade emocional em várias etapas das expressões prototípicas.

adolescentes e crianças evidenciou-se que os défices reconhecimento de emoções na psicopatia não eram restritos às emoções de medo e tristeza, mas eram generalizados a todas as emoções estudadas: a raiva, o nojo, o medo, a alegria, a tristeza e a surpresa. Além disso, os défices na identificação de emoções foram evidenciados em modalidades para além das expressões faciais: pistas não-verbais vocais e posturas corporais das emoções. De acordo com Dawel et al. (id.) estes resultados são consistentes com a evidência de que a amígdala está envolvida no reconhecimento de emoções para além do medo (Adolphs, 2010; Balderston et al., 2011; Fitzgerald et al., 2006). A evidência de que a psicopatia está relacionada com défices na descodificação de emoções em expressões faciais é inconsistente. Existem estudos que não reportam diferenças entre psicopatas e não psicopatas no processamento emocional de expressões faciais (Campanella, Vanhooandt, & Philippot, 2005; Glass & Newman, 2006; Gordon, Baird & End, 2004; Pham & Philippot, 2010; Seara-Cardoso et al., 2012). Outros estudos documentam um desempenho superior em indivíduos com valores superiores de psicopatia na descodificação de emoções em expressões faciais (Book et al., 2007; Del Gaizo, & Falkenbach, 2008). Numa outra meta-análise Almeida (2012) evidenciou que a psicopatia estava relacionada com défices no processamento da expressão facial de medo apenas quando os estudos utilizavam estímulos com *morphos* de expressões faciais. Porém quando eram utilizados estímulos com imagens de expressões faciais com 100% de intensidade emocional e o tempo dado aos participantes para responderam era ilimitado não são reportadas diferenças. Os resultados de estudos de imagiologia cerebral funcional reportam hipoativação da amígdala a expressões faciais de medo em crianças (Jones et al., 2009) e em adultos com tendências psicopatas (Gordon et al., 2004; Almeida et al., 2014). Estes também sugerem a presença de diferentes estratégias no processamento emocional de faces a partir da ativação do córtice pré-frontal dorsolateral (DLFPC), que desempenha funções executivas (Gordon et al., 2004). Estes resultados sugerem que indivíduos com traços elevados de psicopatia utilizam mecanismos corticais que envolvem esforço e são mais lentos, como mecanismos compensatórios da hipoativação da amígdala no processamento emocional de expressões faciais. Para além disso, a partir de um estudo com potenciais relacionados com eventos, Almeida et al. (2014) sugere que distintas dimensões da psicopatia estarão associadas a mecanismos diferenciados no processamento de faces. De igual forma, os estudos de processamento emocional de faces em pacientes com lesões na amígdala também sugerem o uso de mecanismos corticais alternativos à amígdala no

processamento de informação facial. No estudo de Graham, Devinski e LaBar (2007) quando era dado aos pacientes com lesões na amígdala um tempo ilimitado para responderem aos estímulos, estes não apresentavam défices no reconhecimento das emoções de raiva e medo nas faces. Graham et al. (id.) relataram que quando os pacientes com lesões na amígdala processavam estrategicamente a informação facial, através de uma análise em atributos detalhados das faces, não evidenciavam défices no processamento emocional de medo e de raiva.

Resumindo, a revisão de literatura permite concluir que não há uma evidência robusta de défices comportamentais no processamento de expressões faciais na psicopatia, sendo que a demonstração de défices requer o desenho de paradigmas experimentais que vão além da decodificação de estímulos simples em tarefas de auto-relato.

#### **4. Psicopatia, violência e delinquência**

Algumas das características comuns entre os traços da psicopatia e os comportamentos antissociais são a sua associação forte e a sua estabilidade ao longo da vida, desde a infância até à vida adulta (Farrington, 1989; Huesmann, Eron, Lefkowitz, & Walder, 1984; Moffitt, 1993). Os traços da psicopatia quando estão presentes em níveis altos são associados a uma tendência maior em adotar comportamento antissocial, mas não necessariamente criminal, na população geral (Cooke & Michie, 2001; Kahn, Byrd, & Pardini, 2013; Viding, Simmonds, Petrides, & Frederickson, 2009). Por outro lado, ao nível forense, existe evidência robusta de que a psicopatia é um bom preditor da reincidência criminal e mais especificamente da reincidência criminal violenta. Nomeadamente demonstrou-se que os reclusos psicopatas tinham maior probabilidade de reincidir e de reincidir violentamente após a sua libertação relativamente aos reclusos não psicopatas (Grann, Langstrom & Tengstrom, 1999; Hare, Clark, Grann, & Thornton, 2000; Hemphill, Hare, & Wong, 1998).

Diversas meta-análises estudaram a psicopatia como um fator de risco de violência, utilizando como medidas dependentes a reincidência criminal e violenta, a delinquência e a má conduta institucional. Estas identificaram uma relação moderada entre psicopatia e violência em amostras forenses constituída por adultos (Guy, Edens, Anthony, & Douglas, 2005; Kennealy, Skeem, Walters, & Widom, 1996) e jovens (Asscher et al., 2011; Edens, Campbell, & Weir, 2006; Olver, Stockdale, & Wormith, 2009) ou em ambos (Walters, 2006). Esta relação também foi evidenciada noutras meta-



análises que para além de incluírem amostras forenses de jovens e adultos, também incluíam amostras universitárias (Walters, 2003a, 2003b). Para além disso, as meta-análises supracitadas evidenciaram que o Fator 2 tinha uma contribuição significativamente maior que o Fator 1 na relação entre a psicopatia e a violência (e.g., Kennealy et al., 2010; Walters, 2003a).

A evidência da relação entre a psicopatia e violência é limitada no sentido em que os estudos não se debruçaram na relação entre esta e os subtipos de agressão, que são distintos nas suas bases afetivas e motivacionais (Glenn & Raine, 2009; Patrick & Zempolich, 1998). A investigação na área da psicologia procurou compreender o comportamento agressivo em termos da motivação que está na sua origem, distinguindo duas formas distintas de agressão, tendo como subjacente a motivação intrínseca ao comportamento e o papel das emoções neste: a agressão reativa (também denominada como agressão afetiva, hostil, impulsiva ou com raiva) e a agressão proativa (referida frequentemente como agressão instrumental ou predatória; Cima & Raine, 2009). A agressão reativa refere-se a uma resposta emocionalmente carregada, defensiva, imediata e impulsiva a uma situação percebida como negativa, como uma ameaça ou uma provocação (e.g., perigo físico iminente ou insulto). Esta é geralmente acompanhada por estados emocionalmente negativos, como a ira, a hostilidade e a frustração, e não tem nenhum objetivo secundário além do ato agressivo, apenas causar dano à vítima (Berkowitz, 1993). É argumentado que este tipo de agressão está associado a uma ativação afetivo-fisiológica alta e a um processamento cognitivo mínimo (Chase, O'Leary & Heyman, 2001). Contrariamente, a agressão proativa é dirigida a um objetivo, sendo motivada por um reforço ou recompensa externa ao ato (e.g., obter dinheiro, drogas ou estatuto social). Esta é instrumental, controlada, planeada, premeditada, não é precedida por uma reação emocional forte e é realizada com frieza emocional (Berkowitz, 1993). Durante a agressão, a ativação autonómica do indivíduo é considerada mínima (Blair, 2003). A distinção destes dois tipos de agressão foi alvo de críticas por autores como Bushman e Anderson (2001) por deturpar os atos agressivos como sendo puros enquanto estes são complexos e podem refletir motivos mistos. Reidy, Shelley-Tremblay e Lilienfeld (2011) contra-argumentam que estas variantes da agressão continuam a existir independentemente dos comportamentos agressivos raramente refletirem manifestações puras de cada uma das variantes. Contudo, é relevante destacar que a classificação dos atos ou indivíduos como agressivos reativa ou instrumentalmente não é mutuamente exclusiva, pois os

indivíduos podem praticar ambos tipos de agressão e um único ato de agressão pode conter elementos de ambos os tipos de agressão (id.). Existe uma evidência robusta que apoia a existência destas duas formas distintas de agressão em crianças (Kempes, Matthys, de Vries, & van Engeland, 2005; Raine et al., 2006), em adultos (Chase, O'Leary & Heyman, 2001; Raine et al., 1998) e em animais (Gregg & Siegel, 2011). Além disso, esta distinção também é apoiada por evidência biológica e neurológica e utilizada em diversas áreas de investigação (McEllistrem, 2004; Meloy, 2006).

De acordo com as definições contemporâneas da psicopatia, esta está associada a uma maior tendência para a adoção de comportamentos instrumentais, realizados com frieza emocional, e não reativos, realizados com volatilidade emocional (Blair et al., 2005; Patrick, Fowles & Krueger, 2009). A literatura sugere que a associação da psicopatia à agressão proativa poderá estar na base da distinção dos psicopatas de outros indivíduos antissociais (Blair et al., 2005; Glenn & Raine, 2009; Porter & Woodworth, 2006). Sugere também que a psicopatia está associada um risco aumentado de agressão reativa, especificando que não é a sensibilidade à ameaça que está na origem deste tipo de agressão nos psicopatas, esta é provocada pela frustração, i.e., o estado emocional decorrente do desempenho de uma ação na expectativa de uma determinada recompensa e não recebe-la (Blair, 2010). A relação entre a psicopatia e a agressão instrumental está bem substanciada na literatura. Contudo, a literatura no que concerne à relação entre a agressão reativa e a psicopatia é mais escassa e a evidência da relação entre estas é inconsistente (e.g., Cima & Raine, 2009; Reidy, Shelley-Tremblay & Scott, 2011). Isto relaciona-se com o facto de agressão reativa ser a forma mais prevalente na sociedade e, por sua vez, a agressão proativa ser a forma mais patológica (Reidy et al., 2011). Na perspetiva de Reidy et al. (id.), se os indivíduos com altos traços de psicopatia têm predisposição para adotar atos agressivos instrumentais, também serão predispostos a praticar atos agressivos mais normativos. A evidência é robusta na consideração da psicopatia como um fator de risco para a violência instrumental em populações forenses de adultos (Chase, O'Leary & Heyman, 2001; Cima & Raine, 2009; Cornell et al., 1996; Edens et al., 2008; Porter & Woodworth, 2007; Porter et al., 2003; Serin, 1991; Walsh, Swogger & Kosson, 2009; Williamson, Hare & Wong, 1987; Woodworth & Porter, 2002) e de adolescentes (Loper, Hoffschmidt & Ash, 2001; Flight, & Forth, 2007; Murrie et al., 2004; Vitacco et al., 2006), e em populações não-forenses de adultos (Nouvin et al., 2007; Rilling et al., 2007; Reidy, Zeichner, Miller & Martinez, 2007) e de crianças e adolescentes (Raine et al., 2006). Esta evidência sugere que o

comportamento agressivo adotado pelos psicopatas é mais predisposto a ser instrumental. E, quando são estudados os dois fatores separadamente, parece que as características afetivas e interpessoais, F1, são as que contribuem mais para esta relação, evidenciando também uma associação entre a agressão proativa e o F2, mas muito menos intensa do que a anterior (e.g., Flight & Forth, 2007; Reidy et al., 2007; Woodworth & Porter, 2002). Na generalidade, os estudos não investigaram as relações entre os dois fatores separados da psicopatia e o comportamento violento, o que seria de relevo, na medida em que estes dois fatores possuem bases afetivas e motivacionais distintas (e.g., Patrick & Zempolich, 1998). A evidência empírica focou-se maioritariamente na classificação das duas formas de agressão a partir de documentos oficiais das ofensas criminais violentas, nomeadamente o tipo de crime pelo qual os reclusos foram condenados a cumprir a pena de prisão foi utilizado como método de classificação de agressão proativa e reativa (e.g., Porter & Woodworth, 2007) ou a história cumulativa do comportamento violento (e.g., Serin, 1991). De acordo com Cornell et al. (1996), utilizar o comportamento criminal atual não é o método mais adequado, pois a motivação para a agressão é inerente à distinção da agressão reativa e proativa e indivíduos condenados por um crime classificado numa destas formas de agressão, podem ter praticado mais frequentemente na sua carreira criminal o outro tipo de violência. A operacionalização da agressão através destas metodologias é limitada, podendo distorcer a realidade comportamental, por causa das cifras negras, i.e., muitos crimes violentos não foram reportados e não se encontram nos dados oficiais. Ademais, os comportamentos agressivos não abrangem apenas os crimes violentos (Patrick & Zempolich, 1998). De forma a ultrapassar estas limitações metodológicas, uma minoria dos estudos optou por utilizar medidas de autopreenchimento, designadamente o *Reactive-Proactive Questionnaire* (RPQ, Raine et al., 2006), para analisar a relação entre a psicopatia e agressão (e.g., Cima & Raine).

Existe evidência de que a psicopatia também está associada a um risco acrescido de agressão reativa em populações forenses (e.g., Kruh, Frick & Clements, 2005) e em populações não-forenses (e.g., Reidy et al., 2007). Contrariamente aos estudos anteriores, no qual a psicopatia estava mais relacionada com a agressão instrumental, os resultados da metanálise realizada por Blais, Solodukhin & Forth (2014) constataram que a psicopatia não está mais relacionada com um dos tipos de agressão, mas com ambas. A relação entre a psicopatia e a agressão instrumental foi mais forte para a faceta Interpessoal da psicopatia. E, a relação entre esta e a agressão reativa foi mais forte para

o F2 do que para o F1, sendo maior para o aspecto estilo de vida. Este aspecto foi importante na explicação de ambas as formas de agressão. Contudo, os resultados da relação entre as diferentes associações de pontuações de fatores e facetas da psicopatia foram inconsistentes relativamente ao tipo de escala. Relativamente às medidas que utilizam informantes, as facetas da psicopatia Interpessoal e Estilo de vida estavam mais relacionadas com ambas as formas de agressão. Contrariamente, nas escalas de avaliação clínica ambos os fatores e facetas da psicopatia estava relacionados de igual forma com ambos os tipos de agressão. Ambos os fatores estavam relacionados de igual forma à agressão predatória, enquanto o Fator 2 estava mais relacionado com a agressão reativa, ao avaliar a psicopatia com medidas de autopreenchimento. Estes resultados indicam que a forma como a psicopatia e a violência são operacionalizadas pode influenciar os resultados relativos à relação entre a psicopatia e a agressão reativa e proativa. Ademais, de acordo com a revisão de Frick e White (2008), crianças com níveis mais altos de impulsividade e mais baixos de traços *callous-unemotional* (CU) têm uma maior predisposição para a agressão reativa, mas não para a agressão proativa, e crianças com níveis altos de CU e de impulsividade adotam ambas as formas de agressão.

Para além das limitações supracitadas na literatura, destaca-se o problema da contaminação preditor-critério, i.e., as medidas clínicas da psicopatia, principalmente as que se centram na desviância comportamental, incluem informação relativamente à história de violência dos indivíduos que poderá influenciar os resultados da relação entre a violência e a psicopatia. Assim, ao incluir a violência na definição da psicopatia geram-se relações circulares entre a violência e a psicopatia. Relativamente à investigação futura é recomendado: estudar o fenómeno no sexo feminino; e, não obter a informação da motivação intrínseca à agressão e circunstâncias desta a partir de dados oficiais, mas através dos próprios sujeitos ou informantes, podendo ser utilizadas medidas de autopreenchimento (Patrick & Zempolich, 1998).

### ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA

#### 1. Objetivos e hipóteses

O principal objetivo deste estudo é explorar as associações entre o modelo triárquico da psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência em jovens adultos. Decorrente deste objetivo geral surgem alguns **objetivos específicos** aos quais este estudo vai tentar responder, designadamente os seguintes:

- i) Estudar a relação entre a empatia e a delinquência auto-revelada;
- ii) Estudar o papel dos distintos fatores da empatia na relação entre esta e a delinquência auto-revelada;
- iii) Estudar a relação entre a psicopatia e a delinquência auto-revelada;
- iv) Estudar o papel das distintas componentes da psicopatia na relação entre esta e a delinquência auto-revelada;
- v) Estudar a relação entre a psicopatia e a distinção moral/convencional em vários domínios morais: dano, justiça-reciprocidade, autoridade-respeito, grupo-lealdade e pureza-santidade;
- vi) Estudar a relação entre a psicopatia e a adoção de diferentes tipos de fundações morais: dano, justiça-reciprocidade, autoridade-respeito, grupo-lealdade e pureza-santidade;
- vii) Estudar o papel das distintas componentes da psicopatia na relação entre esta e a adoção das fundações morais;
- viii) Estudar a relação entre a psicopatia e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas;
- ix) Estudar a relação entre a psicopatia e a empatia;
- x) Estudar o papel das distintas componentes da psicopatia na relação entre esta e a empatia;

- xi)** Estudar a relação entre a delinquência auto-revelada e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas;
- xii)** Estudar a relação entre duas distintas formas de agressão (reativa e proativa) e a psicopatia;
- xiii)** Estudar o papel das distintas componentes da psicopatia na relação entre esta e o comportamento agressivo reativo e proativo.

Neste estudo pretendem-se testar as seguintes **hipóteses**, que foram formuladas tendo como subjacente o estado de arte do conhecimento científico nesta área:

- i)** Existe uma associação negativa entre a empatia e a delinquência auto-revelada, i.e., jovens adultos com valores inferiores de empatia têm valores mais altos de delinquência auto-revelada;
- ii)** Existe uma associação positiva entre a psicopatia e a delinquência auto-revelada, i.e., jovens adultos com valores mais altos de psicopatia têm valores mais altos de delinquência auto-revelada;
- iii)** Existe uma associação negativa entre a psicopatia e a distinção entre transgressões do domínio moral do dano e transgressões convencionais, i.e., jovens adultos que apresentam valores altos de psicopatia não distinguem transgressões convencionais de transgressões morais com consequências danosas para o bem-estar dos outros com a mesma eficácia que jovens com valores mais baixos de psicopatia;
- iv)** Existe uma associação negativa entre a psicopatia e a adoção da fundação moral de preocupação com o outro/evitamento do dano, i.e., jovens adultos que apresentam valores superiores de psicopatia aprovam em menor grau a fundação moral de evitamento de dano;
- v)** Existe uma associação negativa entre a psicopatia e a capacidade de descodificar medo em expressões faciais dinâmicas, i.e., jovens adultos com valores mais altos de psicopatia têm mais dificuldades em reconhecer corretamente as expressões faciais de medo, demoram mais tempo a reconhecê-las e necessitam que estas apresentem um maior nível de intensidade emocional para reconhecê-las;

- vi) Existe uma associação negativa entre a psicopatia e a empatia, i.e., jovens adultos com valores mais altos de psicopatia apresentam níveis menores de empatia;
- vii) Existe uma associação negativa entre a delinquência auto-revelada e a descodificação de medo em expressões faciais dinâmicas, i.e., jovens adultos com valores mais elevados de delinquência auto-revelada não reconhecem o medo mais frequentemente, demoram mais tempo a reconhecê-lo e necessitam que as expressões faciais de medo tenham um maior nível de intensidade emocional para as reconhecer;
- viii) Apenas existe uma associação positiva entre a psicopatia e o tipo de comportamento agressivo proativo, mas esta não influencia a prática do comportamento agressivo reativo, i.e., jovens adultos com maiores valores de psicopatia adotam mais frequentemente comportamentos agressivos proativos.

## **2. Caraterização do estudo**

Este estudo trata-se de uma investigação transversal de base quantitativa, no qual se procedeu à aplicação de questionários e à realização de uma tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais com o intuito de explorar as associações entre o modelo triárquico da psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência em jovens adultos. Optou-se pela utilização da metodologia quantitativa, uma vez que esta é a metodologia mais adequada ao objetivo principal da investigação de estudar relações entre variáveis (Bushway & Weisburd, 2005). Esta investigação foi desenhada segundo a lógica do estudo correlacional. Os estudos correlacionais procuram verificar se existe relação entre duas ou mais variáveis. Não estabelecem uma relação de causa-efeito entre as mesmas, sendo que essa determinação só pode ser realizada por estudos experimentais (id.). Por conseguinte, este estudo tem um desenho de investigação não-experimental ou observacional, pois não há manipulação do fenómeno, apenas observação deste. Além disso, como este estudo procura explicar o comportamento delinquent e a psicopatia, pode também ser caraterizado como um estudo explicativo.

### **3. Constituição da amostra**

Este estudo é constituído por uma amostra total de 103 jovens adultos. Os participantes foram selecionados na comunidade consoante a sua disponibilidade e vontade em voluntariar-se na participação no estudo. E, portanto, o método de amostragem foi por conveniência. A amostra não é probabilística, uma vez que os elementos desta não foram selecionados aleatoriamente da população. Os participantes foram recrutados nas universidades do Porto e na cidade do Porto através da divulgação da investigação por diversas estratégias, realizadas pela internet ou pessoalmente. Os critérios de inclusão dos participantes na amostra foram os seguintes: terem uma idade superior aos 18 anos, a sua língua materna ser a língua portuguesa e terem nacionalidade portuguesa. Para os voluntários poderem participar na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas além de terem de cumprir os critérios anteriores, também deveriam preencher os seguintes requisitos: não possuírem problemas de visão, e, no caso de terem, estes estarem corrigidos; serem destros; não terem uma história de neuropatologias e doenças psiquiátricas; ausência de lesões neurológicas e traumatismos cranianos; e, ausência de consumo abusivo de substâncias psicoativas. Estes critérios foram previamente verificados com os voluntários através de uma breve entrevista. Esta informação recolhida com os voluntários foi complementada com a informação recolhida através dos questionários, de modo a verificar o último critério. Os voluntários que não cumpriram estes critérios foram excluídos de participar nesta tarefa, preenchendo apenas o questionário. Apenas participaram nesta tarefa os voluntários que preenchiam estes requisitos ( $n = 59$ ). Contudo, foram excluídos dois participantes, pois só após a tarefa obteve-se informação de que não cumpriam os critérios de inclusão. Assim, na tarefa de descodificações de expressões faciais de emoção utilizou-se uma subamostra de 57 jovens adultos.

Por fim, na constituição da amostra de modo a ser determinada a sua dimensão teve-se em consideração o tamanho mínimo recomendado pela comunidade científica consoante os procedimentos de análise estatística. Nomeadamente a determinação da dimensão da amostra teve como subjacente a estimação por meio das «regras do polegar», isto é, uma regra de aproximação baseada na experiência de muitos investigadores. Esta tem como objetivo estimar o tamanho mínimo da amostra para que seja possível efetuar uma análise estatística adequada dos dados. Nos estudos que realizam a análise estatística de correlações entre variáveis, a amostra deve ter um



tamanho mínimo de 40 casos, de acordo com as «regras do polegar» (Hill & Hill, 2000). Para a realização de análise de regressão linear múltipla é recomendado 15 participantes por cada preditor (Field, 2005; Marôco, 2011). A dimensão da amostra escolhida para este estudo respeita, assim, o tamanho mínimo recomendado, tendo como subjacente os procedimentos de análise estatística necessários para responder ao seu objetivo principal.

### **3.1 Caraterização da amostra segundo os dados sociodemográficos**

A amostra deste estudo é uma amostra de conveniência constituída por 103 jovens adultos com idades compreendidas entre os 19 e 33 anos (média de 23.52 anos, desvio-padrão (SD) =3.25) e de ambos os géneros, dos quais 52.4% são do sexo feminino, selecionados na comunidade. Os participantes são todos residentes em Portugal e, de forma geral, com origem em Portugal (97,1%), com exceção de três participantes que cresceram nos Estados Unidos da América, na África do Sul e no Brasil. A maioria dos participantes tem como grau de escolaridade máximo obtido o ensino secundário (62.6%), dos quais 12.6% frequentaram cursos tecnológicos e 50.5% cursos gerais. Relativamente à outra parte da amostra 34.9% dos participantes têm como grau de escolaridade máxima obtido o ensino superior (1.9% bacharelato; 26.2% licenciatura e 6.8% mestrado (pós-bolonha) e apenas 1.9% destes completaram o ensino básico. A amostra é constituída maioritariamente por estudantes universitários (73.7%). Apenas 1.9% dos participantes são trabalhadores-estudantes e os restantes têm outras profissões (26,2%). A média da quantidade de pessoas que constitui os agregados familiares dos participantes é de 3.35 pessoas (SD=0.97). O rendimento mensal de todas as fontes do agregado familiar, depois dos descontos obrigatórios para contribuições e impostos, dos participantes mais frequente corresponde ao valor situado no intervalo entre 1000 e 1500 euros (25.5%). Relativamente ao resto da amostra, as percentagens dos participantes de acordo com os restantes intervalos de valores dos rendimentos mensais dos seus agregados familiares são: 23.5% entre 1500 e 2000 euros, 18.6% entre 500 e 1000 euros, 13.7% entre 2000 e 2500 euros, 8.8% entre 2500 e 3000 euros, 2 % 3000 e 5000 euros, 2 % menos de 150 euros e 1% entre 150 e 300 euros. Na amostra 38.8% dos participantes não têm religião, sendo assim a maior parte destes tem religião (61.2%), que de forma geral era a religião católica ou cristã, com exceção de dois casos cujas religiões eram o budismo e o espiritualismo. A percentagem de participantes relativamente à descrição da sua orientação religiosa distribui-se da seguinte forma:

29.4% - nada religiosos, 24.5% - entre nada religiosos e algo religiosos, 21,6% - algo religiosos, 17.6% - entre algo religiosos e muito religiosos, e, por fim, 6.9% - muito religiosos.

### **3.2 Caraterização da subamostra segundo os dados sociodemográficos**

A subamostra deste estudo é constituída pelos participantes que para além de preencherem os questionários realizaram a tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas. Esta é composta por um total de 57 jovens adultos com idades compreendidas entre os 19 e 33 anos (média de 22.98 anos, SD =3.29) e de ambos os géneros, dos quais 49.1% são do sexo feminino. Os participantes são todos residentes em Portugal e, de forma geral, com origem em Portugal (97,1%), com exceção de dois participantes que cresceram na África do Sul e no Brasil. Todos os participantes completaram o ensino básico e a maioria destes tem como grau de escolaridade máximo obtido o ensino secundário (71.9%), dos quais 3.5% frequentaram cursos tecnológicos e 68.4% cursos gerais. Relativamente à outra parte da subamostra 28.1% dos participantes têm como grau de escolaridade máxima obtida o ensino superior (3.5% bacharelato; 21.1% licenciatura e 3.5% mestrado (pós-bolonha). A amostra é constituída maioritariamente por estudantes universitários (84.2%). E, 1.8% dos participantes são trabalhadores-estudantes e os restantes têm outras profissões (14%). A média da quantidade de pessoas que constitui os agregados familiares dos participantes é de 3.25 pessoas (SD=1.09). O rendimento mensal de todas as fontes do agregado familiar, depois dos descontos obrigatórios para contribuições e impostos, dos participantes mais frequente corresponde a um valor situado no intervalo entre 1000 e 1500 euros (26.3%). Relativamente ao resto da amostra, as percentagens dos participantes de acordo com os intervalos de valores dos rendimentos mensais dos seus agregados familiares são: 17.5% entre 1500 e 2000 euros, 17.5% entre 500 e 1000 euros, 14% entre 2000 e 2500 euros, 8.8% entre 2500 e 3000 euros, 3.5 % 3000 e 5000 euros, 1.8% menos de 150 euros e 1.8% entre 150 e 300 euros. Na subamostra 43.9% dos participantes não tem religião, sendo assim o mais frequentes é os participantes terem religião (56.1%), que de forma geral era a religião católica ou cristã (52.6%), com exceção de dois casos cujas religiões eram o budismo e o espiritualismo. A percentagem de participantes relativamente à descrição da sua orientação religiosa distribui-se da seguinte forma: 23.3% - nada religiosos, 21.1% - entre nada religiosos e algo religiosos,

15,8% - algo religiosos, 19.3% - entre algo religiosos e muito religiosos, e, por fim, 8.8% - muito religiosos.

#### **4. Materiais e procedimentos de recolha de dados**

Em primeiro lugar, foram explicados os objetivos e a confidencialidade do estudo aos jovens adultos, que se disponibilizaram para colaborar neste e foi pedido para lerem os formulários do consentimento informado, que se encontra no anexo 1. No formulário do consentimento informado estão descritos os objetivos do estudo, informando que este é confidencial e que a participação é de caráter voluntário, destacando que a não participação não resultaria em qualquer penalização, podendo desistir a qualquer momento do estudo. Depois de lerem os formulários, no caso de existirem dúvidas relativamente ao estudo, estas foram esclarecidas e foi-lhes pedido para o preencherem. O consentimento informado foi obtido de todos os participantes antes de iniciar a recolha de dados.

A recolha de dados consistiu na realização de duas tarefas, uma tarefa de autopreenchimento de um conjunto de questionários e uma tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas. Todos os participantes preencheram um conjunto de sete questionários que incluiu:

- i) Questionário Sociodemográfico;
- ii) Versão portuguesa do *Interpersonal Reactivity Index* (IRI; Davis, 1980, 1983), Índice de Reatividade Interpessoal, adaptada e validada pelos autores Limpo, Alves e Castro (2010);
- iii) Versão portuguesa da *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM; Patrick, 2010), a Medida Triárquica da Psicopatia, adaptada e validada pelos autores Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa e Marques-Teixeira (2014);
- iv) Versão portuguesa revista e ampliada da *Moral-Conventional Task* de Turiel (1983), Tarefa Moral-Convencional Estendida (MCT-X), adaptada e validada pelos autores Ferreira-Santos, Sousa, Paiva e Pereira (2012);
- v) Versão portuguesa do *Moral Foundations Questionnaire* (MFQ; Graham et al., 2011), adaptada e validada pela Escola de Criminologia (EC) da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, FDUP (não publicada);

- vi) Versão portuguesa do *Reactive Proactive Aggression Questionnaire* (RPQ; Raine et al, 2006), o Questionário de Agressão Reativa-Proativa, adaptada e validada pela EC da FDUP;
- vii) Versão reduzida e adaptada a jovens adultos do Questionário de Delinquência Auto-revelada, que corresponde a uma versão portuguesa construída e adaptada a partir do *Second International Self-Report Study of Delinquency- 2* (ISRD-2; Junger-Tas et al., 2010) pela EC da FDUP(não publicada).

Em primeiro lugar, os participantes preencheram o Questionário Sociodemográfico e, em último lugar, preencheram o Questionário de Delinquência Auto-revelada - Jovens Adultos. Os outros questionários foram distribuídos aleatoriamente. Os questionários foram administrados, de forma geral, individualmente e numa pequena parte da amostra (6,87%, n=15) foram administrados coletivamente em pequenos grupos, constituídos por um número máximo de quatro pessoas, com instruções prévias de não trocarem informações, i.e., o preenchimento destes era individual. A duração mínima do preenchimento deste conjunto de questionários foi de quarenta e cinco minutos, e a duração máxima correspondeu a uma hora e meia. Os questionários foram preenchidos em diversas condições na sala de reuniões do Laboratório da Escola de Criminologia, da FDUP, na sala de estudo, da FDUP, ou eram entregues aos participantes para o preencherem noutro lugar e posteriormente devolvê-los. Cada questionário era acompanhado por um envelope, que após o preenchimento destes era selado com o questionário lá dentro, com o intuito de garantir a confidencialidade.

A ordem de realização de realização do preenchimento de questionários e da tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas foi diversa. Os participantes realizaram a tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas numa sala do Laboratório da Escola de Criminologia, na FDUP, anexo à sala de reuniões. Este é um ambiente isolado de ruídos e sem luz infravermelha. Na realização das tarefas foram atribuídos códigos aos participantes, de modo a poder identificar os participantes e ligar os dados das duas tarefas aos participantes que as realizaram, garantido o seu anonimato.

Todos os participantes realizaram a tarefa de autopreenchimento dos questionários (n=103), com exceção do questionário MFQ que foi preenchido por 100 jovens adultos. Através da realização de uma breve entrevista, foi recolhida informação

sobre os voluntários de forma a verificar se preenchiam os pré-requisitos para participarem na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas. Esta foi complementada com a informação recolhida através do Questionário de Delinquência Auto-revelada, de modo a verificar o critério de exclusão abuso do consumo de substâncias psicoativas. Os voluntários que não cumpriram estes critérios foram excluídos de participar nesta tarefa, preenchendo apenas o questionário. Previamente à participação dos voluntários nesta tarefa foram lhes dadas as seguintes indicações: não podiam consumir substâncias psicoativas antes de realizarem a tarefa, pois esta exige concentração e, por isso, o consumo iria influenciar o seu desempenho nesta; no caso de terem problemas de visão e houvesse a possibilidade de utilizarem na tarefa lentes de contacto, ao invés de óculos, era pedido para o fazerem, explicando que o *eye tracker* não consegue medir o movimento do olhar com os óculos, pois estes refletem a luz infravermelha.

O pré-teste da versão portuguesa do questionário RPQ teve lugar em dezembro de 2013 e a recolha de dados através da aplicação dos questionários decorreu entre janeiro e março de 2014. O pré-teste da tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas decorreu entre janeiro e fevereiro de 2014 e a recolha de dados através desta tarefa decorreu entre fevereiro e março de 2014.

De seguida descrevem-se os instrumentos de avaliação utilizados neste estudo, designadamente os questionários e a tarefa de descodificação de emoções expressões faciais dinâmicas.

#### **4.1 Questionário sociodemográfico**

Os dados sociodemográficos foram recolhidos através da aplicação do questionário sociodemográfico, que se encontra no anexo 2. Este é composto por dez questões destinadas a recolher os seguintes dados: idade, sexo, país de residência, país de origem, habilitações literárias, composição e rendimento mensal do agregado familiar, profissão principal, religião e orientação religiosa. Considerou-se relevante medir estas variáveis uma vez que podem provocar efeitos em algumas variáveis sob estudo.

#### **4.2 Índice de Reatividade Interpessoal**

A empatia foi avaliada através da aplicação da versão portuguesa do Índice de Reatividade Interpessoal de Davis (*Interpersonal Reactivity Index*, IRI; Davis, 1980,

1983), adaptada e validada pelos autores Limpo, Alves e Castro (2010) para a língua e o contexto português, que se encontra no anexo 3. O estudo realizado pelos autores numa amostra universitária permitiu estabelecer uma versão portuguesa com boas características psicométricas relativamente à validade, à fiabilidade e à sensibilidade e, de modo geral, os resultados encontrados são consistentes com os de estudos anteriores quer com a escala original, quer com versões em outras línguas. Neste estudo o IRI apresentou boas medidas de consistência interna ( $\alpha$  de Conbrach (PE) = .79;  $\alpha$  de Conbrach (PT) = .73;  $\alpha$  de Conbrach (DP) = .80;  $\alpha$  de Conbrach (F) = .87).

O IRI é uma medida de autopreenchimento, que avalia a empatia numa perspetiva multidimensional e inclui as dimensões afetivas e as dimensões cognitivas da empatia. É constituído por um total de 24 itens, que consistem em afirmações sobre sentimentos e pensamentos que a pessoa pode, ou não, ter experienciado. Nesta versão os autores excluíram os itens 1, 10, 15 e 18 (um em cada subescala) da escala original americana devido aos resultados das análises fatoriais e em fundamentação conceptual no seu estudo. Para cada item é pedido ao sujeito que indique em que medida essa afirmação se aplica a si numa escala de Likert de 5 valores (0 = Não me descreve bem e 4 = Descreve-me muito bem). O instrumento está dividido em quatro subescalas, cada uma com 6 itens: Fantasia, Preocupação empática, Tomada de perspetiva e Desconforto Pessoal. A subescala Fantasia (F) avalia a propensão da pessoa para se colocar em situações fictícias (e.g., “Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista”). A subescala Tomada de Perspetiva (TP) reflete a tendência para adotar os pontos de vista do outro (e.g., “Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.”). Estas duas subescalas correspondem às dimensões cognitivas da empatia. A subescala Preocupação Empática (PE) mede capacidade da pessoa experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro (e.g., “Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger”). A subescala de Desconforto Pessoal (DP) avalia os sentimentos de ansiedade, de apreensão e de desconforto em contextos interpessoais tensos (e.g., “Tendo a perder o controlo em situações de emergência.”). Estas duas últimas subescalas correspondem às dimensões afetivas da empatia. A escolha desta medida teve como subjacente vários motivos, designadamente: esta considerar a empatia um construto multidimensional; ser considerado o instrumento de avaliação da empatia que está melhor desenvolvido psicometricamente; ser uma das medidas mais utilizadas para medir a empatia, existindo versões da escala em diversas línguas e contextos culturais

(e.g., Moya-Albiol et al., 2010); e, ser o mais adequado, relativamente às outras medidas, à faixa etária da amostra.

As pontuações do IRI (0, 1, 2, 3 e 4) para os itens de Preocupação Empática (1, 3, 8, 12, 16 e 18), de Desconforto Pessoal (5, 11, 14, 15, 20 e 23), da Fantasia (4, 6, 10, 13, 19 e 22) e da Tomada de Perspetiva (2, 7, 9, 17, 21 e 24) foram somados para formarem as subescalas PE, DP, F e TP, respetivamente, nos itens invertidos (2, 3, 6, 10, 11, 12 e 15) as cotações foram invertidas (0 passa a 4 e vice-versa). As pontuações destas subescalas foram somadas para se obter as pontuações totais de empatia. As pontuações mais elevadas indicam níveis mais altos de empatia em todas as três subescalas e na escala total.

#### **4.3 Questionário de Agressão Reativa-Proativa**

A agressão reativa e a agressão proativa foram avaliadas através da administração aos participantes da versão portuguesa do *Reactive-Proactive Aggression Questionnaire* (RPQ; Raine et al., 2006), Questionário de Agressão Reativa-Proativa, traduzido e adaptado pela Escola de Criminologia, da FDUP (não publicado), que se encontra no anexo 4. O estudo realizado pelos autores Raine et al. (2006) demonstrou que o RPQ é um instrumento válido e fiável. Neste estudo as subescalas do RPQ apresentaram boas medidas de consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach (agressão proativa/reativa) = .80). De acordo com os autores (id.), a utilização de medidas auto-reveladas de agressão reativa-proativa é mais benéfica relativamente a medidas que utilizam outra fonte sem ser o próprio (e.g., professores, observação), uma vez que a motivação intrínseca ao comportamento é crucial na distinção destes dois tipos de agressão e esta não é muitas vezes visível para o observador, mas é conhecida por quem o iniciou.

O RPQ corresponde a um questionário de autopreenchimento constituído por um total de 23 itens, que consistem em afirmações sobre comportamentos agressivos reativos e proativos que a pessoa pode, ou não, ter tido. Cada item é avaliado numa escala de Likert de três valores para a frequência da ocorrência dos comportamentos agressivos (0 = Nunca, 1 = Às vezes e 2 = Muitas vezes). O questionário está dividido em duas subescalas, designadamente a subescala da Agressão Reativa (AR) e a subescala da Agressão Proativa (AP). A AR é constituída por onze itens que medem a agressão reativa, conceptualizada como uma resposta defensiva, emocionalmente carregada e automática a uma provocação, i.e., ameaça ou frustração, geralmente

acompanhada por estados emocionais negativos, como por exemplo: ira, hostilidade e frustração, sem um objetivo secundário para além do ato agressivo (e.g., “Gritaste com outros quando te irritaram.”). A AP é constituída por doze itens que medem a agressão proactiva, caracterizada como sendo instrumental, organizada e realizada com frieza, uma vez que consiste num comportamento que é utilizado como instrumento para atingir objetivo(s), motivado por um reforço ou uma recompensa externa (e.g., ganhar dinheiro ou poder), com ausência relativa de emoções intensas (e.g., “Lutaste com outros para mostrar quem manda.”).

As pontuações do RPQ - 0, 1 e 2 - para os itens de agressão proactiva (2, 4, 6, 9, 10, 12, 15, 17, 18, 20, 21, 23) e os itens de agressão reativa (1, 3, 5, 7, 8, 11, 13, 14, 16, 19, 22) foram somados para formarem escalas AR e AP, respetivamente. As pontuações das escalas AR e AP foram somadas para obter as pontuações totais de agressão.

#### **4.3.1 Tradução e adaptação**

Foi obtida uma autorização para traduzir e validar o RPQ para a população portuguesa junto do autor principal, Adrian Raine (ib.). Seguiram-se os procedimentos apropriados (Hill & Hill, 2000) durante a tradução e a retrotradução do instrumento. O RPQ original foi traduzido para português por dois tradutores independentes. Foram obtidas as traduções conjuntas e as diferenças entre as versões foram resolvidas por um terceiro elemento. A versão provisória foi aplicada a 10 jovens-adultos, com nacionalidade portuguesa e que tinham como língua materna a portuguesa, tendo sido efetuada então uma reflexão falada desta versão com vista a avaliar se os itens eram interpretados corretamente e a garantir a qualidade das afirmações traduzidas. A partir desta tradução um investigador independente, bilíngue e com um nível elevado de proficiência em inglês, e que não teve contacto anterior com o instrumento original, realizou a respetiva retroversão para inglês, que foi então comparada com o instrumento original e enviada ao seu autor principal, que confirmou ser fiel ao original. O procedimento adotado garantiu, portanto, a validade de conteúdo da versão portuguesa do RPQ.

#### **4.4 Medida Triárquica da Psicopatia**

A psicopatia foi avaliada através da administração aos participantes da versão portuguesa da *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM; Patrick, 2010), a Medida Triárquica da Psicopatia, adaptada e validada pelos autores Vieira, Almeida, Ferreira-



Santos, Moreira, Barbosa e Marques-Teixeira (2014), que se encontra no anexo 5. O TriPM é um instrumento de autopreenchimento que tem como referência conceitual o Modelo Triárquico da psicopatia (Patrick, Fowles & Krueger, 2009) e é constituído por 58 itens que avaliam as três componentes fenotípicas da psicopatia descritas pelo modelo, a *boldness*, a *meanness* e a *disinhibition* em adultos, a partir de três escalas. Para cada item é pedido ao sujeito que indique em que medida essa afirmação o descreve a si numa escala de Likert de 4 valores (0 = verdadeiro, 1 = moderadamente verdadeiro, 2 = moderadamente falso e 3 = falso; Patrick, 2010). O TriPM mede os traços da psicopatia de forma dimensional, consistente com a ideia de que a psicopatia pode ser medida com maior precisão continuamente do que categoricamente (Skeem et al., 2011). Existe evidência empírica da TriPM ter uma boa validade constructo e de capturar com sucesso os traços nucleares da psicopatia (Sellbom & Phillips, 2013; Stanley et al., 2013). Neste estudo as subescalas da TriPM apresentaram boas medidas de consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach (*meanness*) = .83;  $\alpha$  de Cronbach (*boldness*) = .75;  $\alpha$  de Cronbach (*disinhibition*) = .83).

A escala *Boldness* (B) é constituída por 19 itens distribuídos por nove subescalas e mede a combinação entre alta dominância social, baixa ansiedade e espírito de aventura. Esta é a capacidade de se manter calmo e concentrado em situações que envolvem pressão ou ameaça e de recuperar rapidamente de acontecimentos que envolvem tensão. É caracterizada por níveis elevados de eficácia social e de autoestima, e por tolerância relativamente ao desconhecido e perigo. A *boldness* é avaliada em três domínios: i) No domínio do comportamento interpessoal, através de três subescalas: *Persuasiveness* (“Tenho queda para influenciar as pessoas”), *Social Assurance* (e.g., “É fácil deixar-me envergonhado.” [i]<sup>8</sup>) e *Dominance* (e.g., “Sou um líder nato.”); ii) No domínio da experiência emocional, através de três subescalas: *Resilience* (e.g., “Consigo ultrapassar coisas que traumatizariam os outros.”), *Self-assurance* (e.g., “Não me considero talentoso.” [i]) e *Optimism* (e.g., “Sou mais vezes optimista do que o contrário.”); iii) E, no domínio do *venturesomeness*, através de três subescalas: *Courage* (e.g., “Assusto-me facilmente.” [i]), *Intrepidness* (e.g., “Não tenho um grande desejo de saltar de pára-quedas de um avião.” [i]) e *Tolerance for uncertainty* (e.g., “Preocupo-me quando me meto numa situação que não me é familiar sem conhecer todos os detalhes.” [i]). Os itens desta escala foram desenvolvidos para avaliar o constructo *fearless*

---

<sup>8</sup> [i] – item invertido

*dominance* do Fator 1 do *Psychopathy Personality Inventory* (PPI; Benning, Patrick, Hicks, Blonigen, & Krueger, 2003; Benning, Patrick, Salekin, & Leistico, 2005), uma vez que este captura a imperturbabilidade ou “sangue-frio” e as características da eficácia social da psicopatia, possuindo correlações muito fortes com este fator ( $r \sim .8$ ). Têm validade convergente relativamente a medidas de narcisismo, procura de emoções, e (falta de) empatia. A *Boldness* é a subescala TriPM que está mais relacionada com a faceta interpessoal do PCL-R, refletindo o charme, a grandiosidade, a dissimulação e manipulação (Drislane et al., 2013; Patrick, 2010).

Os itens das escalas *Meanness* (M) e *Disinhibition* (D) são derivados da escala *Externalizing Spectrum Inventory* (ESI; Krueger, Markon, Patrick, Benning & Kramer, 2007), que avalia problemas de comportamento externalizantes e traços da psicopatologia disinibitória representada no DSM-IV. A ESI é constituída por 145 itens organizados em 23 subescalas, que avaliam conceitos relacionados com os seguintes domínios: a impulsividade e a procura de estimulação; vários tipos de agressão; a alienação e a externalização de culpa; o roubo ou o furto e a desonestidade; e, o consumo ou o abuso de substâncias. O ESI já demonstrou ter validade em relação a medidas de critério de comportamento antissocial em adultos e em crianças, de abuso de álcool e drogas, e de traços conhecidos por predizer problemas deste tipo (Krueger et al., 2007; Patrick, Kramer, Krueger & Markon, 2013).

A escala *Disinhibition* é composta por 20 itens que avaliam a componente fenotípica da psicopatia *disinhibition* (e.g., “Muitas vezes aborreço-me rapidamente e perco o interesse.”), que é definida como a falta de inibição comportamental e emocional e reflete uma tendência para a impulsividade, a irresponsabilidade, a oposição e a raiva ou a hostilidade. Esta é caracterizada por um pobre planeamento e previsão, défices na regulação emocional e de impulsos, insistência na gratificação imediata e défices no controlo de comportamentos. Os itens desta escala que têm origem nas subescalas do ESI, que exibem os valores mais altos e mais puros do fator externalização: Irresponsabilidade; Impulsividade Problemática; Roubo; Alienação; Propensão para o Tédio; Impaciência, Fraudulência; Confiabilidade ([i]); e, Controlo Planeado ([i]). As pontuações desta escala têm uma correlação muito forte ( $r = .91$ ) com o fator externalização da ESI e têm uma correlação moderada com a escala B. Esta é a escala do TriPM mais relacionada com a característica estilo de vida do PCL-R, refletindo a impulsividade, a irresponsabilidade, a propensão para o tédio, estilo de vida parasita e a falta de planos a longo prazo (Patrick, 2010).

A escala *Meanness* é constituída por 19 itens que avaliam a componente fenotípica *meanness* da psicopatia (e.g., “Não vejo por que me preocupar se o que faço magoa alguém.”), que é definida como a procura de recursos agressivos sem ter em consideração os outros (desvinculação ativa) e reflete uma tendência para a frieza, a crueldade, a agressão predatória e a procura de sensações fortes. Esta implica défices na empatia, desdém por ou falta de vínculos afetivos com os outros, rebeldia, procura de sensações fortes, tendência a ser explorador e procura de poder através da crueldade. Os itens desta escala foram construídos a partir de itens selecionados das escalas da ESI que são indicadores do subfactor *callous aggression* (agressão fria) e operam apenas a nível secundário como indicadores de externalização (*disinhibition*). O subfactor *callous aggression* da ESI reflete tendências para a agressão proativa ou predatória, distinta da agressão reativa associada à externalização geral. As escalas da ESI com *loadings* significativos deste subfactor são: a Agressão Interpessoal; a Empatia ([i]); a Agressão Destrutiva; a Agressão Física; a Procura de Sensações Fortes; e a Honestidade ([i]). Estando mais representadas as subescalas Agressão Interpessoal e Empatia, que em conjunto têm um peso mais forte no subfactor *callous aggression*. Existe uma correlação forte ( $r = .65$ ) entre as pontuações desta escala e as pontuações deste subfactor. E, as pontuações da EM têm uma correlação moderada ( $r \sim .4$ ) com as pontuações da escala D e uma correlação modesta ( $r \sim .2$ ) com as pontuações da escala B. Esta é a escala do TriPM que está mais relacionada com a faceta afetiva do PCL-R, refletindo a frieza, a ausência de remorso, o afeto superficial e a falta de planos a longo prazo (Patrick, 2010).

As pontuações do TriPM (0, 1, 2 e 3) para os itens de *Boldness* (1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28, 32, 35, 38, 41, 44, 47, 50, 54 e 57), os itens de *Meanness* (2, 6, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29, 33, 36, 39, 40, 42, 45, 48, 52 e 55) e os itens de *Disinhibition* (3, 5, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31, 34, 37, 43, 46, 49, 51, 53, 56 e 58) foram somados para formar as escalas *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition*, respetivamente, sendo que nos itens invertidos (1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 53, 54, 55, 56 e 58) também as cotações foram invertidas (0 passa a 3 e vice-versa). As pontuações das três escalas foram somadas para obter as pontuações totais da psicopatia.

#### 4.5 Questionário das Fundações Morais

A versão portuguesa do *Moral Foundations Questionnaire* (MFQ; Graham, Nosek, Haidt, Iyer, Koleva & Ditto, 2011), Questionário das Fundações Morais, adaptada e traduzida pela Escola de Criminologia (não publicada), que se encontra no anexo 6, foi administrada aos participantes para avaliar o grau com que aprovam cada uma das cinco fundações morais propostas pela *Moral Foundations Theory* (MFT; Haidt & Graham, 2007), designadamente as seguintes:

- i) Dano (*harm/care*), que representa preocupações com a violência e o sofrimento dos outros, incluindo a compaixão e o cuidado;
- ii) Justiça-Reciprocidade (*fairness/reciprocity*), que representa as normas de relações recíprocas, equidade, direitos e justiça;
- iii) Grupo-Lealdade (*ingroup/loyalty*), que representa obrigações morais relacionadas com a pertença a um grupo, tais como a lealdade, deslealdade ou traição, e as expectativas de um tratamento preferencial para os membros do grupo relativamente aos membros exteriores ao grupo;
- iv) Autoridade-Respeito (*authority/respect*), que representa obrigações morais relacionadas com as relações hierárquicas, tais como a obediência, o dever, o respeito pelos superiores e a proteção dos subordinados;
- v) Pureza-Santidade (*purity/sanctity*), que representa o ideal moral de viver de um modo elevado, nobre e menos carnal, subjacente a intuições sobre a divindade, sentimentos de nojo moral e a pureza do corpo, da mente e da alma.

Existe evidência de que o MFQ é um instrumento válido e fiável na avaliação das intuições morais (Graham et al., 2011). Nestes estudo as escalas do MFQ apresentaram boas medidas de consistência interna ( $\alpha$  de Cronbach (*harm*) = .53;  $\alpha$  de Cronbach (*fairness*) = .57;  $\alpha$  de Cronbach (*ingroup*) = .66;  $\alpha$  de Cronbach (*authority*) = .47;  $\alpha$  de Cronbach (*purity*) = .63) e as subescala também<sup>9</sup>. O MFQ é constituído por 32 itens e está dividido em cinco escalas, cada uma constituída por seis itens, que avaliam

---

<sup>9</sup>  $\alpha$  de Cronbach (*harm relevance*) = .62;  $\alpha$  de Cronbach (*fairness relevance*) = .69;  $\alpha$  de Cronbach (*ingroup relevance*) = .53;  $\alpha$  de Cronbach (*authority relevance*) = .46;  $\alpha$  de Cronbach (*purity relevance*) = .44;  $\alpha$  de Cronbach (*harm judgment*) = .31;  $\alpha$  de Cronbach (*fairness judgment*) = .35;  $\alpha$  de Cronbach (*ingroup judgment*) = .52;  $\alpha$  de Cronbach (*authority judgment*) = .19;  $\alpha$  de Cronbach (*purity judgment*) = .46

as cinco intuições morais: a escala Dano (*Harm/care*); a escala Justiça-Reciprocidade (*Fairness/reciprocity*); a escala Grupo-Lealdade (*Ingroup/loyalty*); a escala Autoridade-Respeito (*Authority/respect*); e, a escala Puridade-Santidade (*Purity/sanctity*). O MFQ está dividido em duas partes, cada uma destas é constituída por 16 itens e tem três itens por cada uma das escalas que avaliam as intuições morais. A primeira parte mede a relevância moral (*moral relevance*) de considerações relacionadas com as fundações morais para os participantes. Esta consiste em afirmações (e.g., “Se alguém sofreu emocionalmente ou não.”) nas quais é pedido aos participantes para avaliarem o grau de importância de considerações, quando têm de decidir se algo é certo ou errado, numa escala de Likert de seis valores (0 = Nada importante (Esta consideração não tem nada a ver com as minhas avaliações de certo e errado), 1 = Não muito importante, 2 = Pouco importante, 3 = Importante, 4 = Muito importante e 5 = Extremamente importante (este é um dos fatores mais importantes quando julgo se algo é certo ou errado)). A segunda parte mede os juízos morais (*moral judgement*) através de afirmações que apoiam preocupações relacionadas com as fundações morais (e.g., “A compaixão por quem está a sofrer é a virtude mais importante.”), nas quais foi pedido aos participantes para avaliarem o seu grau de concordância com estas, numa escala de Likert de seis valores (0=Discordo totalmente, 1=Discordo moderadamente, 2=Discordo um pouco, 3=Concordo um pouco, 4= Concordo moderadamente e 5=Concordo totalmente). Foram incluídos no questionário dois itens (6 e 22) que não avaliam nenhuma intuição moral, por um lado, com o intuito de confirmar se os participantes tiveram atenção, se perceberam a medida e se responderam com significado, e, por outro lado, para os obrigar a utilizar a extremidade inferior da escala.

As pontuações da MFQ (0, 1, 2, 3, 4, 5 e 6) para os itens: da subescala Dano (*Harm/care*): 1, 7, 12, 17, 23 e 28; da subescala Justiça-Reciprocidade (*Fairness/reciprocity*): 2, 8, 13, 18, 24 e 29; da subescala Grupo-Lealdade (*Ingroup/loyalty*): 3, 9, 14, 19, 25 e 30; da subescala Autoridade-Respeito (*Authority/respect*): 4, 10, 15, 20, 26 e 31; da subescala Puridade-Santidade (*Purity/sanctity*): 5, 11, 16, 21, 27 e 32 foram somados para formarem as subescalas das fundações morais: Dano (*Harm/care*), Justiça-Reciprocidade (*Fairness/reciprocity*), Grupo-Lealdade (*Ingroup/loyalty*), Autoridade-Respeito (*Authority/respect*), Puridade-Santidade (*Purity/sanctity*), respetivamente. E, as pontuações para os itens da primeira parte (1 a 15) e da segunda parte (17 a 21, 23 a 32) que avaliam as intuições morais foram somados para formarem a subescala Relevância Moral (*Moral Relevance*

*Subscale*) e a subescala Juízos Morais (*Moral Judgments Subscale*), respetivamente. Os três itens relacionados com cada uma das intuições morais de cada uma das subescalas Relevância Moral e Juízos Morais foram somados de forma a obter duas subescalas para cada uma das cinco intuições morais.

#### **4.6 Versão adaptada da Tarefa Moral-Convencional Estendida**

Os juízos morais foram avaliados através da administração aos participantes de uma versão reduzida e adaptada da Tarefa Moral-Convencional Estendida (*MCT-X*; Ferreira-Santos, Sousa, Mauro, Paiva & Pereira, 2012; Pipa, Sousa, Ferreira-Santos & Mauro, 2013), que consiste na ampliação e revisão da original *Moral-Conventional Task* (MCT; Turiel, 1983). Esta encontra-se no anexo 7. A MCT-X consiste em 58 cenários, dos quais vários foram adaptados da literatura e outros foram desenvolvidos pelos autores. Esta tarefa foi elaborada de modo a avaliar juízos morais em participantes adultos num leque alargado de possíveis domínios morais além dos propostos originalmente por Turiel (1983), que são restringidos às categorias de dano e de justiça/reciprocidade, sendo incluídos no MCT-X cenários que incluem transgressões da lealdade com o grupo, do respeito pela autoridade e da pureza/santidade, de acordo com a classificação de Haidt (2007). A presente tarefa também avaliou as cinco intuições morais propostas por Haidt (ib.): o Dano (*Harm/care*); a Justiça-Reciprocidade (*Fairness/reciprocity*); o Grupo-Lealdade (*Ingroup/loyalty*); a Autoridade-Respeito (*Authority/respect*); e a Pureza-Santidade (*Purity/sanctity*).

Semelhantemente à MCT a MCT-X apresenta vários cenários escritos aos participantes, em cada um é apresentada uma história em que um ator pratica uma ação e o participante deve julgar se esse ato corresponde ou não a uma transgressão. Caso responda que a ação é transgressiva, deve também indicar se a ação continuaria a ser errada se uma autoridade legítima a permitisse (e.g., se o Governo aprovasse uma lei que permitia a ação) ou se a ação ocorresse noutro contexto (e.g., noutros tempos ou noutra sociedade onde era aceite). Assim, se a maioria dos participantes considerarem a ação errada, e que continuaria a ser errada independentemente da autoridade e na generalidade (i.e. em qualquer contexto ou sociedade), de acordo com Turiel (1983), estamos perante uma transgressão que evoca a “assinatura moral”. Distinguindo-se das transgressões convencionais, que são julgadas erradas, mas não são independentes da autoridade e/ou não generalizadas pelos contextos. A MCT-X é inovadora ao nível da introdução de questões emocionais sistemáticas sobre os cenários de transgressões,

permitindo assim estudar o papel das emoções nos juízos morais (Pipa, Sousa, Ferreira-Santos e Mauro, 2013).

**Tabela 1**

*Lista de Cenários selecionados da Tarefa Moral-Convencional Estendida (MCT-X), por Categoria de Domínio dos Cenários*

<b>Categoria</b>	<b>Código</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Versão*</b>	<b>Fonte</b>
<b>Dano</b>	MCT-X/11	Vizinho	H	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
	MCT-X/13	Empregado	L	Huebner et al., 2010
<b>Justiça-Reciprocidade</b>	MCT-X/23	Roubo	H	Huebner et al., 2010
	MCT-X/24	Imposto	H	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
<b>Grupo-Lealdade</b>	MCT-X/32	Futebol	L	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
	MCT-X/33	Política	L	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
<b>Autoridade-Respeito</b>	MCT-X/41	Fábrica	L	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
	MCT-X/42	Família	H	Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
<b>Puridade-Santidade</b>	MCT-X/51_Hu	Galinha	U	Haidt at al., 1993
	MCT-X/51_Hp	Galinha	P	Haidt at al., 1993
	MCT-X/52_Hu	Cão/pombo	U	Haidt at al., 1993
	MCT-X/52_Hp	Cão/pombo	P	Haidt at al., 1993
<b>Convencional</b>	MCT-X/63	Travestismo		Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013
	MCT-X/66	Etiqueta (prato)		Ferreira-Santos et al., 2012; Pipa, Sousa et al. 2013

**Notas:** \*Cenários com a versão H têm alta intensidade emocional; cenários com a versão L têm baixa intensidade emocional; cenários com as versões P ocorrem num contexto privado; cenários com as versões U acontecem num contexto público.

Na elaboração da Tarefa utilizada neste estudo, do conjunto de 58 cenários da MCT-X foram selecionados quatro cenários do domínio Puridade-Santidade e dois cenários de cada uma das restantes categorias, perfazendo um total de catorze cenários, dos quais doze representavam transgressões morais e dois representavam transgressões

convencionais. A ordem de apresentação dos cenários foi contrabalanceada pelos participantes. Na Tabela 1 é apresentada a lista dos cenários selecionados da MCT-X para a tarefa, por categoria de domínio dos cenários. De seguida apresenta-se um cenário (MCT-X/23\_H; Roubo) utilizado no questionário de forma a exemplificar as questões que são colocadas aos participantes sobre os cenários nesta versão reduzida da MCT-X.

Sandro vai a uma festa em casa de pessoas desconhecidas e onde ele não conhece ninguém. Ele vê o cofre aberto, tira todas as jóias caras e sai da festa.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Sandro tirar as jóias da casa?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

**2.** O Sandro tirar as jóias da casa é:

mu				nem mau				mu
au				nem bom				bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado tirar os pertences de outras pessoas das suas casas. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Sandro tirar as jóias da casa.\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Sandro tirar as jóias da casa.\_\_\_



**3.2.** Suponha que o Sandro vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado tirar os pertences de outras pessoas das suas casas. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Sandro tirar as jóias da casa?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um pouco				muito		extremamente
perturbado		perturbado		perturbado/a		perturbado		perturbado/a
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

			nem				
			desagradável				
muito			nem			muito	
desagradável		desagradável	agradável		agradável	agradável	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Através dos cenários de transgressões apresentadas aos participantes qualificamos o que constitui um juízo de uma transgressão moral por oposição a um juízo de transgressão de uma convenção social. Como se pode observar no exemplo

anterior, a partir da questão 1 aferimos se uma ação é considerada transgressiva. No caso de esta ser considerada transgressiva, são utilizadas as questões 3.1 sobre a independência da autoridade e 3.2 sobre a generalidade de forma a concluir se esta evoca a “assinatura moral”. Se os participantes continuarem a considerar a ação errada independentemente da autoridade e na generalidade, estamos perante uma transgressão que evoca a “assinatura moral”. Se os participantes que julgarem a ação errada, mas não a considerarem independente da autoridade e/ou não generalizada pelos contextos, estamos perante uma transgressão convencional. Na questão 2, os participantes avaliaram a gravidade da ação (*badness*) numa escala de Likert de 9 valores (0 = muito mau, 2 = mau, 4 = nem mau nem bom, 6 = bom e 8 = muito bom). As questões seguintes, que correspondem às questões emocionais, permitiram obter relatos da experiência emocional desencadeada pelos cenários nos participantes, incidindo nas seguintes dimensões efetivas: perturbação (*upsetting*), ativação (*arousal*) e valência (*valence*), respetivamente. A questão 4 mediu o quão perturbado se sentem os participantes perante a transgressão descrita no cenário (*upsetting*) numa escala de Likert de 9 valores (0 = nada perturbado/a, 2 = um pouco perturbado/a, 4 = perturbado/a, 6 = muito perturbado/a e 8 = extremamente perturbado/a). A questão 5 aferiu qual a intensidade ou ativação (*arousal*) afetiva atribuída pelos participantes à transgressão numa escala de Likert de 9 valores (0 = ativação muito baixa, 2 = ativação baixa, 4 = ativação média, 6 = ativação alta e 8 = ativação muito alta). A questão 6 avaliou a valência (*valence*) afetiva atribuída à transgressão numa escala de Likert de 9 valores (0 = muito desagradável, 2 = desagradável, 4 = nem desagradável nem agradável, 6 = agradável e 8 = muito agradável).

#### **4.7 Questionário de Delinquência Auto-revelada - Jovens Adultos**

O comportamento delinquente e o consumo de substâncias psicoativas foram avaliados através da administração aos participantes do Questionário de Delinquência Auto-revelada – Jovens Adultos, que se encontra no anexo 8. Este é um instrumento composto por um conjunto de questões relacionadas com o envolvimento em comportamentos delinquentes e o consumo de substâncias psicoativas. Este instrumento foi construído a partir do Questionário de Delinquência Auto-revelada desenvolvido no âmbito da Escola de Criminologia (EC), da FDUP (não publicado), que corresponde a uma versão portuguesa adaptada do *International Self-reported Delinquency – 2* (ISRD-2; Junger-Tas et al., 2010), validada para o contexto português e que foi aplicado a uma

amostra de grandes dimensões de jovens portugueses. De forma a definir os tipos de comportamentos delinquentes incluídos no questionário, observaram-se quais os comportamentos que eram incluídos com maior frequência em questionários que medem a prática de comportamentos delinquentes em jovens, designadamente: IRSD-2 (ib.); *Self-Reported Delinquency Measure* (SRD; Elliot & Ageton, 1980, in. Wittenborn, 2002) e *Mak's Self-reported Delinquency Scale* (Mak, 1993, in. Carrol et al., 1996).

#### **4.7.1 Delinquência auto-revelada**

Na primeira parte do questionário é medida a delinquência auto-revelada, incluindo 19 comportamentos delinquentes. Esta parte questiona os participantes, relativamente a cada um dos dezanove comportamentos delinquentes, se já alguma vez praticaram o ato, que idade tinham quando praticaram pela primeira vez, se o praticaram nos últimos doze meses, quantas vezes o praticaram nos últimos 12 meses, se da última vez o fizeram sozinho(a) ou acompanhado(a). Além destas questões, relativamente ao dano (item 1) é pedido aos participantes para indicarem o que danificaram ou destruíram, da última vez, e há 7 opções de resposta (Banco autocarro/metro/comboio; Moto/motorizada; Candeeiro de iluminação pública; Carro; Caixote/Contentor do lixo; Janela(s); Outra coisa. O quê?). No item 10 (posse de arma) é pedido para indicarem qual foi o tipo de arma que usaram, da última vez, e há 6 opções de resposta (Pau, bastão ou taco; Faca ou navalha; Corrente ou outro objeto metálico; Spray; Arma de fogo; Outra.). E, no item 17 é pedido para indicarem que tipo de animal maltrataram ou feriram, da última vez.

Foram desenvolvidas quatro escalas que medem a delinquência auto-revelada:

- Escala Delinquência Auto-revelada ao Longo da Vida, que mede a variedade de comportamentos delinquentes praticados pelos participantes, ao longo da vida. As pontuações (0 = Não praticou o ato delinquente e 1 = Praticou o ato delinquente) dos itens 1 ao 19 foram somados para obter a pontuação total desta escala;
- Escala Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 Meses, que mede a variedade de comportamentos delinquentes praticados pelos participantes, no último ano. As pontuações (0 = Não praticou o ato delinquente e 1 = Praticou o ato delinquente) das respostas dadas à questão 2 dos itens 1 ao 19 foram somados para obter a pontuação total desta escala;
- Escala Frequência de Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 meses, que mede o número de vezes que os participantes praticaram vários tipos de comportamentos

delinquentes, no último ano. A pontuação desta escala foi obtida pela soma das respostas dadas na questão 2 (Quantas vezes?) dos itens 1 ao 19.

Para cada uma destas quatro escalas foram desenvolvidas duas subescalas:

- Subescala Delinquência Auto-revelada Contra a Propriedade, que inclui os seguintes onze comportamentos delinquentes: dano (item 1), *shoplifting* (item 2), recetação (item 3) roubo de peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior (item 4), invasão de propriedade alheia com o propósito de roubar (item 5), roubo de bicicleta (item 6) roubo de moto ou motorizada (item 7), roubo de carro (item 8), furto de dinheiro ou outra coisa de valor superior a 5€ (item 15), uso de cheque ou cartão bancário roubado (item 18) e extorsão (item 12);
- Subescala Delinquência Auto-revelada Contra Pessoas, que inclui os seguintes quatro comportamentos delinquentes: luta de grupo (item 11); agressão física (item 12), agressão física com uma arma (item 14) e arremesso de objetos a outra pessoa propositadamente (item 16).

A pontuação total destas subescalas é obtida através da realização dos mesmos cálculos das respetivas escalas gerais, contudo apenas entram no cálculo os itens das respetivas subescalas.

#### **4.7.2 Consumo de substâncias psicoativas**

O objetivo de avaliar o consumo de substâncias psicoativas foi de confirmar se os participantes preenchem o critério de inclusão da tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais, uma vez que o abuso destas influencia a descodificação de emoções em expressões faciais (Fernández-Serrano, Lozano, Pérez-García & Verdejo-García, 2010). A segunda parte do questionário é composto por cinco itens que avaliam o consumo das seguintes substâncias psicoativas: cerveja ou vinho - item 20; bebidas alcoólicas fortes (vodka, whisky, aguardente, gin, rum, shots, ...) – item 21; erva, marijuana ou haxixe – item 22; ecstasy ou MD e metanfetaminas ou “speeds” – item 23; LSD (ácidos), cogumelos alucinogénios, heroína ou cocaína – item 24; e, substâncias vulgarmente designadas por “legal highs” ou novas substâncias psicoactivas ou associadas às smartshops (por exemplo, salvia, spice, mefredona, sais de banho, fertilizantes – Bloom, etc.) – item 25. Em cada item, os participantes foram questionados se já consumiram alguma vez a substância psicoativa, que idade tinham quando a consumiram pela primeira vez, se consumiram nas últimas quatro semanas, quantas vezes consumiram nas últimas quatro semanas, qual a frequência com que a

costumam consumir (avaliada numa escala de Likert de 4 valores: diariamente, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês e nunca). Além destas questões, relativamente aos itens das bebidas alcoólicas é pedido para indicarem se ficaram embriagados com estas bebidas nas últimas quatro semanas. Nos restantes itens é pedido para indicarem se da última vez fizeram-no sozinho(a) ou acompanhado(a). E, no item 24 é pedido para indicarem das seguintes drogas LSD (ácidos), Cogumelos alucinógenos, Heroína e Cocaína quais ou qual consumiram, uma vez que apesar destas quatro substâncias psicoativas serem ambas classificadas como “drogas pesadas” estas correspondem a tipos diferentes de substâncias psicoativas e que são associadas a diferentes perspetivas e contextos e prevenimos que os participantes respondessem que nunca tinham consumido estas substâncias, por apenas terem consumido uma ou alguma destas.

#### **4.8 Tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas**

A capacidade de descodificação de emoções em expressões faciais foi avaliada através da realização da tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas, desenvolvida para a presente tese.

##### **4.8.1 Estímulos**

Um conjunto de 36 vídeos<sup>10</sup> de seis atores, de ambos os sexos (50% do sexo feminino), a representarem expressões faciais diretas (face virada para a frente) de seis emoções: tristeza, alegria, medo, vergonha, nojo e raiva, foram selecionados do *Amsterdam Dynamic Facial Expression Set* (ADFES; Schalk, Hawk, Fischer & Doosje, 2011). A utilização da base de dados ADFES foi previamente autorizada pela sua autora principal, Agneta Fischer. O ADFES<sup>11</sup> é uma base de dados de vídeos com expressões faciais representadas por atores que utilizaram as mesmas unidades de ação faciais

---

<sup>10</sup> Os vídeos utilizados foram: Tristeza: M01-Sad-Face Forward, M02-Sad-Face Forward, M03-Sad-Face Forward, F01-Sad-Face Forward, F02-Sad-Face Forward e F03-Sad-Face Forward; Alegria: M01-Joy-Face Forward, M02-Joy-Face Forward, M03-Joy-Face Forward, F01-Joy-Face Forward, F02-Joy-Face Forward e F03-Joy-Face Forward; Medo: M01-Fear-Face Forward, M02-Fear-Face Forward, M03-Fear-Face Forward, F01-Fear-Face Forward, F02-Fear-Face Forward e F03-Fear-Face Forward; Vergonha: M01-Embarrass-Face Forward, M02-Embarrass-Face Forward, M03-Embarrass-Face Forward, F01-Embarrass-Face Forward, F02-Embarrass-Face Forward e F03-Embarrass-Face Forward; Nojo: M01-Disgust-Face Forward, M02-Disgust-Face Forward, M03-Disgust-Face Forward, F01-Disgust-Face Forward, F02-Disgust-Face Forward e F03-Disgust-Face Forward; Raiva: M01-Anger-Face Forward, M02-Anger-Face Forward, M03-Anger-Face Forward, F01-Anger-Face Forward, F02-Anger-Face Forward e F03-Anger-Face Forward.

<sup>11</sup> O ADFES é uma base de dados constituída por 648 expressões faciais de emoção filmadas por uma câmara de vídeo, com nove emoções discretas, designadamente as seis emoções básicas (alegria, raiva, medo, tristeza, surpresa, nojo), bem como desprezo, orgulho e vergonha. E, inclui expressões diretas (face para a frente) e uma expressão com rotação da cabeça (a face longe da câmara) ambas filmadas de dois ângulos. As expressões foram realizadas por 22 participantes holandeses (12 do sexo feminino) com diferentes etnicidades: 12 Caucasianos, 9 Mediterrânicos, 1 Indonésio (Schalk, Hawk, Fischer & Doosje, 2011).

(AUS) para retratar uma dada emoção, de modo às expressões serem o mais semelhantes possíveis, independentemente dos atores, e incorporarem o maior número possível de elementos protótipos propostos por Ekman e Friesen (1978), Keltner (1995), e Tracy e Robins (2004). Nos dois estudos realizados por Schalk, Hawk, Fischer, & Doosje (2011), com 124 participantes holandeses estudantes de psicologia, os estímulos do ADFES obtiveram pontuações elevadas de reconhecimento de emoções nas expressões faciais, semelhantes ou superiores às pontuações obtidas noutras bases de dados de expressões emocionais. Além disso, a fiabilidade inter-cotadores desta medida foi alta em ambas as condições de etnicidade (.90 = para atores Norte-Europeus; .93 = para atores Mediterrânicos). Estes resultados revelaram que o ADFES é uma base de dados de expressões emocionais filmadas válida e fiável. A escolha de estímulos que consistem em expressões dinâmicas ao invés de imagens estáticas ou *morphos*, teve como subjacente o facto de as expressões faciais naturais implicarem ação e, assim, os estímulos dinâmicos são assumidos como possuindo maior validade ecológica do que os estímulos estáticos. Estes fornecem maior informação relativamente aos estímulos estáticos, que os participantes podem utilizar para reconhecer a expressão. Os estudos revelam um maior reconhecimento de emoções expressões faciais dinâmicas relativamente às estáticas (Krumhuber, Kappas & Manstead, 2013; Trautmann, Fehr, & Herrmann, 2009).

Os vídeos selecionados da base de dados ADFES, com uma duração geral de 6 segundos, foram editados com o programa de edição de vídeo, *MAGIX VIDEO PRO X5* (MAGIX Software GmbH; Customer Care, Borsigstr. 24, 32312 Lübbecke, Alemanha), tendo sido reduzida a velocidade dos vídeos e depois cortados alguns *frames* no início e final destes. Como resultado da edição dos vídeos originais elaboramos vídeos com uma duração de 25 segundos, nos quais o ator começa por exibir uma expressão facial neutra, i.e., 0% de intensidade emocional da expressão, durante 3 segundos, e vai evoluindo gradualmente até à expressão facial prototípica, i.e., 100% de intensidade emocional da expressão, de uma de 6 emoções (tristeza, alegria, medo, vergonha, nojo e raiva), durante 6 segundos. Os estímulos foram apresentados num ecrã de 21' localizado aproximadamente a 70 cm do participante com um computador a executar o *PsychoPy 2.0*<sup>12</sup> (Peirce, 2007, 2009). Foi ainda utilizado um *Eye Tracker*, o equipamento *Mirametrix S2 Eye Tracking System*, como método de recolha e análise dos movimentos

---

<sup>12</sup> O *PsychoPy 2.0* foi programado pelo Pedro Fernandes, licenciado em Física pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

oculares realizados pelos participantes enquanto os estímulos visuais lhes foram apresentados, o.s., como instrumento de recolha e análise de dados relativos às coordenadas da zona da imagem que os participantes dirigiam o olhar, i.e., o ponto de visão, determinando as áreas da face que os participantes fixam a sua atenção, por quanto tempo e que ordem segue na sua exploração visual. Este equipamento monitoriza o ponto de visão através de leitores infravermelhos que medem a 60-Hz os movimentos da córnea e da pupila. O equipamento *Mirametrix S2 Eye Tracking System* foi colocado em frente e ligeiramente abaixo do monitor, estando centrado relativamente a este e próximo da borda inferior deste. Foi utilizado um microauscultador para gravar o áudio e isolar os participantes de qualquer ruído. Optou-se por registar as respostas do participante por voz e não através de respostas em comando para evitar que os participantes desloquem os olhos do monitor. O protocolo experimental foi programado para o efeito, recorrendo ao *software Psychopy 2.0* (id.). Devido a limitações de tempo e espaço os dados relativamente aos padrões de movimentação ocular não são reportados na presente tese e serão alvo de análise posterior.

#### **4.8.2 Tarefa**

Antes de iniciarem a tarefa, foram dadas instruções aos participantes de que iriam visualizar um conjunto de vídeos no monitor que evoluíam de uma expressão facial neutra, isto é, 0% de expressão, até uma expressão prototípica, isto é, 100% de expressão, de cada uma de 6 emoções (tristeza, alegria, medo, vergonha, nojo e raiva). A tarefa era identificarem a emoção logo que a reconhecessem, respondendo em voz alta. Foram informados que não lhes seria dado feedback às suas respostas e que a face iria continuar a mudar mesmo depois da resposta. Destacou-se que não tinham de se limitar à sua primeira resposta, podendo mudar a qualquer altura, até ao final do vídeo. Os participantes foram informados que a tarefa começava com uma fase de prática, de modo a se familiarizarem à tarefa e memorizarem as emoções que tinham de identificar. Foram também informados que iria ser utilizado um microauscultador para gravar o áudio e um *eye-tracker* para monitorizar a direção e o movimento do olhar relativamente aos vídeos. Depois de se fornecerem as instruções, averiguou-se se os participantes tinham percebido a tarefa e eram esclarecidas as dúvidas relativamente a esta.

Antes de iniciar a tarefa, os valores do erro de calibração foram registados. De seguida os participantes colocavam os microauscultadores, podendo-os ajustar à cabeça e colocar o microfone na distância correta à boca. Seguidamente iniciavam a fase prática, no qual ficavam sozinhos na sala. Durante a prática eram apresentados seis estímulos, nos quais um ator e uma atriz representavam expressões faciais diretas de cada uma das seis emoções. Os estímulos foram apresentados em ordem pseudoaleatória, de forma aos participantes receberem uma sequência diferente de estímulos e a apresentar apenas um estímulo por cada emoção. Os estímulos apresentados foram pseudoaleatorizados de um conjunto de doze estímulos<sup>13</sup>. Antes da apresentação de cada estímulo os participantes eram expostos, durante cinco segundos, a uma imagem que correspondia a um fundo preto com um ponto branco no seu centro, de forma a assegurar que os participantes dirigiam o olhar para o centro antes de apresentar o estímulo, forçando os participantes a iniciarem a exploração do estímulo a partir do centro do ecrã. O objetivo desta fase prática foi assegurar que todos os equipamentos estavam a funcionar, permitir que os participantes se familiarizarem à tarefa. No final desta fase era esclarecida qualquer dúvida relativamente à tarefa e assegurado que esta tinha sido compreendida corretamente e que sabiam o nome das emoções que tinham de identificar. Antes de iniciar o teste, foi repetido o processo de calibração. A fase de teste consistiu na apresentação de dezoito estímulos, nos quais dois atores e duas atrizes representavam expressões faciais diretas das seis emoções. Os estímulos foram apresentados em ordem pseudoaleatória, de forma a não apresentar estímulos com a mesma emoção de forma seguida, com sequência diferente por participante e serem apresentados três estímulos por cada emoção. Os estímulos apresentados foram pseudoaleatorizados de um conjunto de vinte e quatro estímulos<sup>14</sup>. Antes da apresentação de cada estímulo os participantes eram expostos, durante cinco segundos, a uma imagem que correspondia a um fundo preto com um ponto branco no seu centro.

---

<sup>13</sup> Os vídeos utilizados para elaborar os estímulos fase prática da tarefa foram: Tristeza: M03-Sad-Face Forward e F03-Sad-Face Forward; Alegria: M03-Joy-Face Forward e F03-Joy-Face Forward; Medo: M03-Fear-Face Forward e F03-Fear-Face Forward; Vergonha: M03-Embarass-Face Forward e F03-Embarass-Face Forward; Nojo: M03-Disgust-Face Forward e F03-Disgust-Face Forward; Raiva: M03-Anger-Face Forward e F03-Anger-Face Forward

<sup>14</sup> Os vídeos utilizados para elaborar os estímulos fase do teste da tarefa foram: Tristeza: M01-Sad-Face Forward, M02-Sad-Face Forward, F01-Sad-Face Forward e F02-Sad-Face Forward; Alegria: M01-Joy-Face Forward, M02-Joy-Face Forward, F01-Joy-Face Forward e F02-Joy-Face Forward; Medo: M01-Fear-Face Forward, M02-Fear-Face Forward, F01-Fear-Face Forward e F02-Fear-Face Forward; Vergonha: M01-Embarass-Face Forward, M02-Embarass-Face Forward, F01-Embarass-Face Forward e F02-Embarass-Face Forward; Nojo: M01-Disgust-Face Forward, M02-Disgust-Face Forward, F01-Disgust-Face Forward e F02-Disgust-Face Forward; Raiva: M01-Anger-Face Forward, M02-Anger-Face Forward, F01-Anger-Face Forward e F02-Anger-Face Forward.



Os dados do áudio foram inseridos na base de dados: a(s) resposta(s) dos participantes, relativamente à(s) emoção(ões) que identificavam para cada estímulo da fase do teste e o respetivo tempo(s) da(s) resposta(s). A última resposta dada era considerada a resposta alvo, independentemente da validade das respostas anteriores. Foi avaliada a precisão e a rapidez no reconhecimento das emoções em expressões faciais dinâmicas e o desempenho no reconhecimento destas, i.e., qual a intensidade emocional da expressão facial dinâmica necessária para os participantes reconhecerem corretamente a emoção. O reconhecimento de emoções em expressões faciais dinâmicas foi avaliado em seis escalas, cada uma correspondente a cada uma das seis emoções: tristeza, alegria, medo, vergonha, nojo e raiva. A pontuação de cada uma das seis escalas foi obtida pela soma das vezes que os indivíduos reconhecem a respetiva emoção e a sua pontuação total varia entre 0 e 3. O tempo no reconhecimento das emoções em expressões faciais dinâmicas foi avaliado através de seis escalas, cada uma correspondente a cada uma das seis emoções. A pontuação de cada uma das seis escalas foi obtida pela média dos tempos de reconhecimento da respetiva emoção nos seus estímulos. Por fim, foi avaliado o desempenho no reconhecimento das emoções em expressões faciais dinâmicas a partir de seis escalas, cada uma correspondente a cada uma das seis emoções. Em primeiro lugar, foram atribuídas pontuações consoante o tempo que os sujeitos demoraram dar a resposta correta aos estímulos: se a resposta foi dada quando a expressão facial apresentava 100% de intensidade da emoção, i.e., após os 19 segundos de apresentação do estímulo, a pontuação dada era de 1 ponto; se a resposta foi dada quando a expressão facial ainda não apresentava 100% de intensidade da emoção, era acrescido um ponto por cada segundo remanescente até aos 18 segundos (para uma pontuação máxima de 17 pontos). Por exemplo se o indivíduo desse a resposta no intervalo entre 18 e 19 segundos a pontuação dada era de 2 pontos, entre os 17 e 18 segundos a pontuação seria de 3 pontos e assim por diante. A pontuação de cada uma das seis escalas foi obtida pela média das pontuações do desempenho no reconhecimento da respetiva emoção.

## **5. Procedimentos de análise estatística de dados**

Nesta secção serão descritos o conjunto de procedimentos estatísticos que foram realizados para a posterior análise de dados. Antes de ser realizado qualquer procedimento estatístico, os dados recolhidos foram codificados numericamente no *software IBM Statistical Package for the Social Sciences Statistics 22 (IBM SPSS*

22.0). Todas as análises dos dados foram efetuadas com o IBM SPSS 22, utilizando-se ocasionalmente o *plugin* para o *software R* (Team, 2010). Considerou-se para todas as análises uma probabilidade de erro tipo I ( $\alpha$ ) de 0.05, uma vez que é o nível de significância mais comumente utilizado nas ciências sociais (e.g., Marôco, 2011). Antes de realizar a análise principal com o intuito de responder às questões de investigação, foram realizados procedimentos estatísticos de análise descritiva de modo a caracterizar a amostra. A análise seguinte foi orientada pelos objetivos da investigação e envolveu procedimentos estatísticos de imputação de dados omissos, de análise de correlações e de regressões lineares múltiplas.

### **5.1 Procedimentos de análise estatística descritiva**

A amostra foi caracterizada relativamente às variáveis sob estudo através da análise da estatística descritiva dos dados. As variáveis sob estudo foram caracterizadas em função da sua escala de medida recorrendo às medidas de tendência central, de modo a caracterizar os valores das variáveis sob estudo que ocorrem com mais frequência, e medidas de dispersão, de modo a caracterizar a dispersão das observações em torno das estatísticas de tendência central. No caso de variáveis quantitativas como a idade, a composição do agregado familiar e as escalas dos questionários RPQ, IRI, MFQ, TriPM e QDAR-JV utilizaram-se as seguintes estatísticas: a média amostral ( $\bar{X}$ ), de modo a caracterizar os valores das variáveis sob estudo que ocorrem com mais frequência, e o desvio-padrão (SD), para analisar a dispersão das observações face aos valores médios. E, foram analisadas as distribuições de frequências destas variáveis. No caso das seguintes variáveis qualitativas nominais - o sexo, o país de residência, país de origem, a nacionalidade, a profissão principal, a religião, os comportamentos delinquentes praticados ao longo da vida e nos últimos 12 meses, a classificação de ações dos cenários morais do MCT-X como erradas/não erradas e como transgressões morais/convencionais por domínio - e das seguintes variáveis qualitativas ordinais - as habilitações literárias, o rendimento mensal do agregado familiar, a orientação religiosa e a gravidade da ação moral - utilizou-se a moda, de modo a caracterizar os valores mais frequentes das variáveis na amostra, e analisaram-se as distribuições de frequências absolutas, relativas e relativas percentuais.

Em casos excecionais, recorreu-se a representações gráficas das frequências de determinadas variáveis, apropriadas ao tipo de variáveis. Estas permitiram a visualização de características das variáveis em estudo na amostra de forma a facilitar a

compreensão destas. Designadamente, recorreu-se a gráficos de barras em variáveis qualitativas nominais dicotómicas que representavam as frequências relativas percentuais das classes assumidas pelas variáveis.

Foram realizados testes de consistência interna do conjunto de itens que dão origem às subescalas do TriPM, IRI, RPQ e MFQ, utilizou-se a medida do alfa ( $\alpha$ ) de Cronbach. Os resultados destes foram apresentados anteriormente na descrição dos instrumentos.

### **5.1.1 Medidas de associação**

De modo a caracterizar a associação entre as variáveis sob estudo recorreu-se a coeficientes de correlação adequados às escalas de medida das variáveis. As medidas de associação caracterizam a intensidade e a direção da associação entre duas variáveis, não inferem sobre relações causais. O coeficiente de correlação de *Pearson* determina a direção e intensidade da associação linear entre duas variáveis quantitativas (Marôco, 2011), assim este é o coeficiente de correlação adequado para medir a associação entre as variáveis quantitativas sob estudo se a relação entre as variáveis for do tipo linear. Quando não se verificam as condições necessárias para utilizar o coeficiente de correlação de *Pearson* (e.g., ambas as variáveis devem ser quantitativas, ambas as variáveis devem apresentar uma distribuição normal e tem de existir uma relação linear entre as variáveis) deve-se recorrer a métodos estatísticos não paramétricos: ao coeficiente de correlação de *Spearman* (Field, 2005; Marôco, 2011).

De modo a tomar uma decisão entre a utilização de métodos estatísticos paramétricos (coeficiente de correlação de *Pearson*) ou a utilização de métodos estatísticos não paramétricos (coeficiente de *Spearman*) foi realizado um teste estatístico de normalidade, uma vez que um dos requisitos dos métodos paramétricos é a distribuição amostral ser do tipo normal. Com auxílio do SPSS foi realizado o teste de *Kolmogorov-Smirnov* para testar se as variáveis sob estudo possuem ou não uma distribuição normal. A dimensão da amostra é superior a 50 observações ( $n(103) > 50$ ), sendo assim este teste é mais apropriado do que o teste *Shapiro-Wilk*, que é adequado a amostras de pequenas dimensões ( $n < 30$ ). Para além disso, recorreu-se a diagramas de dispersão, de modo a ilustrar se a relação entre as variáveis e observar se a relação entre estas é do tipo linear, de modo a verificar se era preenchida a condição necessária para calcular o coeficiente de correlação de *Pearson*. Para auxiliar a determinação da

linearidade das relações foram adicionadas linhas de referência da equação aos gráficos.

Após a realização do teste estatístico *Kolmogorov-Smirnov* determinou-se as variáveis que seguem uma distribuição normal e as variáveis que não seguem uma distribuição normal na amostra e na subamostra (ver anexo 9). Relativamente às variáveis que não seguem uma distribuição normal, uma vez que se encontra violado o pressuposto de normalidade da utilização de testes paramétricos, serão realizados testes não paramétricos para efetuar as correlações entre estas e as outras variáveis, designadamente o coeficiente de correlação de *Spearman*. Serão utilizados os testes paramétricos, i.e., calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* para calcular as correlações entre as variáveis que seguem uma distribuição normal e não violam o pressuposto de linearidade.

O coeficiente de correlação *Point Bi-Serial* é a medida de associação indicada no caso de correlações entre variáveis quantitativas e variáveis qualitativas nominais dicotómicas discretas. Esta corresponde a uma correlação de *Pearson* quando a variável dicotómica é codificada como 0 para uma categoria e como 1 para a outra categoria. O coeficiente de correlação *Bi-Serial* é a medida de associação adequada a correlações entre variáveis quantitativas e variáveis ordinais. Estas medidas são executadas no SPSS 22 recorrendo-se ao coeficiente de correlação de *Pearson*. O sinal do coeficiente de correlação é completamente dependente da ordem em que as categorias estão codificadas, e, por conseguinte, a informação relativa à direção da relação deve ser cuidadosamente interpretada (Field, 2005). Seguiu-se este procedimento estatístico nestes casos.

Os valores dos coeficientes de correlação variam entre -1 e +1. Se o valor for maior do que zero a correlação entre as variáveis é positiva, i.e., as variáveis variam no mesmo sentido. Se o valor for menor do que zero a correlação entre as variáveis é negativa, i.e., as variáveis variam em sentido oposto. A intensidade da associação é indicada pelo valor absoluto dos coeficientes de correção, quanto mais próximo do zero mais fraca é a relação entre as variáveis. Embora não exista uma regra, foi tomada em consideração o contributo de Cohen (1988) na especificação da intensidade da associação entre as variáveis e consideramos que as correlações são: (i) fracas quando o valor absoluto de  $r$  é inferior a .3; (ii) moderadas para valores absolutos superiores ou iguais a .3 e inferiores a .5; e (iii) elevadas para valores absolutos superiores ou iguais a

.5. Tomou-se em consideração o *p-value* resultante de modo a testar a significância estatística da relação entre as duas variáveis.

## 5.2 Procedimentos de análise estatística inferencial

Por último, foram realizadas análises de regressão lineares múltiplas<sup>15</sup> de forma a estudar a relação entre as variáveis, designadamente com o intuito de proceder à estimação e inferência de relações funcionais entre as variáveis dependentes e as variáveis independentes e perceber que variáveis independentes melhor predizem as variáveis dependentes<sup>16</sup>. A análise de regressão linear múltipla é uma técnica estatística que estuda a relação entre variáveis. Esta é utilizada para modelar relações entre variáveis e prever o valor de uma variável dependente (critério ou de resposta) a partir de um conjunto de variáveis independentes (ou preditoras). A partir desta não é determinada uma relação do tipo causa-efeito, apenas é modelada uma relação de dependência funcional entre as variáveis<sup>17</sup> (Field, 2005; Marôco, 2011).

Antes de realizar a análise de regressões lineares múltiplas, foi realizada uma análise prévia de dados omissos nas variáveis que são somatórias, designadamente nas escalas do IRI, do TriPM, do RPQ e do MFQ. Apenas foram identificados dados omissos: nas três escalas do TriPM, na escala *Reactive Aggression* do RPQ (2); nas subescalas *Moral Relevance Fairness* (1) e na *Moral Judgement Authority* (1) do MFQ. Foi utilizada a técnica estatística *Little's Missing Completely at Random (Little's MCAR) Test*, para analisar o padrão dos dados omissos relativamente aos dados das escalas do TriPM, do RPQ e do MFQ. No Little's MCAR test o valor *p* foi superior a .05 e, por conseguinte, foi aceite a hipótese nula de que os valores omissos estavam distribuídos de forma completamente aleatória (*Chi-Square* = 917.814, *DF* = 1191, *p* = 1.000). Assim, há evidência de que não existia nenhum padrão especial da forma como

---

<sup>15</sup> Na área da Criminologia é comum os estudos analisarem padrões de associações dos dados com delinquência auto-revelada recorrendo aos modelos *Tobit*, devido à natureza censurada destes dados. Neste estudo, na distribuição dos dados de delinquência auto-revelada os valores são truncados à esquerda, uma vez que a maior parte dos valores assumidos pelas variáveis de delinquência auto-revelada é zero. Contudo, foi tomada a decisão de utilizarmos modelos de regressão linear múltipla, dado a maior simplicidade de interpretação destes modelos. Além disso, todas as análises de regressões lineares múltiplas foram repetidas utilizando modelos *Tobit* e os padrões de associação mantêm-se.

<sup>16</sup> Esta técnica permite conhecer o poder preditivo das variáveis independentes, i.e., avalia os efeitos das variáveis independentes na variável dependente, de modo a avaliar qual é o melhor estimador da variável dependente (Field, 2005; Marôco, 2011).

<sup>17</sup> Numa relação de dependência funcional entre as variáveis a magnitude da variável dependente é função da magnitude das variáveis independentes, que pode ser expressa por uma função matemática, independentemente de existir ou não uma relação funcional do tipo causa-efeito (Field, 2005; Marôco, 2011).

os dados omissos se distribuem. Em cada uma das escalas, os respectivos dados omissos foram preenchidos através da imputação de valores por escala estimados a partir dos outros valores. Uma vez que a distribuição da variável delinquência auto-revelada fugia de forma drástica à normalidade, procedeu-se a uma transformação logarítmica antes de se realizar a análise de regressões. Na análise dos modelos de regressão linear múltipla atendeu-se aos valores dos coeficientes de correlação ( $r$ ,  $r^2$  e  $r_a^2$ ) e dos coeficientes padronizados beta ( $\beta$ ). Foram verificados os pressupostos do modelo de regressão linear múltipla respeitantes aos erros dos resíduos (homogeneidade e normalidade), (quasi)ortogonalidade entre as variáveis independentes e linearidade entre as variáveis independentes e a variável dependente. A multicolinearidade das variáveis independentes foi diagnosticada pela análise da matriz de correlações bivariadas entre as variáveis preditoras e recorrendo-se ao SPSS.

**ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS****1. Descrição da amostra****1.1 Caracterização da amostra segundo as variáveis sob estudo**

De seguida são descritas as variáveis sob estudo. Os dados relativos à estatística descritiva - média, desvios padrões, valor máximo e valor mínimo - das variáveis empatia, psicopatia, agressão e fundações morais e das suas variáveis constituintes são apresentadas nas tabelas seguintes (Tabelas 2 e 3).

**Tabela 2**

*Estatística descritiva (médias, desvios padrões, valor máximo e valor mínimo) das variáveis empatia, psicopatia, agressão e fundações morais e das suas variáveis constituintes na amostra.*

Variáveis	Média	SD	Mínimo	Máximo
<b>Empatia Total</b>	57.89	11.74	27	85
<b>Preocupação Empática</b>	18.28	3.75	8	24
<b>Tomada de Perspetiva</b>	16.22	3.68	6	23
<b>Desconforto Pessoal</b>	10.20	4.47	0	20
<b>Fantasia</b>	13.89	5.60	0	24
<b>Psicopatia Total</b>	116.62	17.25	86	175
<b>Boldness</b>	48.57	7.23	33	71
<b>Meanness</b>	30.81	6.88	19	54
<b>Disinhibition</b>	37.24	8.78	22	63
<b>Agressão Total</b>	11.63	6.14	1	38
<b>Agressão Reativa</b>	9.33	4.00	1	21
<b>Agressão Proativa</b>	2.3	2.79	0	17

**Tabela 3**

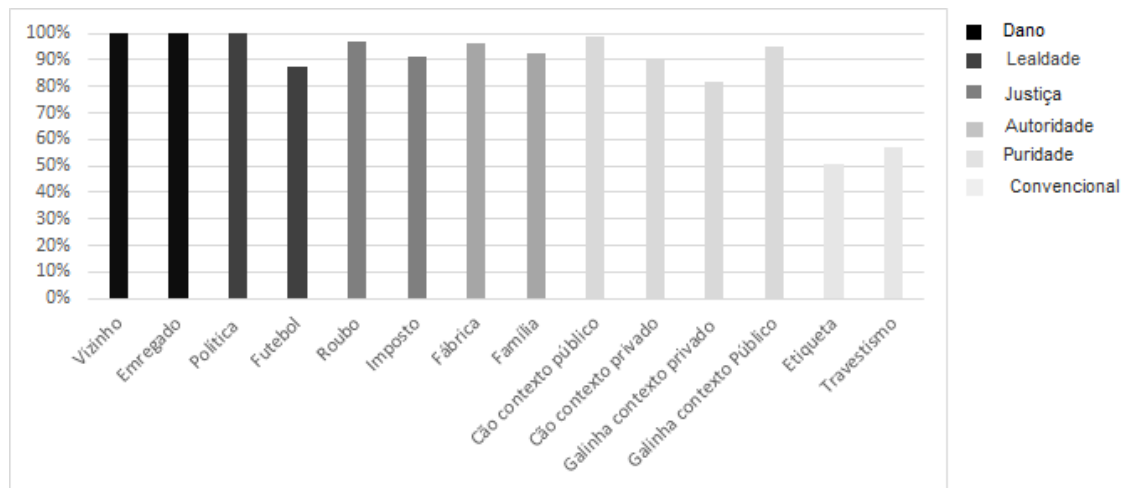
*Estatística descritiva das variáveis fundações morais e das suas variáveis constituintes na amostra.*

<b>Variáveis</b>	<b>Média</b>	<b>SD</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Dano</b>	23.31	3.51	11	30
<b>Justiça-Reciprocidade</b>	23.46	3.29	16	30
<b>Grupo-Lealdade</b>	19.90	4.51	8	29
<b>Autoridade-Respeito</b>	17.25	3.80	9	27
<b>Puridade-Santidade</b>	12.86	5.00	1	24
<b>Relevância Moral Dano</b>	11.71	2.09	3	15
<b>Relevância Moral Justiça-Reciprocidade</b>	12.36	2.00	5	15
<b>Relevância Moral Grupo-Lealdade</b>	10.21	2.30	5	15
<b>Relevância Moral Autoridade-Respeito</b>	8.22	2.19	2	13
<b>Relevância Moral Puridade-Santidade</b>	6.7	2.84	0	12
<b>Juízo Moral Dano</b>	11.6	2.33	3	15
<b>Juízo Moral Justiça-Reciprocidade</b>	11.1	2.15	6	15
<b>Juízo Moral Grupo-Lealdade</b>	9.69	2.98	1	15
<b>Juízo Moral Autoridade-Respeito</b>	9.03	2.49	4	15
<b>Juízo Moral Puridade-Santidade</b>	6.15	2.99	0	13

### **1.3.1 Distinção moral-convencional**

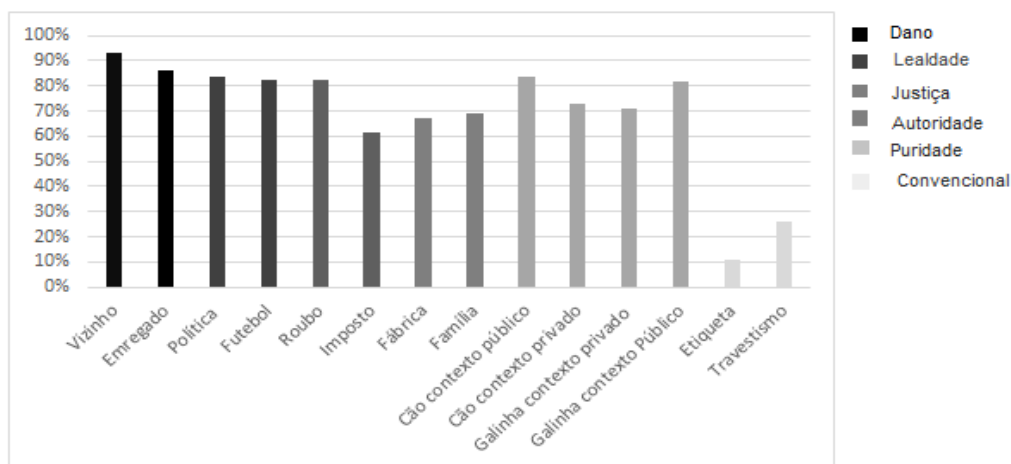
Como se pode observar na Figura 1, as ações do domínio dano foram sempre consideradas transgressões. As ações no âmbito do domínio grupo-lealdade foram sempre consideradas transgressões no cenário Política e são consideradas como transgressões na grande maioria das vezes no cenário Futebol. As ações dos restantes domínios justiça, autoridade e pureza também são consideradas transgressões na grande maioria das vezes. Apenas cerca de metade dos participantes considerou transgressivas ações que fazem parte do domínio convencional. Além disso, a maior parte dos participantes considera as ações do domínio moral mais frequentemente transgressivas relativamente às ações do domínio convencional.





**Figura 1.** Percentagem de participantes que consideraram transgressivas as ações de cada um dos cenários por domínio moral

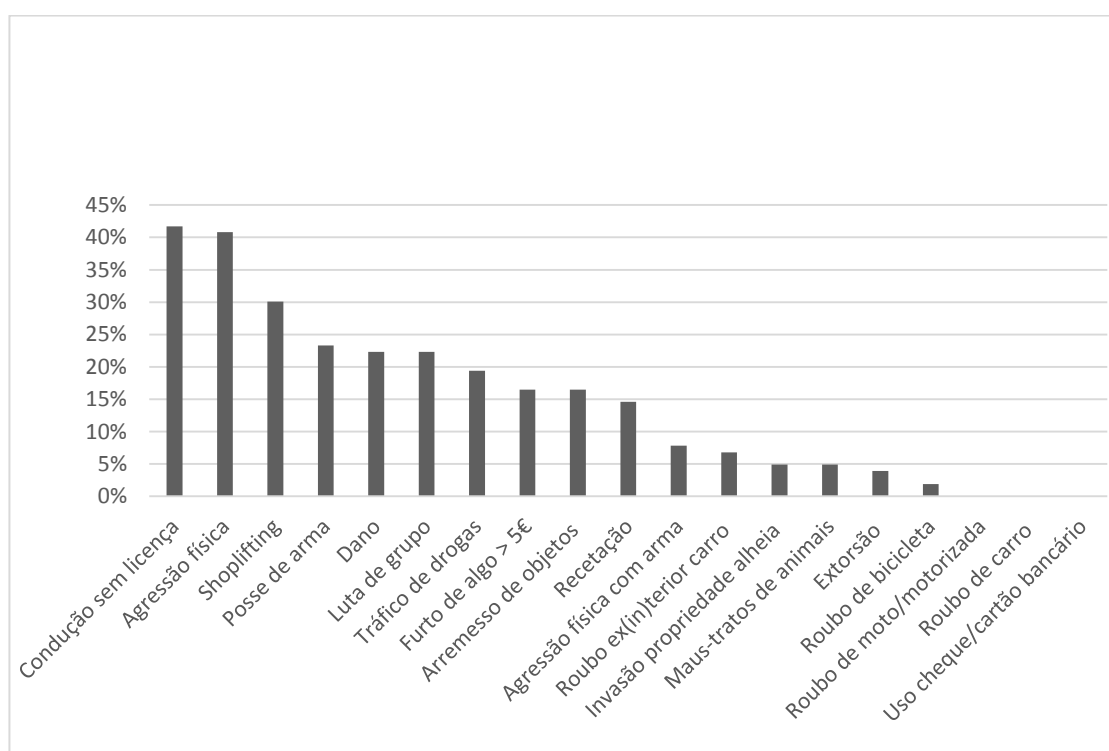
Como se pode observar na Figura 2, constata-se que na maioria das vezes as ações de todos os domínios, exceto o convencional, são consideradas como transgressões morais no sentido de serem consideradas erradas de forma independente de uma autoridade e na generalidade. Todos estes cenários cumpriram maioritariamente este critério. As ações do domínio convencional não são consideradas na maioria das vezes transgressões morais.



**Figura 2.** Percentagem de participantes que consideraram transgressões morais as ações de cada um dos cenários por domínio moral

### 1.3.2 Delinquência auto-revelada

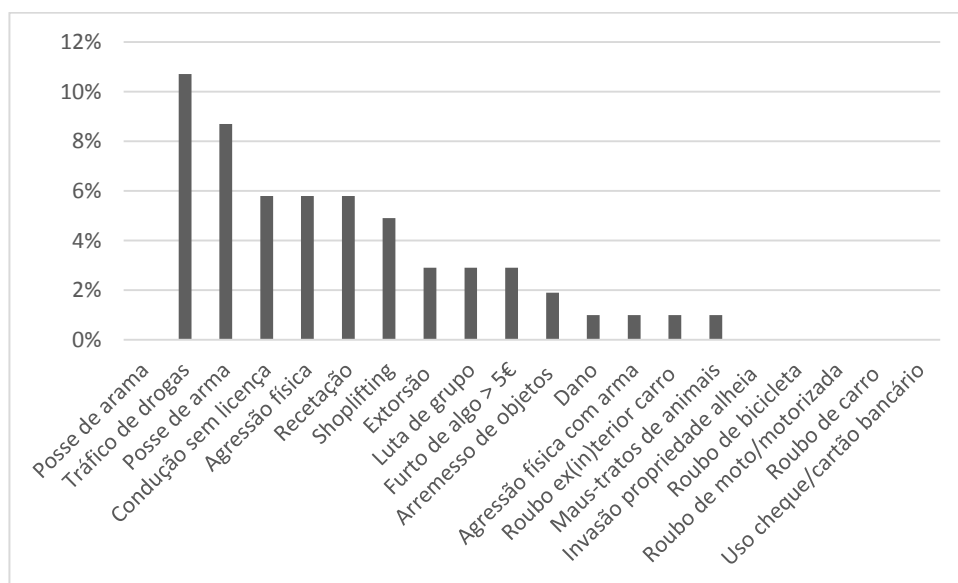
Como é possível observar na Figura 3, os comportamentos delinquentes contra a propriedade: roubo de moto ou motorizada, roubo de carro e uso de cheque ou cartão bancário roubado não foram praticados ao longo da vida pelos participantes. A maior parte dos participantes nunca tinha praticado cada um dos comportamentos delinquentes ao longo da vida. A percentagem de participantes que praticou cada um dos restantes comportamentos delinquentes ao longo da vida foi distribuída pela amostra da seguinte forma, por ordem decrescente: condução de veículo sem licença, agressão física, *shoplifting*, posse de arma, dano, luta de grupo, tráfico de substâncias psicoativas, furto de dinheiro ou outra coisa de valor superior a 5€, arremesso de objetos a outra pessoa propositadamente, recetação, agressão física com arma, roubo de peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior, invasão de propriedade alheia com o propósito de roubar, maus-tratos de animais, extorsão e roubo de bicicleta.



**Figura 3.** Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos dezanove comportamentos delinquentes ao longo da vida

Como é possível observar na Figura 4., a maior parte dos participantes não praticou nenhum dos comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses. A percentagem de participantes que praticou cada um dos comportamentos delinquentes

nos últimos 12 meses foi residual. Os comportamentos delinquentes contra a propriedade supracitados, o roubo de bicicleta e a invasão de propriedade alheia com o propósito de roubar nunca foram praticados pelos participantes nos últimos 12 meses. O tráfico de substâncias psicoativas e a posse de arma foram os comportamentos delinquentes que tiveram uma maior percentagem de participantes que os tinham praticado nos últimos 12 meses.



**Figura 4.** Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses

A maior parte dos participantes praticou pelo menos um dos 19 tipos de comportamentos delinquentes ao longo da vida. Na Tabela 4 pode se observar a estatística descritiva (médias, desvios padrões, valor máximo e valor mínimo) das escalas da delinquência auto-revelada.

**Tabela 4**

*Estatística descritiva das escalas da delinquência auto-revelada*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
<b>Delinquência Auto-revelada ao Longo da Vida</b>	.00	12.00	2.78	3.00
<b>Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	8.00	.55	1.19
<b>Frequência de Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	104.00	3.63	11.99

Aproximadamente metade dos participantes nunca tinha praticado nenhum dos 11 diferentes tipos de comportamentos contra a propriedade e contra pessoas ao longo da vida. A maior parte dos participantes não praticou crimes contra a propriedade nem crimes contra pessoas nos últimos 12 meses. Nas Tabela 5 pode se observar a estatística descritiva (médias, desvios padrões, valor máximo e valor mínimo) das subescalas da delinquência auto-revelada

**Tabela 5**

*Estatística descritiva das subescalas delinquência auto-revelada*

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
<b>Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada ao Longo da vida</b>	.00	6.00	1.01	1.51
<b>Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	4.00	.18	.61
<b>Frequência de Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	13.00	.55	2.27
<b>Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada ao Longo da vida</b>	.00	4.00	.87	1.05
<b>Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	3.00	.12	.45
<b>Frequência de Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	4.00	.17	.67

## 1.2 Caracterização da subamostra segundo as variáveis sob estudo

### 1.2.1 Decodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas

Os dados relativos à estatística descritiva do número de respostas corretas dadas aos estímulos na tarefa de decodificação de emoções (alegria, medo, tristeza, raiva, nojo e vergonha) em expressões faciais dinâmicas e do tempo em que as emoções foram reconhecidas (segundos) são apresentados na Tabela 6. A estatística descritiva desempenho no reconhecimento destas encontra-se na Tabela 7. Como se pode observar os participantes em média reconheceram corretamente todos os estímulos de alegria, de medo e de nojo, sendo os estímulos de alegria os que obtiveram maior reconhecimento e

estímulos de raiva foram os menos reconhecidos pelos participantes. Os estímulos de alegria foram os estímulos que os participantes demoraram em média menos tempo a dar a resposta correta. Por outro lado, os estímulos de raiva corresponderam aos estímulos que os participantes demoraram em média mais tempo a dar a resposta correta. Os estímulos que os jovens adultos tiveram melhor desempenho reconhecer foram os de alegria e os que tiveram pior desempenho a reconhecer foram os estímulos de raiva.

**Tabela 6**

*Estatística descritiva do número de respostas corretas dadas aos estímulos na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas e do tempo em que as emoções foram reconhecidas*

<b>Emoção</b>	<b>Média do número de respostas corretas</b>	<b>(SD)</b>	<b>Média de tempo das respostas corretas (segundos)</b>	<b>(SD)</b>
<b>Alegria</b>	2.92	(.38)	10.35	(3.62)
<b>Medo</b>	2.64	(.69)	13.32	(3.55)
<b>Tristeza</b>	2.44	(.73)	12.69	(3.34)
<b>Raiva</b>	1.93	(1.06)	16.48	(4.16)
<b>Nojo</b>	2.56	(.77)	12.04	(4.01)
<b>Vergonha</b>	2.37	(.91)	12.60	(3.74)

**Nota:** O número de respostas corretas para os estímulos das emoções medo, tristeza, raiva, nojo e vergonha variou entre 0 e 3, e para os estímulos da emoção alegria variou entre 1 e 3.

**Tabela 7**

*Estatística descritiva das pontuações obtidas no desempenho no reconhecimento das emoções dos estímulos na tarefa de descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas*

<b>Emoção</b>	<b>Média</b>	<b>SD</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Alegria</b>	10.14	3.55	1	16.00
<b>Medo</b>	6.88	3.38	0	14.33
<b>Tristeza</b>	6.63	3.41	0	14.67
<b>Raiva</b>	3.21	3.19	0	12.00
<b>Nojo</b>	7.52	3.80	0	15.00
<b>Vergonha</b>	6.77	3.98	0	14.67

### 1.2.2 Psicopatia e delinquência auto-revelada

Na Tabela 8 é apresentada a estatística descritiva das escalas do TriPM e da delinquência auto-revelada na subamostra<sup>18</sup>.

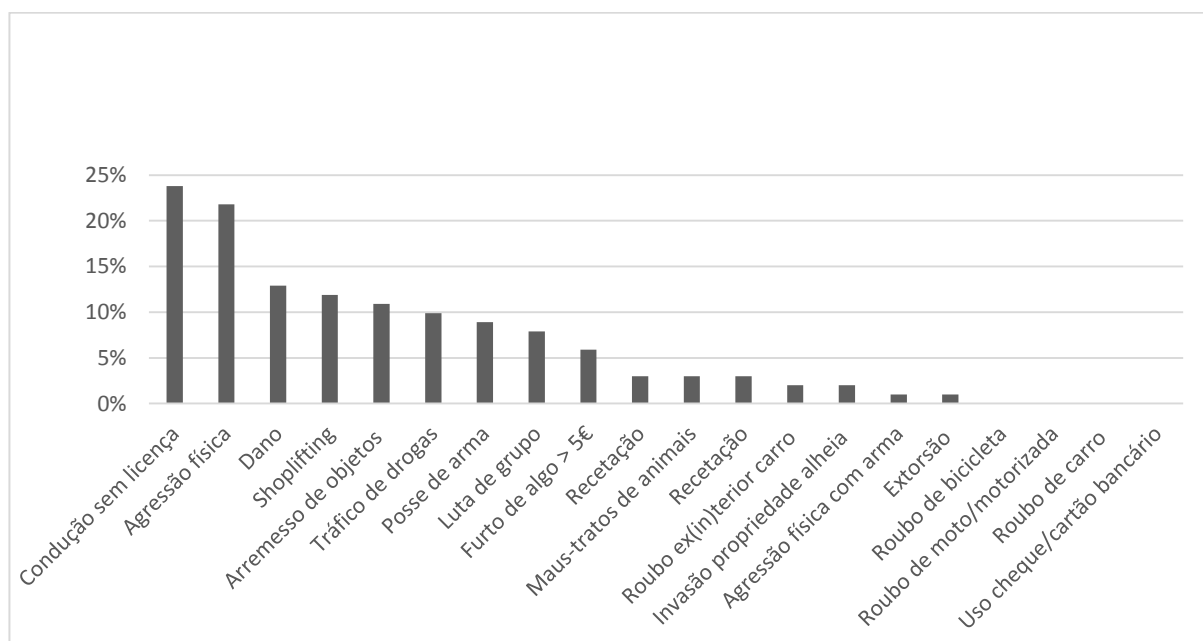
**Tabela 8**

*Estatística descritiva das escalas da Medida Triárquica da Psicopatia e da delinquência auto-revelada na subamostra*

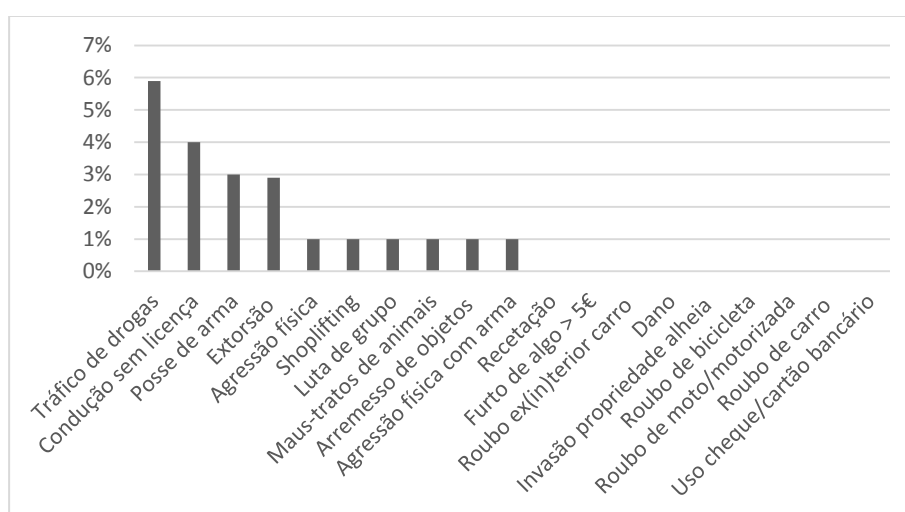
	Mínimo	Máximo	Média	SD
<b>Boldness</b>	33	60	48.11	6.14
<b>Meanness</b>	20	44	30.56	6.32
<b>Disinhibition</b>	24	54	36.12	7.82
<b>Psicopatia Total</b>	86	145	114.79	14.37
<b>Delinquência Auto-revelada ao Longo da Vida</b>	.00	12.00	2.23	2.39
<b>Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	2.00	.35	.69
<b>Frequência de Delinquência Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	30.00	2.39	6.16
<b>Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada ao Longo da vida</b>	.00	5.00	.68	1.18
<b>Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	1.00	.07	.26
<b>Frequência de Delinquência Contra a Propriedade Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	6.00	.14	.81
<b>Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada ao Longo da vida</b>	.00	3.00	.74	.94
<b>Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	1.00	.04	.19
<b>Frequência de Delinquência Contra Pessoas Auto-revelada nos Últimos 12 Meses</b>	.00	1.00	.04	.19

<sup>18</sup> Os valores da escala psicopatia do TriPM, *boldness*, *meanness* e *disinhibition* na variam entre: 86 e 145; 33 e 60; 20 e 44; e, 24 e 54.

Nas Figuras 5 e 6 pode se observar a percentagem de participantes que praticou cada um dos restantes comportamentos delinquentes ao longo da vida e nos últimos 12 meses, respetivamente. Os comportamentos delinquentes contra a propriedade: roubo de moto ou motorizada, roubo de carro e uso de cheque ou cartão bancário roubado não foram praticados ao longo da vida pelos participantes. A maior parte dos participantes nunca tinha praticado cada um dos comportamentos delinquentes ao longo da vida nem nos últimos 12 meses, sendo a última mais residual.



**Figura 5.** Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes ao longo da vida na subamostra



**Figura 6.** Percentagem de participantes que auto-revelam ter praticado cada um dos 19 comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses na subamostra

Os comportamentos delinquentes contra a propriedade referidos mais o roubo de bicicleta, o dano, roubo ex(in)terior de um carro, furto de algo superior a cinco euros, a recetação e a invasão de propriedade alheia com o propósito de roubar nunca foram praticados pelos participantes nos últimos 12 meses (ver Figura 6).

## **2. Relações entre variáveis**

Após a caracterização da amostra, vão ser exploradas as relações existentes entre as variáveis sob estudo. Na apresentação dos resultados, destacaremos as correlações significativas.

### **2.1 Relação entre a delinquência auto-revelada e a empatia**

As Tabelas 9, 10 e 11 apresentam as correlações entre as variáveis da delinquência auto-revelada e a empatia e os seus fatores. Em primeiro lugar, pode se observar que a empatia correlaciona-se negativamente com a delinquência auto-revelada e a sua frequência nos últimos 12 meses, o.s., os jovens adultos que revelam ter praticado uma maior variedade e uma maior frequência de comportamentos delinquentes nos últimos 12 meses, exibiram menores valores de empatia. Constatou-se que o fator afetivo da empatia, preocupação empática, se correlaciona negativamente com as variáveis da delinquência auto-revelada: ao longo da vida, nos últimos 12 meses e a sua frequência nos últimos 12 meses. A preocupação empática também se correlaciona negativamente com as variáveis da delinquência contra a propriedade auto-revelada: ao longo da vida, nos últimos 12 meses e a sua frequência nos últimos 12 meses. Estas correlações negativas entre a preocupação empática e as variáveis de delinquência auto-revelada e de delinquência contra a propriedade auto-revelada significam que os jovens adultos que reportaram adotar uma maior variedade de comportamentos delinquentes e, especificamente, comportamentos delinquentes contra a propriedade ao longo da vida e nos últimos 12 meses, e que revelaram uma maior frequência destes comportamentos nos últimos 12 meses, apresentaram valores mais baixos de preocupação empática. Observa-se que mais nenhum fator da empatia teve correlações significativas com as estas variáveis, bem como a empatia os seus fatores não têm correlações significativas com as variáveis da delinquência auto-revelada contra pessoas.



**Tabela 9***Correlações entre as variáveis da empatia e da delinquência auto-revelada*

	Delinquência auto-revelada ao longo da vida	Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses	Frequência Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses
<b>Empatia</b>	-.116	<b>-.210*</b>	<b>-.215*</b>
<b>Preocupação empática</b>	<b>-.243*</b>	<b>-.257**</b>	<b>-.274**</b>
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.101	-.128	-.125
<b>Angústia Pessoal</b>	.037	.013	.035
<b>Fantasia</b>	.019	-.110	-.115

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

**Tabela10***Correlações entre as variáveis da empatia e da delinquência contra propriedade auto-revelada*

	Crimes Contra Pessoas ao Longo da vida	Crimes Contra Pessoas nos Últimos 12 Meses	Frequência de Crimes Contra Pessoas nos Últimos 12 Meses
<b>Empatia</b>	-.052	-.030	-.022
<b>Preocupação empática</b>	-.035	.034	.041
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.076	-.020	-.019
<b>Angústia Pessoal</b>	.004	-.033	-.024
<b>Fantasia</b>	-.014	-.002	.005

**Tabela 11***Correlações entre variáveis da empatia e da delinquência contra propriedade auto-revelada*

	Crimes Contra a Propriedade ao longo da vida	Crimes Contra a Propriedade nos Últimos 12 Meses	Frequência de Crimes Contra a Propriedade nos Últimos 12 Meses
<b>Empatia</b>	-.115	-.160	-.174
<b>Preocupação empática</b>	<b>-.266**</b>	<b>-.221*</b>	<b>-.225*</b>
<b>Tomada de Perspetiva</b>	-.013	-.036	-.029
<b>Angústia Pessoal</b>	.021	-.050	-.079
<b>Fantasia</b>	-.007	-.110	-.127

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

Ao analisar os modelos de predição das variáveis da delinquência auto-revelada a partir dos fatores da empatia, apenas o modelo de predição da delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida foi estatisticamente significativo ( $p = .023$ ). Através da Tabela 12 constata-se que 7.2% da variância total da delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida é explicada pelos fatores da empatia. Seguidamente, observa-se que apenas a preocupação empática teve um efeito significativo na predição da delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida, sendo a variável que neste modelo mais contribuiu para a predição desta e entra de forma negativa na explicação desta variável ( $\beta = -.356$ ), como verificamos anteriormente.

**Tabela 12**

*Predição da delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida a partir dos fatores da empatia: preocupação empática, fantasia, tomada de perspectiva e angústia pessoal (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Preocupação empática</b>	-.144	.045	-.356	-3.187	.002
<b>Tomada de perspectiva</b>	-.013	.040	-.032	-.328	.743
<b>Angústia pessoal</b>	.046	.035	.135	1.296	.198
<b>Fantasia</b>	.011	.029	.039	.369	.713

Notas:  $R^2 = .108$ ;  $R^2$  ajustado = .072 ( $p = .023$ ).

## 2.2 Relação entre a delinquência auto-revelada e a psicopatia

Como é possível observar na Tabela 13, a psicopatia correlaciona-se positivamente com a delinquência auto-revelada ao longo da vida, a delinquência auto-revelada ao longo dos últimos 12 meses e com a frequência da delinquência auto-revelada ao longo dos últimos 12 meses. Existe uma correlação positiva entre a psicopatia e a delinquência auto-revelada contra a propriedade e contra pessoas praticados ao longo da vida e nos últimos 12 meses, e a frequência da prática destes nos últimos 12 meses. As correlações entre a psicopatia e a delinquência auto-revelada, crimes contra propriedade e pessoas ao longo da vida são elevadas. E, a força da

correlação entre a psicopatia a delinquência auto-revelada, crimes contra propriedade e pessoas ao longo dos últimos 12 meses e a sua frequência nestes é apenas moderada.

**Tabela 13**

*Correlações entre as variáveis da psicopatia e da delinquência auto-revelada*

	Delinquência auto-revelada ao longo da vida	Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses	Frequência Delinquência auto- revelada nos últimos 12 meses
<b>Psicopatia</b>	.626**	.497**	.488**
<b>Boldness</b>	.391**	.281**	.264**
<b>Meanness</b>	.384**	.323**	.313**
<b>Disinhibition</b>	.613**	.391**	.397**

\*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

Relativamente às componentes da psicopatia, observa-se que a *boldness*, a *meanness* e a *disinhibition* correlacionam-se positivamente com a delinquência auto-revelada ao longo da vida, nos últimos 12 meses e a frequência desta nos últimos 12 meses. Destaca-se que a *disinhibition* é a componente que tem uma correlação mais intensa com as variáveis da delinquência auto-revelada, existindo uma correlação elevada entre a *disinhibition* e a delinquência auto-revelada ao longo da vida (ver Tabela 13). Por sua vez também se evidenciou uma correlação positiva entre a *boldness*, a *meanness* e a *disinhibition* e a delinquência contra propriedade auto-revelada ao longo da vida, nos últimos 12 meses e a frequência desta nos últimos 12 meses. Tal como com a delinquência auto-revelada ao longo da vida, a correlação entre a *disinhibition* e a delinquência contra propriedade auto-revelada ao longo da vida é elevada. Diferentemente das correlações anteriores, a *boldness* é a componente que tem uma correlação mais forte com a delinquência contra propriedade nos últimos 12 meses e a frequência desta (ver Tabelas 13 e 14).

Seguidamente, verifica-se que a *boldness*, a *meanness* e a *disinhibition* correlacionam-se positivamente com a delinquência contra pessoas ao longo da vida. Apenas existe uma correlação positiva entre a *boldness* e a delinquência contra pessoas nos últimos 12 meses. Relativamente à frequência deste tipo de delinquência nos últimos 12 meses, apenas se evidenciou uma correlação positiva entre esta e a *boldness* e a *meanness*.

**Tabela 14**

*Correlações entre as variáveis da psicopatia e da delinquência contra pessoas auto-revelada*

	Crimes Contra Pessoas ao Longo da vida	Crimes Contra Pessoas nos Últimos 12 Meses	Frequência de Crimes Contra Pessoas nos Últimos 12 Meses
<b>Psicopatia</b>	.534**	.270**	.269**
<i>Boldness</i>	.338**	.199*	.195*
<i>Meanness</i>	.355**	.126	.122
<i>Disinhibition</i>	.426**	.192	.195*

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

**Tabela 15**

*Correlações entre as variáveis da psicopatia e da delinquência contra a propriedade auto-revelada*

	Crimes Contra a Propriedade ao longo da vida	Crimes Contra a Propriedade nos Últimos 12 Meses	Frequência de Crimes Contra a Propriedade nos Últimos 12 Meses
<b>Psicopatia</b>	.598*	.446*	.417*
<i>Boldness</i>	.316*	.328*	.328*
<i>Meanness</i>	.393*	.319*	.302*
<i>Disinhibition</i>	.570*	.331*	.299*

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed).

A regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis *boldness* e *disinhibition* como preditores significativos da delinquência auto-revelada ao longo da vida. A *meanness*, sozinha, surge identificada como um preditor significativo da delinquência auto-revelada. A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que neste modelo a *boldness* e a *disinhibition* são as componentes da psicopatia que apresentam uma maior contribuição relativa para a explicação da delinquência auto-revelada ao longo da vida, sendo a *boldness* a variável com maior importância relativa na explicação desta. A par disto, tendo em consideração que os coeficientes padronizados de *boldness* e *dishinibition* apresentam valores positivos, estas componentes entram positivamente para a explicação da delinquência auto-revelada ao longo da vida. Este modelo é altamente significativo e explica uma proporção grande da variabilidade da delinquência auto-

revelada, designadamente 40.9% da variância total da delinquência auto-revelada é explicada pelas variáveis independentes no presente modelo de regressão linear múltipla (ver Tabela 16).

**Tabela 16**

*Predição da delinquência auto-revelada ao longo da vida a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	.033	.008	.317	3.944	.000
<b>Meanness</b>	.002	.010	.020	.209	.835
<b>Disinhibition</b>	.044	.008	.503	5.520	.000

Notas:  $r = .653$ ;  $r^2 = .427$ ;  $r^2$  ajustado = .409 ( $p = .000$ ).

**Tabela 17**

*Predição da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	.041	.016	.250	2.644	.010
<b>Meanness</b>	.001	.019	.006	.056	.955
<b>Disinhibition</b>	.045	.014	.334	3.115	.002

Notas:  $r = .455$ ;  $r^2 = .207$ ;  $r^2$  ajustado = .183 ( $p = .000$ ).

Estes resultados mantiveram-se na predição da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir da *boldness*, *meanness* e *disinhibition*. Sendo este modelo altamente significativo e explicando 18.3% da variabilidade total da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses (ver tabela 17). Contudo, apenas a *disinhibition* foi identificado como um preditor significativo da frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses. O modelo da predição da frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir das componentes da psicopatia é significativo,

sendo 4,8% da variabilidade frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses explicada a partir deste modelo (ver Tabela 18).

**Tabela 18**

*Predição da frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	.239	.169	.144	1.412	.161
<b>Meanness</b>	-.168	.209	-.097	-.804	.423
<b>Disinhibition</b>	.359	.158	.263	2.272	.025

Notas:  $r = .276$ ;  $r^2 = .076$ ;  $r^2$  ajustado = .048 ( $p = .049$ ).

### 2.3 Relação entre a psicopatia e a empatia

Como se pode observar na Tabela 19, a psicopatia, e as suas componentes *boldness* e *meanness* correlaciona-se negativamente com a empatia. Relativamente aos fatores da empatia, a psicopatia apenas correlaciona-se significativamente e negativamente com a preocupação empática e a tomada de perspetiva. A componente da psicopatia *meanness* correlaciona-se negativamente com a preocupação empática, a tomada de perspetiva e a fantasia. Existe uma correlação positiva entre a *disinhibition* e a angústia pessoal. Por fim, observa-se que a *boldness* correlaciona-se negativamente com a preocupação empática e a angústia pessoal.

A regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis *meanness*, *boldness* e *disinhibition* como preditores significativos da empatia. A análise dos valores absolutos dos coeficientes de regressão estandardizados permite-nos concluir que neste modelo a *meanness* é a componente da psicopatia que apresenta uma maior contribuição relativa para a explicação da empatia, seguida da *disinhibition* e da *boldness*. Este modelo é altamente significativo e explica uma proporção grande da variabilidade da empatia, designadamente 31.4% da variância total da empatia é explicada pelas variáveis independentes no presente modelo de regressão linear múltipla (ver Tabela 20).

**Tabela 19***Correlações entre as variáveis da empatia e da psicopatia*

	<b>Psicopatia</b>	<b>Boldness</b>	<b>Disinhibition</b>	<b>Meanness</b>
<b>Empatia</b>	<b>-.308**</b>	<b>-.334**</b>	.023	<b>-.440**</b>
<b>Preocupação empática</b>	<b>-.309**</b>	<b>-.313**</b>	-.019	<b>-.499**</b>
<b>Tomada de Perspetiva</b>	<b>-.324**</b>	-.068	<b>-.237*</b>	<b>-.385**</b>
<b>Angústia Pessoal</b>	-.095	<b>-.431**</b>	<b>.193*</b>	-.057
<b>Fantasia</b>	-.109	-.193	.142	<b>-.252*</b>

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

**Tabela 20**

*Predição da empatia a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

<b>Variáveis</b>	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	-.354	.141	-.218	-2.515	.014
<b>Meanness</b>	-.983	.174	-.577	-5.650	.000
<b>Disinhibition</b>	.507	.131	.379	3.861	.000

**Notas:**  $r = .578$ ;  $r^2 = .334$ ;  $r^2$  ajustado = .314 ( $p = .000$ ).

## 2.4 Relação entre o comportamento agressivo e a empatia

Como se pode observar na Tabela 21, a tomada de perspetiva correlaciona-se negativamente com o comportamento agressivo, o comportamento agressivo reativo e o comportamento agressivo proativo. Existe uma correlação negativa entre a preocupação empática e o comportamento agressivo proativo. Por sua vez, o outro fator afetivo da empatia, angústia pessoal, correlaciona-se positivamente com o comportamento agressivo reativo e o comportamento agressivo. Não foram encontradas correlações significativas entre a empatia e a fantasia e os comportamentos agressivos.

**Tabela 21***Correlações entre as variáveis da empatia e do comportamento agressivo*

	Comportamento agressivo	Comportamento agressivo reativo	Comportamento agressivo proativo
<b>Empatia</b>	.004	.113	-.151
<b>Preocupação empática</b>	-.041	.096	<b>-.224*</b>
<b>Angústia Pessoal</b>	<b>.246*</b>	<b>.310**</b>	.093
<b>Tomada de Perspetiva</b>	<b>-.298**</b>	<b>-.302**</b>	<b>-.249*</b>
<b>Fantasia</b>	.031	.113	-.093

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

## 2.5 Relação entre a psicopatia e o comportamento agressivo

**Tabela 22***Correlações entre a psicopatia variáveis da psicopatia e do e o comportamento agressivo*

	Psicopatia	<i>Meanness</i>	<i>Boldness</i>	<i>Disinhibition</i>
<b>Comportamento agressivo</b>	<b>.681*</b>	<b>.577*</b>	<b>.260*</b>	<b>.710*</b>
<b>Comportamento agressivo reativo</b>	<b>.565*</b>	<b>.468*</b>	.167	<b>.613*</b>
<b>Comportamento agressivo proativo</b>	<b>.657*</b>	<b>.568*</b>	<b>.323*</b>	<b>.665*</b>

\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

A psicopatia correlaciona-se positivamente com o comportamento agressivo e com ambas as formas de comportamento agressivo: reativo e proativo, destacando-se que estas correlações são elevadas. O comportamento agressivo correlaciona-se positivamente com as componentes da psicopatia: *meanness*, *boldness* e *disinhibition*. O comportamento agressivo proativo correlaciona-se positivamente com todas as componentes da psicopatia. O comportamento agressivo reativo correlaciona-se positivamente com a *meanness*, bem como com a *disinhibition*. De forma geral, estes dados significam que os jovens adultos que apresentam valores mais elevados de



psicopatia e de todas as suas componentes revelaram praticar mais frequentemente comportamentos agressivos, mais especificamente proativos. E, os jovens adultos cujas pontuações de psicopatia e das suas componentes *meanness* e *disinhibition* revelaram praticar mais frequentemente comportamentos agressivos proativos (ver Tabela 22).

Observa-se na Tabela 23 que 55.3% da variância total do comportamento agressivo é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla, que é altamente significativo. Apenas as variáveis *disinhibition* e *meanness* são preditores significativos do comportamento agressivo. A *disinhibition* é a variável com maior contribuição relativa para explicação do comportamento agressivo, seguida da *meanness*. Como o valor dos  $\beta$  são positivos, ambas as variáveis entram positivamente na explicação do comportamento agressivo.

**Tabela 23**

*Predição do comportamento agressivo a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	.064	.058	.076	1.093	.277
<b>Disinhibition</b>	.378	.054	.554	6.981	.000
<b>Meanness</b>	.226	.072	.259	3.150	.002

Notas:  $r = .752$ ;  $r^2 = .566$ ;  $r_a^2 = .553$  ( $p = .000$ ).

**Tabela 24**

*Predição do comportamento agressivo reativo a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	.013	.045	.024	.290	.773
<b>Disinhibition</b>	.235	.042	.526	5.605	.000
<b>Meanness</b>	.086	.056	.150	1.542	.126

Notas:  $r = .627$ ;  $r^2 = .393$ ;  $r_a^2 = .375$  ( $p = .000$ ).

Observa-se na Tabela 24 que 37.5% da variância total do comportamento agressivo reativo é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla, que é altamente significativo. Apenas a variável *disinhibition* é um preditor significativo do comportamento agressivo reativo.

Como se pode observar na Tabela 25, 55.3% da variância total do comportamento agressivo proativo é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla, que é altamente significativo. Apenas as variáveis *disinhibition* e *meanness* são preditores significativos do comportamento agressivo proativo. A *disinhibition* é a variável com maior contribuição relativa para explicação do comportamento agressivo, seguida da *meanness*. Como o valor dos  $\beta$  são positivos, ambas as variáveis entram positivamente na explicação do comportamento agressivo.

**Tabela 25**

*Predição do comportamento agressivo proativo a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	.051	.027	.131	1.864	.065
<b>Disinhibition</b>	.143	.025	.451	5.670	.000
<b>Meanness</b>	.140	.033	.347	4.196	.000

Notas:  $r = .752$ ;  $r^2 = .566$ ;  $r_a^2 = .553$  ( $p = .000$ ).

## 2.6 Relação entre as fundações morais e a psicopatia

A tabela em que se apresentam os dados das correlações entre as variáveis da psicopatia e as fundações morais encontra-se no anexo 10. Da mesmas tabelas, importa enunciar as correlações significativas encontradas. Constata-se que a preocupação com o dano correlaciona-se negativamente com a psicopatia. Relativamente às componentes da psicopatia, a preocupação com o dano apenas se correlacionou negativamente com a *meanness* e a *boldness*. Atentando às correlações da psicopatia e suas componentes com a relevância da fundação moral dano e juízo moral do dano, apenas se observam correlações negativas significativas entre a relevância da fundação moral dano e a

psicopatia total, a *meanness* e a *boldness*. Além disso, existe uma correlação negativa entre a *meanness* e a relevância da fundação moral justiça-reciprocidade, o que significa que os jovens adultos que exibem maiores pontuações de *meanness*, deram menor relevância à fundação moral justiça-reciprocidade (que representa as normas de relações recíprocas, equidade, direitos e justiça). A *meanness* correlaciona-se positivamente com o juízo moral autoridade-respeito E, a *disinhibition* correlaciona-se negativamente com a relevância da fundação moral autoridade-respeito. Por fim, constata-se uma correlação negativa entre a *boldness* e a pureza-santidade. A correlação negativa manteve-se significativa entre a *boldness* e a relevância moral da pureza-santidade e o juízo moral da mesma. Por conseguinte, os jovens adultos que têm valores superiores de *boldness*, aprovam em menor grau a fundação moral pureza-santidade (que representa o ideal moral de viver de um modo elevado, nobre e menos carnal, subjacente a intuições sobre a divindade, sentimentos de nojo moral, e a pureza do corpo, da mente e da alma).

**Tabela 26**

*Predição da preocupação com o dano a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b><i>Boldness</i></b>	-.058	.048	-.119	-1.198	.234
<b><i>Meanness</i></b>	-.195	.060	-.378	-3.275	.001
<b><i>Disinhibition</i></b>	.037	.045	.091	.822	.413

Notas:  $r = .391$ ;  $r^2 = .153$ ;  $r^2$  ajustado = .127 ( $p = .001$ ).

Como se pode observar na Tabela 26, 12.7% da variância total da preocupação com o dano é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla, que é altamente significativo. Apenas a variável *meanness* é um preditor significativo de uma menor preocupação com a fundação moral do dano. 13, 4% da variância total da relevância da fundação moral do dano é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla, que é altamente significativo. A *meanness* foi o único preditor significativo de menor relevância da fundação moral do dano. Contudo, o modelo de regressão linear múltipla de predição da

relevância da fundação moral do dano a partir das componentes da psicopatia não é significativo (ver Tabela 27). Os modelos de regressão linear múltipla das variáveis *boldness*, *meanness* e *disinhibition* como preditores do juízo moral do dano ou como preditores do julgamento moral justiça-reciprocidade não são significativos (ver Tabela 28).

**Tabela 27**

*Predição da relevância da fundação moral dano a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	-.029	.028	-.100	-1.015	.313
<b>Meanness</b>	-.113	.035	-.370	-3.215	.002
<b>Disinhibition</b>	.006	.026	.024	.218	.828

Notas:  $r = .401$ ;  $r^2 = .160$ ;  $r^2$  ajustado = .134 ( $p = .001$ ).

**Tabela 28**

*Predição do juízo moral do dano a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<b>Boldness</b>	-.029	.034	-.089	-.853	.396
<b>Meanness</b>	-.082	.042	-.239	-1.961	.053
<b>Disinhibition</b>	.031	.031	.116	.990	.325

Notas:  $r = .242$ ;  $r^2 = .059$ ;  $r^2$  ajustado = .029 ( $p = .120$ ).

Como se pode observar na Tabela 25, apenas 9.9% da variância total preocupação com a pureza santidade explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla significativo. Apenas a variável *boldness* é um preditor significativo da preocupação com a fundação moral pureza-

santidade, a sua relevância e os seus juízos morais, prevendo valores negativos desta (ver Tabelas 25, 26 e 27).

Por fim, 7.8% da variância total da relevância da fundação moral justiça-reciprocidade é explicada pelas componentes da psicopatia. Contudo, apenas a *meanness* é um preditor significativo desta, prevendo valores mais baixos (ver Tabela 32).

**Tabela 29**

*Predição da pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.256	.069	-.371	-3.685	.000
<b>Meanness</b>	.079	.086	.107	.915	.363
<b>Disinhibition</b>	.033	.064	.058	.512	.610

Notas:  $r = .335$ ;  $r^2 = .126$ ;  $r^2$  ajustado = .099 ( $p = .005$ ).

**Tabela 30**

*Predição da relevância da fundação moral pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.141	.040	-.360	-3.560	.001
<b>Meanness</b>	.031	.049	.074	.629	.531
<b>Disinhibition</b>	.000	.037	.001	.005	.996

Notas:  $r = .344$ ;  $r^2 = .118$ ;  $r^2$  ajustado = .091 ( $p = .007$ ).

Como se pode observar na Tabela 33, apenas 9.9% da variância total preocupação com a autoridade-respeito é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear múltipla significativo. A *meanness* e a *disinhibition* foram os únicos preditores significativos desta, com a primeira contribuir positivamente e a segunda

negativamente para a fundação moral da autoridade-respeito. Ao nível da relevância e juízo desta fundação moral os modelos de regressão linear-múltipla também foram significativos. Apenas a variável *boldness* é um preditor significativo da preocupação com a fundação moral pureza-santidade, a sua relevância e os seus juízos morais, prevendo valores negativos desta A *disinhibition* foi o único preditor significativo da relevância desta fundação, prevendo-a negativamente. E, a *meanness* foi o único preditor significativo do juízo moral desta, prevendo-a positivamente (ver Tabelas 34 e 35). Por fim, os modelos de regressão linear múltipla das variáveis *boldness*, *meanness* e *disinhibition* como preditores da preocupação com a fundação moral grupo-lealdade não é significativo (ver Tabelas 36).

**Tabela 31**

*Predição do juízo moral da pureza-santidade a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.115	.042	-.280	-2.709	.008
<b>Meanness</b>	.048	.053	.109	.910	.365
<b>Disinhibition</b>	.033	.039	.096	.832	.408

Notas:  $r = .285$ ;  $r^2 = .081$ ;  $r^2$  ajustado = .053 ( $p = .042$ ).

**Tabela 32**

*Predição da relevância da fundação moral justiça-reciprocidade a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	.025	.028	.092	.904	.368
<b>Meanness</b>	-.112	.035	-.382	-3.219	.002
<b>Disinhibition</b>	.021	.026	.092	.808	.421

Notas:  $r = .325$ ;  $r^2 = .106$ ;  $r^2$  ajustado = .078 ( $p = .013$ ).

**Tabela 33**

*Predição da autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.013	.053	-.025	-.248	.805
<b>Meanness</b>	.188	.066	.338	2.854	.005
<b>Disinhibition</b>	-.150	.049	-.347	-3.037	.003

Notas:  $r = .335$ ;  $r^2 = .126$ ;  $r^2$  ajustado = .099 ( $p = .005$ ).

**Tabela 34**

*Predição da relevância da fundação moral autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.008	.030	-.025	-.252	.801
<b>Meanness</b>	.052	.038	.162	1.380	.171
<b>Disinhibition</b>	-.104	.028	-.417	-3.694	.000

Notas:  $r = .360$ ;  $r^2 = .129$ ;  $r^2$  ajustado = .102 ( $p = .004$ ).

**Tabela 35**

*Predição do juízo moral da autoridade-respeito a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		Sig.
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	
<b>Boldness</b>	-.006	.035	-.016	-.158	.875
<b>Meanness</b>	.136	.044	.373	3.131	.002

<i>Disinhibition</i>	-.046	.033	-.162	-1.407	.163
----------------------	-------	------	-------	--------	------

Notas:  $r = .313$ ;  $r^2 = .098$ ;  $r^2$  ajustado = .070 ( $p = .019$ ).

**Tabela 36**

*Predição da fundação moral grupo-lealdade a partir das componentes da psicopatia: boldness, meanness e disinhibition (variáveis independentes)*

Variáveis	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro Padrão	Beta ( $\beta$ )	t	Sig.
<i>Boldness</i>	-.025	.066	-.041	-.385	.701
<i>Meanness</i>	.135	.082	.204	1.648	.103
<i>Disinhibition</i>	-.056	.061	-.109	-.914	.363

Notas:  $r = .166$ ;  $r^2 = .028$ ;  $r^2$  ajustado = -.003 ( $p = .440$ ).

## 2.7 Relação entre a psicopatia e a distinção moral/convencional

As tabelas em que se apresentam os dados das relativamente às correlações<sup>19</sup> entre as componentes da psicopatia – *boldness*, *meanness* e *disinhibition* - e as variáveis da tarefa moral-convencional – transgressão, assinatura moral, gravidade, perturbação emocional, valência emocional e ativação emocional - encontram-se no anexo 11. A assinatura moral do cenário fábrica (do domínio moral autoridade-respeito) correlaciona-se negativamente com a psicopatia e a sua componente *meanness*. Relativamente ao mesmo cenário, a transgressão correlaciona-se positivamente com a psicopatia total e com a sua componente *disinhibition*. A *meanness* correlaciona-se positivamente com a transgressão do cenário roubo do domínio moral justiça-reciprocidade. Somente se verificaram duas correlações significativas com a *boldness*,

<sup>19</sup> Foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* para as correlações entre a psicopatia e a distinção moral/convencional. Tal como foi referido nos procedimentos de análise estatística, os valores dos coeficientes de correlações entre as variáveis dicotômicas, assinaturas morais e transgressão (0=Cenário Transgressivo e 1= Cenário Não Transgressivo) dos cenários (0=Não é atribuída assinatura moral ao cenário e 1= É atribuída assinatura moral ao cenário), e as variáveis contínuas, psicopatia e suas componentes, teoricamente correspondem aos coeficientes de correlação *Point Bi-serial*. E, os valores dos coeficientes de correlações entre as variáveis ordinais da tarefa moral convencional, gravidade (0 = muito mau até 8 = muito bom), perturbação emocional (0 = nada perturbado/a até 8 = extremamente perturbado/a), valência emocional (0 = muito desagradável até 8 = muito agradável) e ativação emocional (0 = ativação muito baixa até 8 = ativação muito alta), e as variáveis contínuas, psicopatia e suas componentes, teoricamente correspondem aos coeficientes de correlação *Bi-serial*.



designadamente esta correlaciona-se positivamente com a gravidade dos cenários do domínio pureza santidade galinha contexto privado e galinha contexto público. Diferentemente, a *meanness* correlaciona-se negativamente com a gravidade do cenário galinha contexto público. Por fim, observa-se uma correlação positiva entre a *meanness* e a gravidade do cenário moral do domínio justiça-reciprocidade imposto.

## **2.8 Relação entre a psicopatia e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas**

A tabela em que se apresenta os dados relativamente às correlações entre as componentes da psicopatia - *boldness*, *meanness* e *disinhibition* - e as variáveis da descodificação das emoções (tristeza, alegria, medo, raiva, nojo e vergonha) em expressões faciais dinâmicas - reconhecimento da emoção, tempo de reconhecimento da emoção e desempenho de reconhecimento da emoção apenas duas atingem significância estatística - encontra-se no anexo 12. Da mesma tabela, importa enunciar as correlações significativas encontradas. Verifica-se que apenas existem correlações estatisticamente significativas entre a componente da psicopatia *boldness* e as variáveis da descodificação de tristeza. Mais concretamente, a *boldness* correlaciona-se negativamente com o tempo de reconhecimento de tristeza, o que significa que os jovens adultos que apresentam valores mais altos de *boldness*, demoraram menos tempo a reconhecer a emoção tristeza nos estímulos com expressões faciais dinâmicas desta emoção. Por sua vez, a *boldness* correlaciona-se positivamente com o desempenho no reconhecimento de tristeza, sendo assim os jovens adultos que apresentaram valores mais altos de *boldness*, apresentaram pontuações mais altas no desempenho no reconhecimento de tristeza, i.e., quando os jovens adultos reconheciam a tristeza, o tempo de reconhecimento desta correspondia a uma parte do estímulo em que a expressão facial tinha menor intensidade emocional. Destaca-se que se observa uma correlação marginalmente significativa ao nível  $p < .1$  entre a *boldness* e o reconhecimento de tristeza, o que significa que os jovens adultos que apresentam valores mais altos de *boldness* deram um maior número de respostas corretas nos estímulos de expressões dinâmicas de tristeza.

## **2.9 Relação entre a delinquência auto-revelada e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas**

As tabelas em que se apresentam os dados das correlações entre as variáveis da delinquência auto-revelada e as variáveis da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas encontram-se no anexo 13. Das mesmas tabelas, importa enunciar as correlações significativas encontradas. Apenas se observam duas correlações significativas. Constatase uma correlação positiva entre o tempo de reconhecimento de tristeza e a frequência da delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses e uma correlação negativa entre o desempenho no reconhecimento de tristeza e a frequência da delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses. Por fim, destaca-se que ao nível  $p < .1$  há uma correlação negativa entre o reconhecimento de tristeza e a frequência da delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses.

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO

O presente estudo analisou as associações entre a medida triárquica da psicopatia, as emoções, a moralidade e a delinquência numa amostra convencional de jovens adultos selecionados na comunidade. Mais especificamente, foram estudadas as associações entre a empatia, as fundações morais, a distinção moral-convencional, as duas formas distintas de agressão (reativa e proativa) e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas com as diferentes componentes da medida triárquica da psicopatia. Pretendeu-se perceber a contribuição da psicopatia na explicação destas variáveis. O conhecimento científico da forma como estes construtos estão associados às componentes da psicopatia na população geral é escasso. Foram também analisadas as associações entre a empatia, as diferentes componentes da psicopatia e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas com a delinquência auto-revelada. O objetivo foi perceber a contribuição da empatia, psicopatia e a descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas para a explicação da delinquência auto-revelada.

No presente estudo foi estudada a relação entre a psicopatia, nomeadamente as suas componentes *meanness*, *boldness* e *disinhibition*, e o processamento de expressões faciais de emoção numa amostra selecionada na comunidade. Esta relação foi estudada utilizando pela primeira vez vídeos de atores a representar expressões faciais. Este tipo de tarefas nunca foi também analisado utilizando a medida triárquica da psicopatia. Contrariamente aos resultados constatados em estudos anteriores que evidenciaram uma associação entre a psicopatia e défices no processamento de expressões faciais de medo e em menor extensão de tristeza (e.g., Blair et al., 2004; Montagne et al., 2005), não foram evidenciadas associações negativas entre a psicopatia ou as suas componentes e a descodificação de expressões faciais de medo e tristeza, bem como das outras emoções: raiva, alegria, nojo e vergonha. Estes resultados sugerem que a psicopatia e as suas dimensões não estão relacionadas com défices na descodificação de emoções em expressões faciais de emoções e são semelhantes aos de estudos anteriores realizados na população geral (Del Gaizo & Falkenbach, 2008; Seara-Cardoso et al., 2012) e na

população forense (Glass & Newman, 2006). Por conseguinte, foi rejeitada a hipótese da psicopatia estar relacionada com défices na descodificação da expressão facial de medo. Contrariamente ao previsto, a componente da psicopatia *boldness* foi associada a um melhor desempenho no reconhecimento de tristeza em expressões faciais dinâmicas desta e a uma maior rapidez no reconhecimento desta emoção. Assim, ao invés dos nossos resultados evidenciarem défices na descodificação, estes constataram uma capacidade superior na descodificação da emoção tristeza em expressões faciais desta em indivíduos com traços superiores de *boldness*, a componente da medida triárquica mais associada às características interpessoais do PCL-R de charme, grandiosidade, dissimulação e a manipulação. Em estudos anteriores, os resultados evidenciaram que indivíduos com traços superiores de psicopatia possuíam uma capacidade superior no reconhecimento de emoções em expressões faciais (Book, Quinsey & Langford, 2007; Del Gaizo & Falkenbach, 2008). A evidência subjacente a estudos de imagiologia funcional cerebral (e.g., Gordon et al., 2004) sugere que os indivíduos com valores mais elevados de psicopatia utilizam mecanismos corticais cerebrais (DLPFC), cuja função é o processamento envolvendo esforço, na análise da informação socioafetiva, compensando os défices na amígdala no processamento emocional (Kiehl, 2006).

Existe alguma evidência de que o comportamento antissocial está relacionado com défices no reconhecimento de expressões faciais de medo (e.g., Marsh & Blair, 2008). No presente estudo foi analisada a relação entre as variáveis da delinquência auto-revelada e a descodificação das emoções – tristeza, alegria, nojo, raiva, vergonha e medo – em expressões faciais dinâmicas. Os resultados rejeitaram a hipótese de que as variáveis da delinquência auto-revelada estão associadas a défices na descodificação da expressão facial de medo, uma vez que não se constata nenhuma correlação significativa entre estas variáveis. Contudo, os jovens adultos que praticaram com maior frequência comportamentos delinquentes contra a propriedade nos últimos 12 meses foram menos rápidos a reconhecer corretamente os estímulos de expressões faciais de tristeza, necessitando de uma maior intensidade emocional nesta expressão para reconhecê-la. O que conduz à sugestão de que os défices no processamento de expressões faciais de medo e tristeza nos estudos anteriores refletirem a contribuição única da dimensão antissocial da psicopatia. Seara-Cardoso et al. (2012) colocaram como hipótese de que a evidência inconsistente de défices no processamento de expressões faciais em indivíduos com tendências psicopatas na população geral pode ser explicada por estes défices apenas serem relatados em estudos que categorizam os

indivíduos como psicopatas e não-psicopatas em detrimento de utilizarem uma perspectiva dimensional da psicopatia. Tal pode ser o caso na nossa investigação. No nosso estudo foram utilizados *morphos* de vídeos, i.e., foram utilizados estímulos dinâmicas e, portanto, relativamente aos estudos anteriores que utilizaram estímulos estáticos, este estudo possui uma maior validade ecológica (Krumnhuber, Kappas, & Manstead, 2013; Trautmann, Fehr, & Herrmann, 2009). Devido aos recursos escassos disponibilizados para esta investigação, não foi possível analisar os dados do *eye-tracking*, podem existir diferenças subtis na alocação do olhar sugeridas por estudos realizados em populações de autistas (Spezio et al., 2007), de pacientes com lesões na amígdala (Devinski & LaBar, 2007; Graham et al., 2006) e em indivíduos com traços de psicopatia (Dadds et al., 2011). Os dados estão a ser analisados e futuramente noutros trabalhos serão apresentados.

Apesar da ferramenta essencial para obter informação sociognitiva fundamental para os processamento empático desta não estar comprometida nos jovens adultos que obtiveram pontuações mais altas de psicopatia, estes estão associados negativamente à empatia, confirmando a hipótese colocada inicialmente. Os jovens adultos com valores mais altos de psicopatia revelaram sentir menor preocupação empática e uma menor tendência a adotar os pontos de vista dos outros. Apesar de a evidência sugerir défices na dimensão afetiva da empatia em indivíduos com tendências psicopatas, esta é menos consistente relativamente a défices na sua componente cognitiva (Blair, 2008). Os resultados deste estudo sugerem défices em ambas as componentes da empatia. Os resultados sugerem que as três componentes distintas da psicopatia prevêm a empatia, sendo a componente *meanness* a que tem uma maior contribuição para a empatia. Isto está de acordo com a definição da *meanness* como implicando défices na empatia. Semelhantemente aos resultados obtidos no estudo de Seara-Cardoso et al. (2012) a *meanness*, que correspondendo à componente afetiva da psicopatia, foi associada a uma menor propensão a sentir preocupação empática e a *disinhibition*, que corresponde ao aspeto antissocial-impulsivo da psicopatia, foi associada a uma maior propensão em sentir preocupação empática. Contudo, diferentemente deste estudo não houve associação com componente correspondente ao aspeto interpessoal da psicopatia *boldness*. Foi obtido um padrão semelhante de relações entre *disinhibition*, *meanness* e a fantasia: indivíduos com altas (baixas) pontuações de *meanness* (*disinhibition*) têm menor (maior) propensão em se colocar em situações fictícias. No estudo de Hicks e Patricks (2006) a faceta interpessoal e afetiva da psicopatia foi associada negativamente

à propensão para experienciar sentimentos negativos e a faceta antissocial-impulsiva foi associada positivamente a esta. Este estudo obteve resultados semelhantes, jovens adultos com traços mais elevados de *boldness* (a componente mais associada à faceta interpessoal) experienciam menos sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos. Os jovens adultos com traços mais elevados de *disinhibition* (a componente mais associada ao estilo de vida) experienciaram mais angústia pessoal. Além disso, a *meanness* foi a única componente associada à tomada de perspectiva, prevendo valores mais baixos desta.

A relação entre a psicopatia e as várias fundações morais propostas por Haidt (2007) foram estudadas, e tal como no estudo realizado por Glenn et al. (2007) na população geral, que também utilizou o MFQ como medida moral. Os indivíduos com pontuações mais altas de psicopatia atribuíram menor relevância à fundação moral de preocupação com o dano, i.e., quando estes têm de decidir se algo é certo ou errado têm em menor consideração a preocupação com o bem-estar e o sofrimento dos outros, confirmando a hipótese inicial. Semelhantemente nos estudos de Blair (1995), numa população forense de adultos, e no estudo de Blair, Monson e Frederickson (2001), numa população clínica de crianças e adolescentes, as justificações dos psicopatas relativamente a ser errado praticar as transgressões morais tinham menos referências ao bem-estar da vítima, à sua dor e ao seu desconforto. Contudo, noutro estudo de Blair (1997) não foram evidenciadas diferenças entre crianças psicopatas e não-psicopatas. Neste estudo a psicopatia prevê significativamente a fundação moral do dano. Relativamente às suas componentes, apenas a *meanness* foi um preditor significativo de uma menor relevância moral da fundação dano. Assim, a componente afetiva da psicopatia é a única que se associa a esta e indivíduos com traços mais altos de frieza emocional, de crueldade, de agressão e procura de sensações fortes ao decidir se algo é errado têm menor propensão a dar relevância ao dano que causam nos outros. Esta observação adequa-se à definição apresentada por Patrick et al., (2009) da *meanness* como a procura de recursos agressivos sem ter em consideração os outros. Há uma evidência sólida de que os psicopatas exibem uma menor preocupação em causar dano aos outros (Blair et al., 2002; Levenston et al., 2002). No entanto, relativamente às outras fundações morais a literatura é quase inexistente, com exceção do estudo realizado por Glenn et al. (2007), que apenas evidenciou que a psicopatia previa uma adoção menor da preocupação moral com a fundação moral de dano e da justiça-reciprocidade. Esta não teve relação com a autoridade e teve relações muito fracas com

as fundações grupo-lealdade e pureza-santidade. Diferentemente, no nosso estudo, com exceção da fundação moral grupo-lealdade, as fundações morais foram associadas a componentes específicas da psicopatia. A *meanness* foi associada a uma menor relevância da fundação moral da justiça-reciprocidade, prevendo significativamente valores mais baixos desta, e a um grau de aprovação maior da fundação moral autoridade-respeito, prevendo valores mais altos desta. Os jovens adultos com valores mais altos de *meanness* dão menor relevância moral que representa às normas de relações recíprocas, equidade, direitos e justiça e aprovam em maior grau obrigações morais relacionadas com as relações hierárquicas, tais como a obediência, o dever, o respeito pelos superiores e a proteção dos subordinados. Este resultado, fazendo um paralelo com a teoria Kolbergiana da moralidade, parece associar os indivíduos com traços mais acentuados de *meanness* a uma maior orientação moral à punição e obediência à autoridade (nível inferior de raciocínio moral) e uma menor orientação moral guiada por princípios de ética e justiça (nível superior de raciocínio moral). Contudo, esta observação não passa de uma analogia. Estes resultados além de apoiarem dados anteriores relativos à relação negativa entre a psicopatia e a fundação moral do dano e justiça-reciprocidade (id.), parecem sugerir que as componentes da psicopatia implicam associações distintas no grau com que os indivíduos aprovam outras fundações morais para além do dano e da justiça-reciprocidade, nomeadamente a autoridade-respeito e a pureza-santidade.

De acordo com a previsão de Blair (2005), indivíduos psicopatas têm défices na capacidade de realizar a distinção transgressão moral-convencional, considerando as transgressões morais com consequências danosas para os outros transgressões convencionais, que violam normas e regras sociais. Existe evidência empírica que suporta esta hipótese (e.g., Blair et al., 2001; Blair et al., 2002; Levenston et al., 2000). Este estudo é inovador no sentido de para além de estudar a relação entre a psicopatia e a capacidade da distinção entre transgressões morais e convencionais relativamente à fundação moral do dano, analisa a relação desta com as outras fundações morais. Os resultados deste estudo evidenciam uma relação negativa entre a psicopatia e a distinção moral-convencional da ação de um cenário (fábrica) que representa uma transgressão no domínio moral da autoridade-respeito. Relativamente às suas componentes, apenas é constatada uma relação negativa entre a distinção moral-convencional desta transgressão e a *meanness*. Tal como noutros estudos (e.g. Cima et al., 2010), não se observaram efeitos de psicopatia no julgamento de atos que causam danos aos outros, e

assim, os resultados não apoiam a hipótese estabelecida neste estudo, que teve como subjacente a previsão de Blair (1995) de que os indivíduos psicopatas têm défices na capacidade de realizar a distinção transgressão moral-convencional no domínio moral do dano e estão de acordos com outros estudos. Contrariam ainda a evidência que apoiou a previsão deste autor (e.g., Blair et al., 2002). Para além disso, os jovens adultos com valores superiores de psicopatia, designadamente de *disinhibition*, tiveram maior tendência a não considerar a ação deste cenário como transgressiva. Os jovens adultos com valores mais altos de *meanness* têm maior tendência a não considerar transgressivo a ação do cenário (roubo) do domínio justiça-reciprocidade. Contudo os resultados parecem sugerir défices na capacidade de distinção entre transgressões relativamente a outra fundação moral - a autoridade-respeito - e transgressão convencional: os jovens adultos com valores mais altos de psicopatia evidenciaram défices na capacidade de distinguir a transgressão do domínio moral da autoridade-respeito de transgressões convencionais e consideraram-na mais frequentemente como não sendo sequer transgressiva, ou seja, na sua opinião não é errado transgredir esta ação relacionada com obrigações morais às relações hierárquicas, tais como a obediência, o dever, o respeito pelos superiores e a proteção dos subordinados.

Existe uma evidência robusta de que a psicopatia é um fator de risco do comportamento agressivo (e.g., Patrick, 2001). Relativamente às duas formas distintas da agressão, a reativa e proativa, a literatura é robusta no que concerne à relação entre a psicopatia e o comportamento agressivo proativo; para além disso, os traços afetivos e interpessoais da psicopatia são frequentemente identificados como os únicos responsáveis por esta associação. Contudo, a investigação da associação com a agressão reativa é mais inconsistente (e.g., Glenn & Raine, 2009; Reidy et al., 2011). Os resultados deste estudo constatarem uma relação elevada entre a psicopatia e o comportamento agressivo. Os jovens adultos com valores mais elevados de psicopatia revelaram praticar com maior frequência comportamentos agressivos. Além disso, estes sugerem que a psicopatia está relacionada com ambas as formas de agressão. A psicopatia foi um preditor significativo da agressão e das suas formas distintas. Contudo as componentes da psicopatia contribuem diferenciadamente para estas variáveis. A *meanness* e a *disinhibition* foram os únicos preditores significativos do comportamento agressivo e da sua forma proativa, sendo a contribuição da *disinhibition* para a explicação destas variáveis critério superior à da *meanness*. No que concerne ao comportamento reativo, apenas a componente *disinhibition* foi um preditor significativo



deste. Estes resultados sugerem que os jovens adultos com valores mais altos de psicopatia, adotam mais frequentemente comportamentos agressivos proativos e reativos, rejeitando a hipótese inicial do estudo. Estes dados são consistentes com os resultados da meta-análise realizada por Blais, Solodukhin & Forth (2014), no qual a psicopatia está relacionada com ambas as formas de agressão em todos os tipos de escalas, e inconsistentes com uma vasta evidência anterior que constatou apenas uma associação entre a psicopatia e a agressão instrumental em populações forenses (e.g., Cima & Raine, 2009; Cornell et al., 1996) e em populações não forenses (e.g., Nouvin et al., 2007; Reidy et al., 2007). Os resultados sugerem que o comportamento agressivo praticado por indivíduos com valores altos de psicopatia pode decorrer de motivos distintos, quer instrumentais bem como reativos, e processos emocionais diferentes, pode ser precedido por uma reação emocional forte ou ser caracterizado por uma frieza emocional.

A psicopatia foi identificada como um dos preditores mais fortes ao nível individual da delinquência geral (e.g., Gretton, Hare & Catchpole, 2004). Neste estudo, há uma associação positiva elevada entre a psicopatia e a delinquência, bem como entre as suas componentes e esta, sendo a intensidade da relação apenas moderada relativamente às componentes *meanness* e *boldness*. A psicopatia foi um preditor significativo das variáveis da delinquência auto-revelada. Contudo, apenas a *boldness* e a *disinhibition* influenciam significativamente a delinquência auto-revelada ao longo da vida e nos últimos 12 meses, sendo a *disinhibition* a componente com uma maior contribuição relativa para a explicação da delinquência, a *meanness* não foi um preditor significativo desta. Apenas a *disinhibition* foi um preditor significativo da frequência da delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses. Estes dados confirmam a hipótese inicial: *Existe uma associação positiva entre a psicopatia e a delinquência auto-revelada, i.e., jovens adultos com valores mais altos de psicopatia têm valores mais altos de delinquência auto-revelada* – e são consistentes com a evidência. Apesar de a *meanness* ter uma associação moderada com as variáveis da delinquência auto-revelada não surge como preditor do comportamento delinquente quando controlados os outros dois componentes da psicopatia. Dada a variância partilhada entre esta componente e a *disinhibition*, estes resultados sugerem que a variância de *meanness* que se associa ao comportamento delinquente é a porção partilhada com *disinhibition*. Na verdade Drislane et al., (2013) ao estudar a associação entre *meanness* e *disinhibition* e comportamento criminal seguem um conjunto de procedimentos com vista a contornar

este problema, retirando destas escalas os itens que covariam e que referem comportamento antissocial (com vista a evitar sobreposição preditor-critério, que é um problema no nosso caso). Por fim, os resultados sugerem que os traços de desregulação emocional e de impulsos, de irresponsabilidade, de pobre planeamento e de tendência a procurar gratificação imediata são os traços do fenótipo da psicopatia com uma associação mais intensa com a prática do comportamento delinquente.

Na literatura, é postulado que a prática do comportamento delinquente é explicado por défices na empatia, sendo esta relação confirmada em diversos estudos (e.g., Miller & Eisenberg, 1988; Jolliffe & Farrington, 2004). Os resultados deste estudo são consistentes com esta evidência. Há uma relação negativa entre a empatia e a delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses e a frequência desta. Contudo, apenas se verifica uma relação negativa entre a empatia e todos as variáveis da delinquência contra a propriedade auto-revelada, o mesmo não se sucede com a prática do comportamento delinquente contra pessoas. Considerando os fatores da empatia, apenas a sua dimensão afetiva preocupação empática tem uma relação negativa com estas variáveis do comportamento delinquente. Os jovens adultos que revelam uma menor capacidade de experienciar sentimentos de compaixão e preocupação pelo outro, adotaram uma maior variedade de comportamentos delinquentes, especificamente contra a propriedade, e praticaram-nos com maior frequência nos últimos 12 meses. É interessante tentar compreender porque é que a relação negativa entre comportamento delinquente e empatia apenas se verifica relativamente a crimes contra pessoas.

Os estudos empíricos apoiam a relação negativa entre a agressão e a empatia (Feshbach & Feshbach, 2009). Os resultados deste estudo constataam uma relação negativa entre a dimensão cognitiva da empatia tomada de perspetiva e o comportamento agressivo, nas suas duas formas distintas (reativa e proativa). A dimensão afetiva da empatia preocupação empática apenas está associada com o comportamento agressivo proativo. Para além disso, existe uma associação positiva entre a dimensão afetiva angústia pessoal e o comportamento agressivo, mais especificamente o reativo, i.e., os jovens adultos que revelaram sentimentos de ansiedade, de apreensão e de desconforto em contextos interpessoais tensos praticaram mais frequentemente comportamentos agressivos reativos. As duas formas de agressão estão subjacentes a processos emocionais distintos: agressividade reativa é associada a uma maior volatilidade emocional, enquanto a proativa é associada à frieza emocional. A agressão reativa foi associada a uma maior experiência de sentimentos de ansiedade,

apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos. Enquanto a agressão proativa foi associada a uma menor experiência de sentimentos de preocupação empática. Estes resultados estão de acordo com a distinção destas duas formas de agressão ao nível do seu processamento emocional.

Tal como foi referido anteriormente, é importante realçar que não foi possível incluir a análise de todos os dados produzidos por esta investigação devido à escassez de recursos, que actualmente continua a ser realizada. Estes dados permitirão responder a várias questões de investigação, designadamente: A preocupação empática medeia a relação entre a psicopatia e a moralidade? A moralidade e a empatia medeiam a relação entre a psicopatia e a delinquência/ comportamento agressivo? Existe uma associação entre valores altos de psicopatia e um relato de uma menor ativação emocional perante os cenários morais? Existe uma associação entre a psicopatia e a análise das unidades faciais das expressões emocionais? Mais especificamente, os jovens adultos com valores elevados de psicopatia realizam uma análise mais detalhada e fina destas? O menor grau de aprovação de cada uma das fundações morais está associado a uma prática de comportamentos delinquentes mais diversificada ao longo da vida ou no último ano e mais frequente no último ano? Maiores níveis de delinquência estão associados à não distinção entre transgressões de vários domínios morais e convencionais? A prática mais frequente de comportamentos agressivos está associada a défices na descodificação de expressões faciais de emoção? Défices de empatia estão associados a maiores dificuldades na descodificação de expressões faciais de emoção? Os jovens do sexo masculino praticaram uma maior diversidade de comportamentos delinquentes ao longo da vida e no último ano e a prática destes foi mais frequente neste período? Se sim, a empatia teve um papel significativo como mediadora nesta associação?

O presente estudo apresenta várias limitações. Em primeiro lugar, a amostragem foi por conveniência, não sendo representativa da população, o que implica que as conclusões desta investigação não podem ser generalizadas com confiança para o universo, pelo que os resultados obtidos só se aplicam à amostra, não podendo assegurar a validade externa do estudo. É recomendado para a investigação futura a utilização de uma amostra probabilística através da seleção aleatória de participantes na comunidade. Em segundo lugar, a baixa variação dos valores da psicopatia na amostra constitui outra limitação deste estudo. A investigação futura deverá replicar estes resultados utilizando amostras forenses e não-forenses de indivíduos com níveis extremos de psicopatia. A

evidência tem fornecido um apoio crescente de que a psicopatia é um construto dimensional ao invés de uma categoria de comportamento qualitativamente distinta. Os traços da psicopatia estão distribuídos de forma contínua na população e, consequentemente, esta pode ser estudada na população forense bem como na população geral (Edens, Marcus, Lilienfeld & Poytress, 2008; Hare, 2003; Marcus, John & Edens, 2004; Skeem et al., 2011). Os resultados de estudos realizados em populações forenses são replicados por estudos executados em populações não-forenses (e.g., Benning, Patrick & Iacono, 2005; Lynam, Whiteside & Jones, 1999), indicando que há uma continuidade entre populações forenses e não-forenses nos mecanismos subjacentes à psicopatia (Glenn et al., 2010; Seara-Cardoso et al., 2012). E, assim, o conhecimento científico da psicopatia será fomentado através da investigação dos traços da psicopatia na população geral. Ademais, o estudo da psicopatia em populações não-forenses previne a influência de fatores de reclusão, inteligência baixa e o abuso de substâncias psicoativas, sendo preconizado como um meio de estudar os traços da psicopatia no estado mais puro (Barker et al., 2007; Butler, Indig, Allnutt, & Mamoon, 2011).

O estudo avaliou a psicopatia através da aplicação de uma medida de autopreenchimento que possui boas características psicométricas (Patrick, 2010). Como os indivíduos com maiores valores de psicopatia são frequentemente desonestos torna-se difícil a sua avaliação quer através de medidas de autopreenchimento quer por entrevistas. Apesar das vantagens das últimas, estas também possuem limitações, nomeadamente: a pressão social do entrevistador, apesar de poderem ser complementadas com análise documental e o acesso a informação colateral, que é muito difícil de ser realizada na população geral (Glenn et al., 2010); exigem mais recursos temporais; e, são mais dispendiosas (Patrick & Zempolich, 1998). Ademais, os recursos alocados ao presente estudo carecem de competências técnicas específicas necessárias para a realização de entrevistas. Desta forma, apesar das limitações da metodologia utilizada, perante as opções disponíveis esta é a mais adequada à população alvo do estudo.

Concluindo, os resultados deste estudo sugerem que as componentes da psicopatia influenciam de forma diferenciada o processamento emocional, a moralidade, o comportamento agressivo reativo-proativo e a delinquência. É necessário a investigação futura explorar melhor as associações entre a psicopatia, a moralidade, as emoções e o comportamento agressivo e delinquente em amostras de grandes dimensões

na comunidade e na população forense de forma a explorar em que medida os traços distintos da psicopatia têm associações diferenciadas com estes conceitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

---

- Adolphs, R. (1999). The Human Amygdala and Emotion. *Neuroscientist*, 5, 2, 125-137.
- Adolphs, R. (2010). What does the amygdala contribute to social cognition? *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1191, 42–61.
- Adolphs, R., Gosselin, F., Buchanan, T. W., Tranel, D., Schyns, P., & Damasio, A. R. (2005). A mechanism for impaired fear recognition after amygdala damage. *Nature*, 433, 68 –72.
- Adolphs, R., Tranel, D., Damasio, H., & Damasio, A. (1994). Impaired recognition of emotion in facial expressions following bilateral damage to the human amygdala. *Nature*, 372, 669-672.
- Adolphs, R., Tranel, D., Damasio, H., & Damasio, A. R. (1995). Fear and the human amygdala. *Journal Neuroscience*, 15, 5879-5891.
- Adolphs, R., Tranel, D., Young, A. W., Calder, A. J., Phelps, E. A., Anderson, A. K., Lee, G. P., & Damasio, A. R. (1999). Recognition of facial emotion in nine individuals with bilateral amygdala damage. *Neuropsychologia*, 37, 10, 1111–1117.
- Ali, F., Amorim, I. S., & Chamorro-Premuzic, T. (2009). Empathy deficits and trait emotional intelligence in psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 47, 7, 758–762.
- Almeida, P. R. (2012). *Towards an elementary dispositional decomposition of psychopathy*. Dissertação ao grau de doutor em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto, Porto. 353 pp.
- Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Vieira, J. B., & Moreira, P. S. (2014). Dissociable effects of psychopathic traits on cortical and subcortical visual pathways during facial emotion processing: An ERP study on the N170. *Psychophysiology*,(s/v), 1-13.

- Aniskiewicz, A. S. (1979). Autonomic components of vicarious conditioning and psychopathy. *Journal of Clinical Psychology*, 35, 1, 60-67.
- Asscher, J. J., van Vugt, E. S., Stams, G. J., Dekovic, M., Eichelsheim, I. V., & Yousfi, S. (2011). The relationship between juvenile psychopathic traits, delinquency and (violent) recidivism: A meta-analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52, 11, 1134-1143.
- Balderston, N. L., Schultz, D. H., Helmstetter, F. J. (2011). The human amygdala plays a stimulus specific role in the detection of novelty. *NeuroImage*, 55, 4, 1889–1898.
- Barker, E. D., Seguin, J. R., White, H. R., Bates, M. E., Lacourse, E., Carbonneau, R., Tremblay, R. E. (2007). Developmental trajectories of male physical violence and theft: Relations to neurocognitive performance. *Archives of General Psychiatry*, 64, 592-599.
- Batson, C. D. (2009). These things called empathy: Eight related but distinct phenomena. In J. Decety & S. D. Ickes (Ed.), *The Social Neuroscience of Empathy* (pp.3-15). Cambridge, U.K.: MIT Press.
- Blasi, A. (1980). Bridging moral cognition and moral action: A critical review of the literature. *Psychological Bulletin*, 88, 1-45.
- Benning, S. D., Patrick, C. J., Blonigen, D. M., Hicks, B. M., & Iacono, W. G. (2005). Estimating facets of psychopathy from normal personality traits: A step toward community epidemiological investigations. *Assessment*, 12, 3-18.
- Benning, S. D., Patrick, C. J., Hicks, B. M., Blonigen, D. M., & Krueger, R. F. (2003). Factor structure of the Psychopathic Personality Inventory: Validity and complications for clinical assessment. *Psychological Assessment*, 15, 3, 340-350.
- Benning, S. D., Patrick, C. J., Salekin, R. T., & Leistico, A.M.R. (2005). Convergent and discriminant validity of psychopathy factors assessed via self-report. *Assessment*, 12, 270-289.
- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: Its causes, consequences, and control*. Philadelphia: Temple University Press.
- Blais, J., Solodukhin, E., & Forth, A. E. (2014). A Meta-Analysis Exploring the Relationship Between Psychopathy and Instrumental Versus Reactive Violence. *Criminal Justice & Behavior*, 20, 10, 1-25.
- Blair, R. J. R. (1995). A Cognitive Developmental Approach to Morality: Investigation the Psychopath. *Cognition*, 57, 1, 1-29.

- Blair, R. J. R. (1997). Moral reasoning and the child with psychopathic tendencies. *Personality and Individual Differences*, 22, 731–739.
- Blair, R. J. R. (1999). Responsiveness to distress cues in the child with psychopathic tendencies. *Personality and Individual Differences*, 27, 1, 135–145.
- Blair, R. J. R. (2003). Neurobiological basis of psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, 182, 5-7.
- Blair, R. J. R. (2005). Applying a cognitive neuroscience perspective to the disorder of psychopathy. *Development and Psychopathology*, 17, 3, 865-891.
- Blair, R. J. R. (2008). Fine cuts of empathy and the amygdala: dissociable deficits in psychopathy and autism. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 61, 1, 157–170.
- Blair, R. J. R. (2010). Psychopathy, frustration, and reactive aggression: The role of ventromedial prefrontal cortex. *British Journal of Psychology*, 101, 3, 383–39
- Blair, R. J. R., Jones, L., Clark, F., & Smith, M. (1995). Is the psychopath ‘morally insane’? *Personality and Individual Differences*, 19, 741-752.
- Blair, R. J. R., Jones, L., Clark, F., & Smith, M. (1997). The psychopathic individual: A lack of responsiveness to distress cues? *Psychophysiology*, 34, 2, 192–198.
- Blair, R. J. R., Mitchell, D., & Blair, K. (2005). *The psychopath: Emotion and the brain*. Malden: Blackwell.
- Blair, R. J. R., Mitchell, D. G. V., Peschardt, K. S., Colledge, E., Leonard, R. A., Shine, J. H., Murray, L. K., & Perrett, D. I. (2004). Reduced sensitivity to others’ fearful expressions in psychopathic individuals. *Personality and Individual Differences*, 37, 6, 1111-1122.
- Blair, R. J. R., Mitchell, D. G. V., Richell, R. A., Kelly, S., Leonard, A., Newman, C., & Scott, S. K. (2002). Turning a deaf ear to fear: Impaired recognition of vocal affect in psychopathic individuals. *Journal of Abnormal Psychology*, 111, 4, 682–686.
- Blair, R. J. R., Monson, J., & Frederickson, N. (2001). Moral reasoning and conduct problems in children with emotional and behavioural difficulties. *Personality and Individual Differences*, 31, 5, 799-811.
- Blair, R. J. R., Morris, J. S., Frith, C. D., Perrett, D. I., & Dolan, R. (1999). Dissociable neural responses to facial expressions of sadness and anger. *Brain*, 122, 883–893.

- Blair, R. J. R., Sellars, C., Strickland, I., Clark, F., Williams, A. O., Smith, M., & Jones, L. (1995). Emotion attributions in the psychopath. *Personality and Individual Differences*, 19, 431-437.
- Blair, R. J. R., Sellars, C., Strickland, I., Clark, F., Williams, A., Smith, M., & Jones, L. (1996). Theory of mind in the psychopath. *Journal of Forensic Psychiatry*, 7, 1, 15-25.
- Blais, J., Solodukhin, E., & Forth, A. E. (2014). A Meta-Analysis Exploring the Relationship Between Psychopathy and Instrumental Versus Reactive Violence. *Criminal Justice & Behavior*, 20, 10, 1-25.
- Book, A. S., Quinsey, V. L., & Langford, D. (2007). Psychopathy and the perception of affect and vulnerability. *Criminal Justice and Behavior*, 34, 531-544.
- Broidy, L., Cauffman, E., Espelage, D., Mazerolle, P., & Piquero, A. (2003). Sex Differences in Empathy and Its Relation to Juvenile Offending. *Violence and Victims*, 18, 5, 503-516.
- Bush, C. A., Mullis, R. L., & Mullis, A. K. (2000). Differences in empathy between offender and nonoffender youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 4, 467-478.
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? *Psychological Review*, 108, 1, 273-279.
- Bushway, S. & Weisburd, D. (2005). *Quantitative methods in criminology*. Aldershot: Ashgate.
- Butler, T., Indig, D., Allnutt, S., & Mamoon, H. (2011). Co-occurring mental illness and substance use disorder among Australian prisoners. *Drug and Alcohol Review*, 30, 188-194.
- Calder, A. J., Young, A. W. Rowland, D., Perrett, D. I., Hodges, J. R., & Etcoff, N. L. (1996). Facial emotion recognition after bilateral amygdala damage: Differentially severe impairment of fear. *Cognitive Neuropsychology*, 13, 5, 699-745.
- Campagna, A. F., & Harter, S. (1975). Moral judgment in sociopathic and normal children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 2, 199-205
- Campanella, S., Vanhooandt, M. E., & Philippot, P. (2005). Emotional deficit in subjects with psychopathic tendencies as assessed by the Minnesota Multiphasic Personality Inventory-2, an event-related potentials study. *Neuroscience Letters*, 373, 1, 26-31.



- Carr, M. B., & Lutjemeier, J. A. (2005). The Relation of Facial Affect recognition and Empathy to Delinquency in Youth Offenders. *Adolescence*, 40, 159, 601-619.
- Chase, K. A., O'Leary, K. D., & Heyman, R. E. (2001). Categorizing partner-violent men within the reactive–proactive typology model. *Journal of Consulting & Clinical Psychology*, 69, 1, 567–572.
- Cima, M. & Raine, R. (2009). Distinct characteristics of psychopathy relate to different subtypes of aggression. *Personality and Individual Differences*, 47, 8, 835–840.
- Cima, M., Tonnaer, F., & Hauser, M. D. (2010). Psychopaths know right from wrong but don't care. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 5, 1, 59–67.
- Cleckley, H. (1941). *The mask of sanity: An attempt to reinterpret the so-called psychopath*. St. Louis: The C.V. Mosby Company.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2<sup>nd</sup> ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 2, 171–188.
- Cooke, D. J., Michie, C., & Hart, S. D. (2006). *Facets of clinical psychopathy: Toward clearer measurement*. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 91–106). New York: Guilford Press.
- Cornell, D. G., Warren, J., Hawk, G., Stafford, E., Oram. G., & Pine, D. (1996). Psychopathy in instrumental and reactive violent offenders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 4, 783 -790.
- Dadds, M. R., Allen, J. L., Oliver, B. R., Faulkner, N., Legge, K., Moul, C., Woolger, M., Scott, S. (2012). Love, eye contact and the developmental origins of empathy v. psychopathy. *The British Journal of Psychiatry*, 200, 3, 191-196.
- Dadds, M. R., Perry, Y., Hawes, D. J., Merz, S., Riddell, A. C., Haines, D. J., Solak, E., & Abeygunawardane, A. I. (2006). Attention to the eyes and fear-recognition deficits in child psychopathy. *British Journal of Psychiatry*, 189, 3, 280-281.
- Darwin, C. (1998). *The expression of the emotions in man and animals* (3<sup>rd</sup> Ed.). New York: Oxford University Press.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 1, 113-126.

- Davis, M. (2000). The role of the amygdala in conditioned and unconditioned fear and anxiety. In J. P. Aggleton (Ed.), *The amygdala: A functional analysis* (pp. 289–310). Oxford: Oxford University Press.
- Dawel, A., O’Kearney, R., McKone, E., & Palermo, R. (2012). Not just fear and sadness: Meta-analytic evidence of pervasive emotion recognition deficits for facial and vocal expressions in psychopathy. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 36, 10, 2288–2304.
- Decety, J. & Jackson, P. L. (2004). The Functional Architecture of Human Empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, 3, 2, 71-100
- Del Gaizo, A. L., & Falkenbach, D. M. (2008). Primary and secondary psychopathic-traits and their relationship to perception and experience of emotion. *Personality and Individual Differences*, 45, 206–212.
- DeLisi, M. R., et al. 2009. The Criminology of the Amygdala. *Criminal Justice and Behavior*, 36, 11, 1241–1256.
- Dolan, M., & Fullam, R. (2004). Theory of mind and mentalizing ability in antisocial personality disorders with and without psychopathy. *Psychological Medicine*, 34, 6, 1093–1102.
- Drislane, L. E., Patrick, C. J., & Arsal, G. (2013). Clarifying the Content Coverage of Differing Psychopathy Inventories Through Reference to the Triarchic Psychopathy Measure. *Psychological Assessment*, 26, 2, 350–362
- Edens, J. F., Campbell, J. S., & Weir, M. J. (2006). Youth psychopathy and criminal recidivism: A meta-analysis of the psychopathy checklist measures. *Law Human Behaviour*, 31, 1, 53-75.
- Edens, J. F., Marcus, D. K., Lilienfeld, S. O., & Poythress, N. G. (2006). Psychopathic, not psychopath: Taxometric evidence for the dimensional structure of psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, 115, 131–144.
- Edens, J. F., Poythress, N. G., Lilienfeld, S. O., Patrick, C. J., & Test, A. (2008). Further evidence of the divergent correlates of the psychopathic personality inventory factors: Prediction of institutional misconduct among male prisoners. *Psychological Assessment*, 20, 1, 86-91.
- Eisenberg, N. (1991). Meta-Analytic Contributions to the Literature on Prosocial Behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17, 3, 273-282.
- Eisenberg, N. (2000a). Emotion, Regulation and Moral Development. *Annual Review Psychology*, 51, 665-697.

- Eisenberg, N. (2000b). Empathy. In A. E. Kazdin (Eds.), *Encyclopedia of Psychology*, vol.3 (pp.179-182). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Eisenberg, N., McCreath, H., & Ahn R. (1988). Vicarious Emotional Responsiveness and Prosocial Behavior: Their Interrelations in Young Children. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14, 2, 298-31.
- Eisenberg, N., Miller, P. A., Shell, R., McNalley, S., & Shea, C. (1991). Prosocial development in adolescence: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 27, 849-857.
- Eisenberg, N., Guthrie, I. K., Cumberland, A., Murphy, B.C., Shepard, S. A., Zhou, Q., & Carlo, G. (2002). Prosocial Development in Early Adulthood: A Longitudinal Study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 6, 993-1006.
- Ekman, P. (1993). Facial expression and emotion. *American Psychologist*, 48, 4, 384-392.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1978). *Facial action coding system*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Ekman, P. & Oster, H. (1979). Facial expressions of emotion. *Annual Review of Psychology*, 30, 527-54.
- Farrington, D. (1989). Early predictors of adolescent aggression and adult violence. *Violence and Victims*, 4, 79-100.
- Ferreira-Santos, F., Sousa, P., Mauro, C, Paiva, T., & Pereira, M. (2012). Extending the Moral-Conventional Task: Conceptual and methodological issues in the study of the judgment of moral transgressions. Poster presented in the *European Society for Philosophy and Psychology 20th Meeting*, London, United Kingdom.
- Feshbach, N. D., & Feshbach, S. (2009). Empathy and education. In J. Decety & S. D. Ickes (Ed.), *The Social Neuroscience of Empathy* (pp.85-97). Cambridge, U.K.: MIT Press.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS: and sex, drugs and rock'n'roll* (2<sup>nd</sup> Ed.). London: Sage Publications.
- Fitzgerald, D. A., Angstadt, M., Jelsone, L. M., Nathan, P. J., Phan, K.L. (2006). Beyond threat: Amygdala reactivity across multiple expressions of facial affect. *NeuroImage* 30, 4, 1441–1448.
- Flight, J. I., & Forth, A. E. (2007). Instrumentally violent youths: The roles of psychopathic traits, empathy, and attachment. *Criminal justice and Behavior*, 34, 6, 739-751.

- Fodor, E.M. (1973). Moral development and parent behavior antecedents in adolescent psychopaths. *Journal of Genetic Psychology*, 122, 37–43.
- Frick, P. J., & Hare, R. D. (2001). *The Antisocial Process Screening Device*. Toronto, Ontario, Canada: Multi-Health Systems.
- Forth, A. E., Kosson, D. S., & Hare, R. D. (2003). *The Psychopathy Checklist: Youth Version manual*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Frick, P. J., & Marsee, M. A. (2006). Psychopathy and developmental pathways to antisocial behavior in youth. In C.J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 353–375). New York: Guilford Press.
- Frick, P. J., & White, S. F. (2008). The importance of callous–unemotional traits for developmental models of aggressive and antisocial behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49, 4, 359–375.
- Glass, S. J., & Newman, J. P. (2006). Recognition of facial affect in psychopathic offenders. *Journal of Abnormal Psychology*, 115, 815– 820.
- Glenn, A. L., Iyer, R., Graham, J. K., Koleva, S., & Haidt, J. (2009). Are all types of morality compromised in psychopathy? *Journal of Personality Disorders*, 23, 4, 384–398.
- Glenn, A. L., & Raine, A. (2009). Psychopathy and instrumental aggression: Evolutionary, neurobiological, and legal perspectives. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32, 4, 253–258.
- Glenn, A. L., Raine, A., Schug, R. A., Young, L., & Hauser, M. D. (2009). Increased DLPFC activity during moral decision-making in psychopathy. *Molecular Psychiatry*, 14, 909–911.
- Gordon, H. L., Baird, A. A., & End, A. (2004). Functional differences among those high and low on a trait measure of psychopathy. *Biological Psychiatry*, 56, 516–521.
- Gottfredson, M. R., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Graham, R., Devinsky, O., & LaBar, K. S. (2006). Sequential ordering of morphed faces and facial expressions following temporal lobe damage. *Neuropsychologia*, 44, 8, 1398–1405.
- Graham, R., Devinsky, O., & LaBar, K. S. (2007). Quantifying deficits in the perception of fear and anger in morphed facial expressions after bilateral amygdala damage. *Neuropsychologia*, 45, 1, 42–54.

- Graham, J., Nosek, B. A., Haidt, J., Iyer, R., Koleva, S., & Ditto, P. H. (2011). Mapping the moral domain. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101, 2, 366-385.
- Grann, M., Langstrom, N., & Tengstrom, A. (1999). Psychopathy (PCL-R) predicts violent recidivism among criminal offenders with personality disorders in Sweden. *Law and Human Behavior*, 23, 2, 205-217.
- Gretton, H. M., Hare, R. D., & Catchpole, R. E. (2004). Psychopathy and offending from adolescence to adulthood: A 10-year follow-up. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72, 4, 636.
- Guy, L. S., Edens, J. F., Anothony, C., & Douglas, K. S. (2005). Does psychopathy predict institutional misconduct among adults? A meta-analytic investigation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 6, 1056-1064.
- Haidt, J. (2007). The new synthesis in moral psychology. *Science*, 316, 998-1002.
- Haidt, J., & Graham, J. (2007). When morality opposes justice: Conservatives have moral intuitions that liberals may not recognize. *Social Justice Research*, 20, 98–116.
- Haidt, J., Koller, S. H., & Dias, M. G. (1993). Affect, culture, and morality, or is it wrong to eat your dog? *Journal of personality and social psychology*, 65, 4, 613-628.
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist—Revised, second edition (PCL-R)*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Harpur, T. J., Hakstian, A. R., & Hare, R. D. (1988). Factor structure of the Psychopathy Checklist. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 5, 741–747.
- Hart, S. D., Cox, D. N., & Hare, R. D. (1995). *Manual for the Psychopathy Checklist: Screening version*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hemphill, J. F., Hare, R. D., & Wong, S. (1998). Psychopathy and recidivism: A review. *Legal & Criminological Psychology*, 3, 139-170.
- Hicks, B. M., & Patrick, C. J. (2006). Psychopathy and negative emotionality: Analyses of suppressor effects reveal distinct relations with emotional distress, fearfulness, and anger-hostility. *Journal of Abnormal Psychology*, 115, 2, 276–287.
- Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Hoffman, M. L. (2001). *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- House, T. H. & Milligan, W. L. (1976). Autonomic responses to modeled distress in prison psychopaths. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 4, 556-560.
- Huebner, B., Lee, J. J., & Hauser, M. D. (2010). The moral-conventional distinction in mature moral competence. *Journal of Cognition and Culture*, 10, 1-26.
- Huesmann, L., Eron, L., Lefkowitz, M., & Walder, L. (1984). The stability of aggression over time and generations. *Developmental Psychology*, 20, 6, 1120-1134.
- Jolliffe, D. & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 441-476.
- Jones, A. P., Laurens, K. L., Herba, C., Barker, G., & Viding, E. (2009). Amygdala hypoactivity to fearful faces in boys with conduct problems and callous-unemotional traits. *The American Journal of Psychiatry*, 166, 1, 95-102.
- Junger-Tas, J., Marshall, I. H., Enzmann, D., Killias, M., Steketee, M., & Gruszczynska, B. (eds) (2010). *Juvenile Delinquency in Europe and Beyond: Results of the Second International Self-report Delinquency Study*. Berlin: Springer.
- Jurkovic, G. J., & Prentice, N. M. (1977). Relation of moral and cognitive development to dimensions of juvenile delinquency. *Journal of Abnormal Psychology*, 86, 414-20.
- Kahn, R. E., Byrd, A. L., & Pardini, D. A. (2013). Callous-unemotional traits robustly predict future criminal offending in young men. *Law and Human Behavior*, 37, 2, 87-97.
- Kennett, J. (2002). Autism, Empathy and Moral Agency. *The Philosophical Quarterly*, 52, 208, 340-352.
- Kiehl, K. A. (2006). A cognitive neuroscience perspective on psychopathy: Evidence for paralimbic system dysfunction. *Psychiatry Research*, 142, 107-128.
- Keltner, D. (1995). Signs of appeasement: Evidence for the distinct displays of embarrassment, amusement, and shame. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 3, 441-454.
- Keltner, D., Ekman, P., Gonzaga, G. C. & Beer, J. (2003). Facial expression of emotion. In R. J. Davidson, K. R. Scherer & H. H. Goldsmith (Eds.), *Handbook of affective sciences*. (pp. 415-432). New York: Oxford University Press.

- Kempes, M., Matthys, W., de Vries, H., & van Engeland, H. (2005). Reactive and proactive aggression in children: A review of theory, findings and the relevance for child and adolescent psychiatry. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 14, 1, 11-19.
- Kohlberg, L. (1983). *Moral stages: a current formulation and a response to critics*. New York: Karger.
- Kennealy, P. J., Skeem, J. L., Walters, G. D., & Camp, J. (2010). Do core interpersonal and affective traits of PCL-R psychopathy interact with antisocial behavior and disinhibition to predict violence? *Psychological Assessment*, 22, 3, 569-580.
- Krueger, R. F., Markon, K. E., Patrick, C. J., Benning, S. D., & Kramer, M. D. (2007). Linking antisocial behavior, substance use, and personality: An integrative quantitative model of the adult externalizing spectrum. *Journal of Abnormal Psychology*, 116, 4, 645-666.
- Krueger, R. F., Markon, K. E., Patrick, C. J., & Iacono, W. G. (2005). Externalizing psychopathology in adulthood: A dimensional spectrum conceptualization and its implications for DSM-V. *Journal of Abnormal Psychology*, 114, 537-550.
- Kruh, I. P., Frick, P. J., & Clements, C. B. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior*, 32, 1, 69-96.
- Krumhuber, E. G., Kappas, A., & Manstead, A. S. R. (2013). Effects of dynamic aspects of facial expressions: a review. *Emotion Review*, 5, 1, 41-46.
- LeDoux, J. E. (2000). The amygdala and emotion: A view through fear. In J. P. Aggleton (Ed.), *The amygdala: A functional analysis* (pp. 289-310). Oxford: Oxford University Press.
- Lee, M., & Prentice, N. M. (1988). Interrelations of empathy, cognition, and moral reasoning with dimensions of juvenile delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology: An Official Publication of the International Society for Research in Child and Adolescent Psychopathology*, 16, 127-139.
- Levenston, G. K., Patrick, C. J., Bradley, M. M., & Lang, P. J. (2000). The psychopath attention as an observer: Emotion and attention in picture processing. *Journal of Abnormal Psychology*, 109, 3, 373-386.
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutional population. *Journal of Personality & Social Psychology*, 68, 1, 151-158.

- Lilienfeld, S. O., & Andrews, B. P. (1996). Development and preliminary validation of a self-report measure of psychopathic personality traits in noncriminal populations. *Journal of Personality Assessment*, 66, 488–524.
- Lilienfeld, S.O., & Widows, M. (2005). *Professional Manual for the Psychopathic Personality Inventory-Revised (PPI-R)*. Lutz, Florida: Psychological Assessment Resources.
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8, 2, 171-184.
- Loper, A. B., Hoffschmidt, S. J., & Ash, E. (2001). Personality features and characteristics of violent events committed by juvenile offenders. *Behavioral Sciences & the Law*, 19, 1, 81-96.
- Lorenz, K. (1966). *On aggression*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Lorenz, A. R., & Newman, J. P. (2002). Deficient response modulation and emotion processing in low-anxious Caucasian psychopathic offenders: Results from a lexical decision task. *Emotion*, 2, 91–104.
- Lykken, D. T. (1995). *The antisocial personalities*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Lynam, D. R., Whiteside, S., & Jones, S. (1999). Self-reported psychopathy: A validation study. *Journal of Personality Assessment*, 73, 110–132.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com SPSS Statistics*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Marsh, A. A., & Blair, R. J. R. (2008). Deficits in facial affect recognition among antisocial populations: A meta-analysis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 32, 3, 454–465.
- McCord, W., & McCord, J. (1964). *The psychopath: An essay on the criminal mind*. Princeton: Van Nostrand.
- McEllistrem, J. E. (2004). Affective and predatory violence: A bimodal classification system of human aggression and violence. *Aggression & Violent Behavior*, 10, 1, 1-30.
- Meloy, J. R. (2006). Empirical basis and forensic application of affective and predatory violence. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 40, 539-547.
- Miller, P. A., & Eisenberg, N. (1988). The relation of empathy to aggressive and externalizing/antisocial behavior. *Psychological Bulletin*, 103, 324-344.



- Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-persistent antisocial behaviour: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 4, 674-701.
- Moffitt, T. E., Caspi, A., Rutter, M. & Silva, P. A. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: conduct disorder, delinquency, and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Moya-Albiol, L.; Herrero, N. & Bernal, M. C. (2010). Bases neuronales de la empatia. *Revista Neurología de la Conducta*, 50, 2, 89-100.
- Muñoz, L. C. & Frick, P. J. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 4, 299–312.
- Murrie, D. C., Cornell, D. G., Kaplan, S., McConville, D., & Levy-Elkon, A. (2004). Psychopathy scores and violence among juvenile offenders: A multi-measure study. *Behavioral Sciences & the Law*, 22, 1, 49-67.
- Nichols, S. (2002). Norms with feeling: Towards a psychological account of moral judgment. *Cognition*, 84, 2, 221-236.
- Nouvion, S. O., Cherek, D. R., Lane, S. D., Tcheremissine, O. V., & Lieving, L. M. (2007). Human proactive aggression: Association with personality disorders and psychopathy. *Aggressive Behavior*, 33, 6, 552-562.
- Olver, M. E., Stockdale, K. C., & Wormith, J. S. (2009). Risk assessment with young offenders: A meta-analysis of three assessment measures. *Criminal Justice and Behavior*, 36, 4, 329-353.
- Patrick, C. J. (2010). Operationalizing the Triarchic Conceptualization of Psychopathy: Preliminary Description of Brief Scales for Assessment of Boldness, Meanness, and Disinhibition. Unpublished manual.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21, 913–938.
- Patrick, C. J.; Kramer, M. D.; Krueger, R. F.; & Markon, K. E. (2013). Optimizing Efficiency of Psychopathology Assessment Through Quantitative Modeling: Development of a Brief Form of the Externalizing Spectrum Inventory. *Psychological Assessment*, 25, 4, 1332-1348.
- Patrick, C. J., & Zempolich, K. A. (1998). Emotion and aggression in the psychopathic personality. *Aggression and Violent Behavior*, 3, 4, 303-338.

- Patterson, C. M., & Newman, J. P. (1993). Reflectivity and learning from aversive events: Toward a psychological mechanism for the syndromes of disinhibition. *Psychological Review*, 100, 4, 716–736.
- Peirce, J. W. (2007). PsychoPy - Psychophysics software in Python. *Journal of Neuroscience Methods*, 162, 1-2, 8-13
- Peirce, J. W. (2009) Generating stimuli for neuroscience using PsychoPy. *Front Neuroinformatics*, 2, 10.
- Penton-Voak, I. S., Thomas, J., Gage, S. H., McMurran, M., McDonald, S., & Munafò, M. R. (2013). Increasing Recognition of Happiness in Ambiguous Facial Expressions Reduces Anger and Aggressive Behavior. *Psychological Science*, 24, 5, 688-697.
- Pham, T. H., & Philippot (2010). Decoding of facial expression of emotion in criminal psychopaths. *Journal of Personality Disorders*, 24, 4, 445–459, 2010.
- Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (in press). *Manual for the Self-Report Psychopathy (SRP) scale: Version III*. Toronto: Multi-Health Systems
- Pinel, P. (1809). *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale* (2<sup>nd</sup> ed.). Paris: Brosson.
- Pipa, F., Sousa, P., Ferreira-Santos, F., Mauro, C. (2013). Juízos morais e emoções: Um estudo através da Tarefa Moral Convencional revista e ampliada. In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos, I. Direito, S. Monteiro, C. F. Silva & A. A. Gomes (Eds.), Livro de Atas: VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 205-215). Aveiro: Associação Portuguesa de Psicologia. Retirado de [http://www.viiiisnip2013.com/livro\\_atas.pdf](http://www.viiiisnip2013.com/livro_atas.pdf).
- Phelps, E. A., & LeDoux, J. E. (2005). Contributions of the Amygdala to Review Emotion Processing: From Animal Models to Human Behavior. *Neuron*, 48, 2 175–187.
- Porter, S., & Woodworth, M. (2006). *Psychopathy and aggression*. In C. J. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 481–494). New York: Guilford Press.
- Porter, S., & Woodworth, M. (2007). “I’m sorry I did it...but he started it”: A comparison of the official and self-reported homicide descriptions of psychopaths and nonpsychopaths. *Law & Human Behavior*, 31, 1, 91–107.
- Porter, S., Woodworth, M., Earle, J., Drugge, J., & Boer, D. (2003). Characteristics of sexual homicides committed by psychopathic and nonpsychopathic offenders. *Law & Human Behavior*, 27, 5, 459–470.

- Prinz, J. (2006). The emotional basis of moral judgments. *Philosophical Explorations*, 9, 1, 29-43.
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., et al. (2006). The Reactive–Proactive Aggression Questionnaire: Differential Correlates of Reactive and Proactive Aggression in Adolescent Boys. *Aggressive Behavior*, 32, 2, 159-171.
- Raine, A., Meloy, J. R., Bihrlé, S., Stoddard, J., LaCasse, L., & Buchsbaum, M. S. (1998). Reduced prefrontal and increased subcortical brain functioning assessed using positron emission tomography in predatory and affective murderers. *Behavioral Sciences & the Law*, 16, 3, 319-332.
- Reidy, D. E., Zeichner, A., Miller, J. D., & Martinez, M. A. (2007). Psychopathy and aggression: Examining the role of psychopathy factors in predicting laboratory aggression under hostile and instrumental conditions. *Journal of Research in Personality*, 41, 6, 1244–1251.
- Rest, J. R., & Narvaez, D. (1991). The college experience and moral development. In W. M. Kurtines e J. L. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development, vol. 2: Research* (pp. 229-245). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Richell, R. A., Mitchell, D. G., Newman, C., Leonard, A., Baron-Cohen, S., & Blair, R. J. (2003). Theory of mind and psychopathy: Can psychopathic individuals read the “language of the eyes”? *Neuropsychologia*, 41, 5, 523–526.
- Robins, L. N. (1978). Sturdy predictors of adult antisocial behaviour: Replications from longitudinal studies. *Psychological Medicine*, 8, 4, 611–622.
- Roskies, A. L. (2011). A Puzzle about Empathy. *Emotion Review*, 3, 3, 278-280.
- Sato, W., Kubota, Y., Okada, T., Murai, T., Yoshikawa, S., & Sengoku, A. (2002). Seeing happy emotion in fearful and angry faces: Qualitative analysis of facial expression recognition in a bilateral amygdala-damaged patient. *Cortex*, 38, 727–747.
- Schalk, J. v. d., Hawk, S. K., Fischer, A. H., & Doosje, B. (2011). Moving Faces, Looking Places: Validation of the Amsterdam Dynamic Facial Expression Set (ADFES). *Emotion*, 11, 4, 907-920.
- Seara-Cardoso, A., Neumann, C., Roiser, J., McCrory, E., & Viding, E. (2012). Investigating associations between empathy, morality and psychopathic personality traits in the general population. *Personality and Individual Differences*, 52, 1, 67-71.

- Sellbom, M., & Phillips, T.R. (2013). An examination of the triarchic conceptualization of psychopathy in incarcerated and nonincarcerated samples. *Journal of Abnormal Psychology, 122*, 1, 208–14.
- Sergerie, K., Chochol, C., & Armony, J. L. (2008). The role of the amygdala in emotional processing: A quantitative meta-analysis of functional neuroimaging studies. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews, 32*, 4, 811–830.
- Serin, R. C. (1991). Psychopathy and violence in criminals. *Journal of Interpersonal Violence, 6*, 4, 423–431.
- Shamay-Tsoory, S. G. (2011). The neural bases for empathy. *The Neuroscientist, 17*, 1, 18–24.
- Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010). Is criminal behavior a central component of psychopathy? Conceptual directions for resolving the debate. *Psychological Assessment, 22*, 2, 433–455.
- Skeem, J. L., Mulvey, E. P., & Grisso, T. (2003). Applicability of traditional and revised models of psychopathy to the Psychopathy Checklist: Screening Version. *Psychological Assessment, 15*, 1, 41–55.
- Skeem, J.L., Polaschek, D.L.L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S.O. (2011). Psychopathic personality: bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science in the Public Interest, 12*, 3, 95–162.
- Spezio, M. L., Huang, P. S., Castelli, F., & Adolphs, R. (2007). Amygdala Damage Impairs Eye Contact During Conversations with Real People. *The Journal of Neuroscience, 27*, 15, 3994–3997.
- Stanley, J.H., Wygant, D.B., Sellbom, M. (2013). Elaborating on the construct validity of the triarchic psychopathy measure in a criminal offender sample. *Journal of Personality Assessment, 95*, 4, 343–50.
- Stevens, D., Charman, T., & Blair, R. J. R. (2001). Recognition of emotion in facial expressions and vocal tones in children with psychopathic tendencies. *The Journal of Genetic Psychology, 162*, 2, 201–211.
- Team, R. D. C. (2010). R: A language and environment for statistical computing. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing. Acedido em 2014 no site <http://www.R-project.org>.
- Thomson, J. J. (1985). The Trolley Problem. *The Yale Law Journal, 94*, 6, 1395–1415.
- Tiihonen, J., Hodgins, S., & Vaurio, O. (2000). Amygdaloid volume loss in psychopathy [Abstract]. *Society for Neuroscience, 2017*.

- Trautmann, S. A.; Fehr, T.; & Herrmann, M. (2009). Emotions in motion: Dynamic compared to static facial expressions of disgust and happiness reveal more widespread emotion-specific activations. *Brain Research*, 1284, 100-115.
- Tracy, J. L., & Robins, R. W. (2004). Show your pride: Evidence for a discrete emotion expression. *Psychological Science*, 15, 3, 194–197.
- Trevathan S., & Walker, L. J. (1989). Hypothetical versus real-life moral reasoning among psychopathic and delinquent youth. *Development and Psychopathology*, 1, 91–103.
- Turiel, E. (1983). *The development of social knowledge: Morality and convention*. New York: Cambridge University Press.
- Viding, E., Blair, R.J.R., Moffitt, T. E., & Plomin, R. (2005). Evidence for substantial genetic risk for psychopathy in 7-year-olds. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 6, 592-597.
- Viding, E., Simmonds, E., Petrides, K. V., & Frederickson, N. (2009). The contribution of callous-unemotional traits and conduct problems to bullying in early adolescence. *Journal of Child and Psychology Psychiatry*, 50, 4, 471–481.
- Vitacco, M. M., Newmann, C. S., Caldwell, M. E., Leistico, A. M., & Van Rybroek, G. J. (2006). Testing factor models of the psychopathy checklist: Youth version and their association with instrumental aggression. *Journal of Personality Assessment*, 87, 1, 74-83.
- Walsh, Z., Swogger, M. T., & Kosson, D. S. (2009). Psychopathy and instrumental violence: Facet level relations. *Journal of Personality Disorders*, 23, 4, 416–424.
- Walters, G. D. (2003a). Predicting criminal justice outcomes with the psychopathy checklist and lifestyle criminality screening form: A meta-analytic comparison. *Behavioral Sciences & the Law*, 21, 1, 89-102.
- Walters, G. D. (2003b). Predicting institutional adjustment and recidivism with the Psychopathy Checklist factor scores: A meta-analysis. *Law and Human Behavior*, 27, 5, 541-558.
- Walters, G. D. (2006). Risk-appraisal versus self-report in the prediction of criminal justice outcomes: A meta-analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 33, 3, 279-304.
- Widom, C. S. (1976). Interpersonal and personal construct systems in psychopaths. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 44, 4, 614–623.

- Williamson, S., Hare, R. D., & Wong, S. (1987). Violence: Criminal psychopaths and their victims. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 19, 4, 454–462.
- Yildirim, B. O., & Derksen, J. J. L. (2013). Systematic review, structural analysis, and new theoretical perspectives on the role of serotonin and associated genes in the etiology of psychopathy and sociopathy. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 37, 7, 1254–1296.
- Zaki, J., & Ochsner, K. N. (2012). The neuroscience of empathy: Progress, pitfalls and promise. *Nature Neuroscience*, 15, 5, 675-680.



**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**



## **Termo de Consentimento Informado**

Neste estudo pretende estudar-se a relação entre alguns traços da personalidade, o funcionamento social e a descodificação de emoções em expressões faciais de emoção

Na presente tarefa ser-lhe-á pedido para realizar uma tarefa de descodificação de expressões emocionais. Serão mostrados um conjunto de vídeos que evoluirão de uma expressão facial neutra até uma de 6 emoções (tristeza, alegria, medo, vergonha, nojo e raiva). A sua tarefa será a de dizer, em voz alta, qual a emoção de cada vídeo, logo que a consiga detectar. Pode mudar a sua resposta em qualquer altura, até ao final do vídeo.

Para além desta tarefa realizará um conjunto de questionários destinado a avaliar algumas variáveis de personalidade e sociocognitivas.

Todos os dados recolhidos serão utilizados estritamente para fins de investigação científica. Os dados serão tratados de forma absolutamente anónima e a sua identidade não será divulgada. A sua participação neste estudo é voluntária e é livre de interromper a sua participação em qualquer momento da experiência.

Declaro que fui informado(a) dos objetivos do estudo e que tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas relativamente ao estudo. Participo de forma voluntária e fui informado que a minha participação, ou recusa em participar, não acarreta quaisquer benefícios ou custos para mim.

Porto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do investigador: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

**Instruções:** Por favor, responda às seguintes questões gerais sobre a sua pessoa.  
Todas as suas respostas são anónimas e confidenciais.

1. Em que ano nasceu? \_\_\_\_\_

2. Qual é o seu sexo?      ☐ Feminino      ☐ Masculino

3. Em que país reside actualmente?

(Se mudou de país recentemente ou está a viver num país temporariamente, por favor indique o país onde passou a maior parte dos últimos 5 anos)

\_\_\_\_\_

4. Se cresceu num país diferente do indicado na pergunta anterior, por favor assinale-o aqui.

\_\_\_\_\_

5. Qual é o nível de educação mais elevado que completou?

- ☐ Nenhum
- ☐ Ensino Básico 1 (até à 4ª classe)
- ☐ Ensino Básico 2 (preparatório/5º e 6º anos)
- ☐ Ensino Básico 3 (até ao 9º ano/5º ano dos liceus, escola comercial/industrial)
- ☐ Ensino Secundário - Cursos Tecnológicos
- ☐ Ensino Secundário - Cursos Gerais (12º/7º ano dos liceus completo, propedêutico, serviço cívico)
- ☐ Ensino Superior - Bacharelato
- ☐ Ensino Superior - Licenciatura
- ☐ Ensino Superior - Mestrado (Pós-Bolonha)
- ☐ Ensino Superior - Mestrado (Pré-Bolonha)
- ☐ Ensino Superior - Doutoramento

**6.** Indique em números a quantidade de pessoas que constitui o seu agregado familiar?

É considerado agregado familiar um ou mais indivíduos que vivem habitualmente no mesmo lar e partilham as suas despesas domésticas. Por exemplo, no caso de estes serem o seu pai, a sua mãe e o seu irmão, deverá responder 4. Não são considerados agregados, conjuntos de indivíduos que, apesar de viverem no mesmo espaço e partilharem as despesas familiares, apenas estão nessa situação temporariamente, pertencendo a um outro lar; é este o caso de lares de estudantes. Se se encontra neste caso, considere então como agregado os elementos do seu lar habitual com todas as condições reunidas acima.

---

**7.** Qual é a soma do rendimento mensal de todas as fontes do seu agregado familiar, depois dos descontos obrigatórios para contribuições e impostos?

Se não souber o número exato, por favor, considere um valor aproximado.

- ☐ Menos de 150 Euros
- ☐ Entre 150 e 300 euros
- ☐ Entre 300 e 500 Euros
- ☐ Entre 500 e 1000 euros
- ☐ Entre 1000 e 1500 Euros
- ☐ Entre 1500 e 2000 Euros
- ☐ Entre 2000 e 2500 Euros
- ☐ Entre 2500 e 3000 Euros
- ☐ Entre 3000 e 5000 Euros
- ☐ Mais de 5000 Euros

**8.** Qual é/era a designação da sua profissão principal?

Note que "reformado/a" e "desempregado/a" não são considerados/as profissões. Considera-se aqui que "estudante" e "doméstico/a" são profissões.

---

9. Se tiver, indique por favor qual é a sua religião? \_\_\_\_\_

10. Como descreve a sua orientação religiosa?

nada  
religioso/a

☐☐☐

algo  
religioso/a

☐☐☐

muito  
religioso/a

☐

**ÍNDICE DE REATIVIDADE INTERPESSOAL**

## Índice de Reatividade Interpessoal

### IRI –*Interpersonal Reactivity Index*

Mark Davis, 1983<sup>20</sup>

Adaptação portuguesa de Teresa Limpo, Rui A. Alves e São Luís Castro, 2010<sup>21</sup>

As afirmações seguintes referem-se a pensamentos e sentimentos que poderá ter tido em diversas situações. Indique em que medida cada item o/a descreve a si escolhendo o número apropriado na escala abaixo, desde **0** (não me descreve bem) a **4** (descreve-me muito bem). Leia atentamente cada item antes de responder no espaço correspondente. É importante que as suas respostas sejam francas e honestas. Obrigado.

<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
				Descreve-me muito bem
Não me descreve bem				

- \_\_\_\_\_ 1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu. [PE]
- \_\_\_\_\_ 2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros. [TP] [i]
- \_\_\_\_\_ 3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas. [PE] [i]
- \_\_\_\_\_ 4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance. [F]
- \_\_\_\_\_ 5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo/apreensiva. [DP]

<sup>20</sup> Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.

<sup>21</sup> Laboratório de Fala, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto ([www.fpce.up.pt/labfala](http://www.fpce.up.pt/labfala); [labfala@fpce.up.pt](mailto:labfala@fpce.up.pt))

- \_\_\_\_\_ 6. Habitualmente mantenho a objectividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo. (F) [i]
- \_\_\_\_\_ 7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão. [TP]
- \_\_\_\_\_ 8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger. [PE]
- \_\_\_\_\_ 9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas. [TP]
- \_\_\_\_\_ 10. É raro ficar completamente envolvido/envolvida num bom livro ou filme. [F] [i]
- \_\_\_\_\_ 11. Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo/calma. [DP] [i]
- \_\_\_\_\_ 12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito. [PE] [i]
- \_\_\_\_\_ 13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens. [F]
- \_\_\_\_\_ 14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me. [DP]
- \_\_\_\_\_ 15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências. [DP] [i]
- \_\_\_\_\_ 16. Fico muitas vezes emocionado/emocionada com coisas que vejo acontecer. [PE]
- \_\_\_\_\_ 17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos. [TP]
- \_\_\_\_\_ 18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole. [PE]
- \_\_\_\_\_ 19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista. [F]
- \_\_\_\_\_ 20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência. [DP]
- \_\_\_\_\_ 21. Quando estou aborrecido/aborrecida com alguém, geralmente tento pôr-me



no seu lugar por um momento. [TP]

\_\_\_\_\_ 22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.[F]

\_\_\_\_\_ 23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido/perdida. [DP]

\_\_\_\_\_ 24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar. [TP]

Legenda:

[i] - item invertido.

[TP] - Tomada de Perspetiva

[PE] - Preocupação Empática

[DP] - Desconforto Pessoal

[F] - Fantasia

**QUESTIONÁRIO DA AGRESSÃO REATIVA-PROATIVA**

## Questionário da Agressão Reativa-Proativa

### RPQ - *Reactive-Proactive Questionnaire*

Raine et al., 2006<sup>22</sup>

Adaptação portuguesa de Escola de Criminologia (não publicada)<sup>23</sup>

#### Instruções:

Há alturas em que a maior parte de nós se sente zangado, ou fez coisas que não devia. Para cada um dos itens abaixo assinala, por favor, com um círculo nas opções 0 (nunca), 1 (às vezes) e 2 (muitas vezes). Não passes muito tempo a pensar sobre os itens - dá a primeira resposta que te vier à cabeça. Por favor, responde a todos os itens (vê abaixo).

#### Com que frequência tu...

0                      1                      2  
Nunca              Às vezes              Muitas vezes

1. Gritaste com outros quando te irritaram. [AR]	0	1	2
2. Lutaste com outros para mostrar quem manda. [AP]	0	1	2
3. Reagiste com raiva quando outros te provocaram. [AR]	0	1	2
4. Tiraste coisas a outros estudantes. [AP]	0	1	2
5. Ficaste furioso quando estavas zangado. [AR]	0	1	2
6. Vandalizaste alguma coisa para te divertir. [AP]	0	1	2
7. Tiveste episódios de raiva. [AR]	0	1	2
8. Destruíste coisas porque te sentiste zangado. [AR]	0	1	2
9. Envolveste-te numa luta de gangs para pareceres fixe. [AP]	0	1	2
10. Magoaste outros para ganhar um jogo. [AP]	0	1	2

<sup>22</sup> Raine et al. (2006). The Reactive-Proactive Aggression Questionnaire: Differential Correlates of Reactive and Proactive Aggression in Adolescent Boys. *Aggressive Behavior*, 32, 2, 159-171.

<sup>23</sup> Faculdade de Direito da Universidade do Porto

<b>11.</b> Ficaste furioso ou zangado quando as coisas não correram como querias. [AR]	0	1	2
<b>12.</b> Usaste força física para conseguir com que os outros fizessem o que querias. [AP]	0	1	2
<b>13.</b> Ficaste furioso ou zangado quando perdeste um jogo. [AR]	0	1	2
<b>14.</b> Ficaste furioso quando outros te ameaçaram. [AR]	0	1	2
<b>15.</b> Usaste força para tirar dinheiro ou coisas aos outros. [AP]	0	1	2
<b>16.</b> Sentiste-te melhor depois de teres batido ou gritado com alguém. [AR]	0	1	2
<b>17.</b> Ameaçaste ou intimidaste alguém. [AP]	0	1	2
<b>18.</b> Fizeste chamadas telefónicas obscenas para te divertir. [AP]	0	1	2
<b>19.</b> Bateste em outros para te defender. [AR]	0	1	2
<b>20.</b> Juntaste um grupo de amigos para "fazer a folha a alguém". [AP]	0	1	2
<b>21.</b> Andaste com uma arma para usar numa luta. [AP]	0	1	2
<b>22.</b> Ficaste com raiva ou irritado ou bateste em outros quando te chatearam. [AR]	0	1	2
<b>23.</b> Gritaste com os outros para eles fazerem coisas para ti. [AP]	0	1	2

**Legenda:**

[AP] – Agressão Proativa

[AR] – Agressão Reativa

**MEDIDA TRIÁRQUICA DA PSICOPATIA**

**Medida Triárquica da Psicopatia**  
**TriPM -Triarchic Psychopathy Measure**

Patrick, 2010<sup>24</sup>

Versão Portuguesa de Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa e  
Marques-Teixeira (2014)<sup>25</sup>

**Instruções:**

Este questionário contém afirmações que diferentes pessoas poderiam usar para se descreverem a si próprias. Cada afirmação é seguida por 4 opções:

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

Para cada afirmação, assinale com um X a opção que melhor o descreve. Não existem respostas correctas ou erradas; seleccione apenas a que melhor o descreve. Por exemplo,

☒ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**Lembre-se: Assinale apenas uma opção por item.** Se se enganar, risque a resposta incorrecta e marque com um X a opção correcta. Responda a todos os itens. Por favor, responda rapidamente e não ocupe demasiado tempo em cada afirmação.

**1. Sou mais vezes optimista do que o contrário. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**2. O modo como os outros se sentem é importante para mim. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

---

<sup>24</sup> Patrick, C. J. (2010). Operationalizing the Triarchic Conceptualization of Psychopathy: Preliminary Description of Brief Scales for Assessment of Boldness, Meanness, and Disinhibition. Unpublished manual.

<sup>25</sup> Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). *The Triarchic Psychopathy Measure (TriPM): Translation and adaptation to European Portuguese (LabReport No. 6)*. Porto: Laboratory of Neuropsychophysiology (University of Porto). Retrieved from: [http://www.fpce.up.pt/labpsi/data\\_files/09labreports/LabReport\\_6.pdf](http://www.fpce.up.pt/labpsi/data_files/09labreports/LabReport_6.pdf)

**3. Ajo frequentemente com base em necessidades imediatas. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**4. Não tenho um grande desejo de saltar de pára-quedas de um avião. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**5. Faltei frequentemente a coisas às quais prometi ir. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**6. Gostaria de estar envolvido numa perseguição de carro a alta-velocidade. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**7. Estou bem equipado para lidar com o stress. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**8. Não me importo se alguém de quem não gosto se magoa. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**9. As minhas decisões impulsivas causaram problemas com pessoas de quem gosto.**  
[ED]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**10. Assusto-me facilmente. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**11. Sou solidário com os problemas dos outros. [EM] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**12. Já faltei ao trabalho sem me preocupar em avisar. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**13. Sou um líder nato. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**14. Gosto de uma boa luta física. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**15. Atiro-me de cabeça para as coisas sem pensar. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**16. Tenho dificuldade em fazer com que as coisas resultem da forma que eu quero.**

[EB] [i]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**17. Eu retribuo insultos. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**18. No passado, meti-me em problemas porque faltei demasiado à escola. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**19. Tenho queda para influenciar as pessoas. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**20. Não me incomoda ver alguém sofrer. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**21. Tenho um bom auto-controlo. [ED] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**22. Funciono bem em situações novas, mesmo quando não estou preparado. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**23. Às vezes gosto de intimidar as pessoas. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**24. Já tirei dinheiro da carteira de alguém sem pedir. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso



**25. Não me considero talentoso.** [EB] [i]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**26. Provoco as pessoas só para agitar as coisas.** [EM]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**27. As pessoas abusam frequentemente da minha confiança.** [ED]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**28. Tenho medo de muito menos coisas do que a maioria das pessoas.** [EB]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**29. Não vejo por que me preocupar se o que faço magoa alguém.** [EM]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**30. Mantenho os compromissos que faço.** [ED] [i]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**31. Muitas vezes aborreço-me rapidamente e perco o interesse.** [ED]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**32. Consigo ultrapassar coisas que traumatizariam os outros.** [EB]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**33. Sou sensível aos sentimentos dos outros.** [EM] [i]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**34. Já enganei pessoas para obter dinheiro delas.** [ED]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**35. Preocupo-me quando me meto numa situação que não me é familiar sem conhecer todos os detalhes.** [EB] [i]

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**36. Não sinto muita empatia pelas pessoas. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**37. Meto-me em problemas por não considerar as consequências das minhas acções. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**38. Consigo convencer as pessoas a fazerem o que eu quero. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**39. Para mim, a honestidade é mesmo a melhor prática. [EM] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**40. Já magoei pessoas para as ver com dor. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**41. Não gosto de assumir a liderança de grupos. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**42. Às vezes insulto as pessoas de propósito para obter uma reacção delas. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**43. Já tirei artigos de uma loja sem os pagar. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**44. É fácil deixar-me envergonhado. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**45. As coisas são mais divertidas se houver um pouco de perigo envolvido. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**46. Tenho dificuldade em esperar pacientemente por coisas que quero. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**47. Mantenho-me tão longe do perigo físico quanto posso. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**48. Não me importo muito se o que faço magoa os outros. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**49. Já perdi um amigo porque fiz coisas irresponsáveis. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**50. Não sou muito bom comparado com a maioria das pessoas. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**51. Outras pessoas já me disseram que estavam preocupadas pela minha falta de auto-controlo. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**52. É fácil para mim identificar-me com as emoções das outras pessoas. [EM] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**53. Já roubei alguém. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**54. Nunca me preocupo em fazer “figuras tristes” em frente aos outros. [EB]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**55. Não me incomoda quando as pessoas à minha volta estão a sofrer. [EM]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**56. Já tive problemas no trabalho porque fui irresponsável. [ED]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**57. Não sou muito bom a influenciar pessoas. [EB] [i]**

☐ verdadeiro ☐ moderadamente verdadeiro ☐ moderadamente falso ☐ falso

**58. Já roubei alguma coisa de um veículo. [ED]**

[ ] verdadeiro [ ] moderadamente verdadeiro [ ] moderadamente falso [ ] falso

**Legenda:**

[i] - item invertido.

[EB] - Escala Boldness

[EM] - Escala Meanness

[ED] - Escala Disinhibition

**QUESTIONÁRIO DAS FUNDAÇÕES MORAIS**

## Questionário das Fundações Morais

### MFQ – *Moral Foundations Questionnaire*

Graham et al., 2011<sup>26</sup>

Adaptação portuguesa de Escola de Criminologia (não publicada)<sup>27</sup>

#### Parte 1

Quando tem que decidir se algo é certo ou errado, em que medida as seguintes considerações são importantes para você? Por favor, assinale cada afirmação utilizando a seguinte escala:

0 - Nada importante (essa consideração não tem nada a ver com minhas avaliações de certo e errado)

1 - Não muito importante

2 - Pouco importante

3 - Importante

4 - Muito importante

5 -Extremamente importante (estes é um dos fatores mais importantes quando julgo se algo é certo ou errado)

1. Se alguém sofreu emocionalmente ou não. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Se alguém foi ou não tratado de maneira diferente dos outros. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

---

<sup>26</sup> Graham, J., Nosek, B. A., Haidt, J., Iyer, R., Koleva, S., & Ditto, P. H. (2011). Mapping the moral domain. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101, 2, 366-385

<sup>27</sup> Faculdade de Direito da Universidade do Porto

3. Se a ação de alguém mostrou ou não amor pelo seu país. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Se alguém demonstrou ou não falta de respeito à autoridade. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. Se alguém violou ou não os padrões de pureza e decência. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Se alguém foi bom ou não a matemática. [SF]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. Se alguém cuidou ou não de quem está fraco ou vulnerável. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Se alguém agiu injustamente ou não. [J]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. Se alguém fez ou não algo que traia seu grupo. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Se alguém se adequou ou não às tradições da sociedade. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Se alguém fez algo nojento ou não. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Se alguém foi cruel ou não. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Se os direitos de alguém foram negados ou não. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Se alguém demonstrou ou não falta de lealdade. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. Se uma ação causou ou não caos ou desordem. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

16. Se alguém agiu ou não de uma maneira que Deus aprovaria. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



## Parte 2

Por favor, leias as seguintes afirmações e indique se concorda ou não com elas:

0 - Discordo totalmente

1- Discordo moderadamente

2 - Discordo um pouco

3 - Concordo um pouco

4 - Concordo moderadamente

5 - Concordo totalmente

**17.** A compaixão por quem está a sofrer é a virtude mais importante. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**18.** Quando o governo faz leis, o princípio número deve ser garantir que todos sejam tratados de forma justa. [J]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**19.** Eu tenho orgulho da história do meu país. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**20.** O respeito à autoridade é algo que todas as crianças precisam de aprender. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**21.** As pessoas não devem fazer coisas nojentas, mesmo que ninguém seja prejudicado. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. É melhor fazer o bem do que o mal. [SF]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

23. Uma das piores coisas que uma pessoa pode fazer é magoar um animal indefeso. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. A justiça é o requisito mais importante para uma sociedade. [J]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. As pessoas devem ser leais a seus familiares, mesmo quando eles fizeram algo errado. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. Homens e mulheres têm papéis diferentes na sociedade. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

27. Eu diria que algumas acções são erradas por não serem naturais. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

28. Nunca é certo matar um ser humano. [D]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

29. Eu acho moralmente errado que as crianças ricas herdem muito dinheiro enquanto as crianças pobres não herdem nada. [J]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. É mais importante jogar em equipa do que nos expressarmos individualmente. [G]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

31. O respeito à autoridade é algo que todas as crianças precisam de aprender. [A]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

32. A castidade é uma virtude importante e valiosa. [P]

0	1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Legenda:**

[SF] - Sem Fundação Moral

[D] - Fundação Moral Dano

[J] - Fundação Moral Justiça-Reciprocidade

[A] - Fundação Moral Autoridade-Respeito

[P] - Fundação Moral Pureza-Santidade

[G] – Fundação Moral Grupo-Lealdade

## **ANEXO 7**

---

### **VERSÃO ADAPTADA**

### **TAREFA MORAL-CONVENCIONAL ESTENDIDA**

## Versão Adaptada da Tarefa Moral-Convencional Estendida

### MCT-X – Tarefa Moral-Convencional Estendida

#### MCT - *Moral-Conventional Task*

Turiel (1983)<sup>28</sup>

Ferreira-Santos, Sousa, Mauro, Paiva & Pereira, 2012<sup>29</sup>

**Instruções:** Ser-lhe-ão apresentadas algumas breves histórias e algumas perguntas sobre essas histórias. Por favor, tenha presente as seguintes instruções enquanto estiver a lê-las e a responder às questões:

-Leia as histórias e tente visualizar o que é aí descrito.

-Assuma que tudo o que lhe é descrito é literalmente verdadeiro e leve em consideração apenas os factos descritos. Alguns destes factos poderão parecer impossíveis ou difíceis de imaginar, mas, ainda assim, assumo que são literalmente verdadeiros.

-As histórias poderão eventualmente descrever uma situação relevante para o sistema legal. Neste sentido, ao responder às questões poderá parecer que lhe estamos a perguntar qual seria a visão do sistema legal sobre as histórias, mas não é esse o nosso objectivo. Estamos interessados na *sua opinião pessoal*, quer concorde ou não com a visão do sistema legal.

-Não há respostas corretas nem erradas. O nosso interesse não é testá-lo/a mas sim saber a sua opinião pessoal.

<sup>28</sup> Turiel, E. (1983). *The development of social knowledge: Morality and convention*. New York: Cambridge University Press.

<sup>29</sup> Ferreira-Santos, F., Sousa, P., Mauro, C., Paiva, T., & Pereira, M. (2012). Extending the Moral-Conventional Task: Conceptual and methodological issues in the study of the judgment of moral transgressions. Poster presented in the *European Society for Philosophy and Psychology 20th Meeting*, London, United Kingdom.

**MCT-X/11\_H [D]**

Evandro está zangado com o seu vizinho por este estar a realizar uma festa barulhenta que não o deixa dormir. Evandro vai até lá, mata o vizinho com um tiro e vai-se embora.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Evandro matar o vizinho com um tiro?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**2.** O Evandro matar o vizinho com um tiro é:

muito				nem mau				muito
mau				nem bom				bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades legítimas são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado o Evandro matar o vizinho com um tiro por este realizar uma festa barulhenta. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Evandro matar o vizinho com um tiro por este realizar uma festa barulhenta. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Evandro matar o vizinho com um tiro por este realizar uma festa barulhenta. \_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Evandro vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado matar o vizinho com um tiro por este realizar uma festa barulhenta. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Evandro matar o vizinho com um tiro?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

4. Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

5. A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

#### MCT-X/13\_L [D]

Apesar do Marco ter pedido o seu bife bem passado, ele recebeu um bife que estava mal passado. Ele pensa que o empregado não prestou atenção ao seu pedido, por isso prega-lhe uma rasteira da próxima vez que este passa ao seu lado.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Marco pregar uma rasteira ao empregado?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

## 2. O Marco pregar uma rasteira ao empregado é:

mu				nem mau				mu
mau				nem bom				bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado pregar rasteiras a empregados quando eles não prestam atenção aos pedidos. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Marco pregar uma rasteira ao empregado. \_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Marco pregar uma rasteira ao empregado. \_\_

**3.2.** Suponha que o Marco vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado pregar rasteiras a empregados quando eles não prestam atenção aos pedidos. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Marco pregar uma rasteira ao empregado?

Sim \_\_ Não \_\_

4. Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada				um				mu				extremame
perturbado				pouco				perturbado				nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a



5. A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação muito baixa		ativação baixa		ativação média		ativação alta		ativação muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito desagradável		desagradável		nem desagradável nem agradável		agradável		muito agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### MCT-X/23\_H [J]

Sandro vai a uma festa em casa de pessoas desconhecidas e onde ele não conhece ninguém. Ele vê o cofre aberto, tira todas as jóias caras e sai da festa.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Sandro tirar as jóias da casa?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

2. O Sandro tirar as jóias da casa é:

muito mau		mau		nem mau nem bom		bom		muito bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado tirar os pertences de outras pessoas das suas casas. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Sandro tirar as jóias da casa. \_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Sandro tirar as jóias da casa. \_\_\_

**3.2.** Suponha que o Sandro vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado tirar os pertences de outras pessoas das suas casas. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Sandro tirar as jóias da casa?

Sim \_\_\_

Não \_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada	um		muito	extremame
perturbado	pouco	perturbad	perturbado	nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	perturbado	o/a		perturbado/a
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação	ativação	ativação	ativação	ativação
muito baixa	baixa	média	alta	muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?**

muito desagradável      desagradável      nem desagradável      agradável      muito agradável  
 □      □      □      □      □      □      □      □

## MCT-X/24 H [J]

João é dono de um pequeno negócio. Para melhorar muito os resultados do seu negócio, João altera os números de todas as transacções comerciais ao preencher os seus formulários de impostos.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o João alterar os números de todas as suas transacções comerciais?

Sim                      Não

**2. O João alterar os números de todas as suas transacções comerciais é:**

muito				nem				muito	
mau				mau nem				bom	
□	□	□	□	bom	□	□	□	□	
				□					

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado alterar os números das transacções comerciais ao preencher os formulários dos impostos. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o João alterar os números de todas as suas transacções comerciais. \_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o João alterar os números de todas as suas transacções comerciais. \_\_

**3.2.** Suponha que o João vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado alterar os números das transacções comerciais ao preencher os formulários dos impostos. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o João alterar os números de todas as suas transacções comerciais?

Sim \_\_

Não \_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?**

mu to				nem desagradável				mu to
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/32\_L [G]**

Francisco é um membro do grupo de adeptos do clube de futebol local. Numa noite, após um jogo, Francisco e outro membro do grupo de adeptos estão a caminhar num beco, vestidos com a camisola do seu clube, e cruzam-se com dois adeptos do clube rival. Os dois rivais aproximam-se ameaçadoramente do colega e começam a insultá-lo. Francisco vira-se e foge dali para fora o mais depressa possível, deixando o outro membro do grupo para trás.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Francisco fugir e deixar o outro membro do grupo sozinho num confronto com dois rivais?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

**2.** O Francisco fugir e deixar o outro membro do grupo sozinho num confronto com dois rivais é:

mu to				nem mau				mu to
mau		mau		nem bom		bom		bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o líder do grupo de adeptos, o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado que alguém fuja e deixe outro membro do grupo em apuros num confronto com rivais. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Francisco fugir e deixar o outro membro do grupo sozinho num confronto com dois rivais.\_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Francisco fugir e deixar o outro membro do grupo sozinho num confronto com dois rivais.\_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Francisco pertencia a outro grupo de adeptos onde toda a gente considerava que não era errado que alguém fuja e deixe outro membro do grupo em apuros num confronto com rivais. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Francisco fugir e deixar o outro membro do grupo sozinho num confronto com dois rivais?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada	um		mu	extremame
perturbado	pouco	perturbad	perturbado	nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	perturbado	o/a		perturbado/a
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação	ativação	ativação	ativação	ativação
muito baixa	baixa	média	alta	muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

mu to									
desagradável		desagradável		nem desagradável		agradável		mu to	
				nem agradável				agradável	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

MCT-X/33\_L [G]

Um partido político, do qual Eduardo é um membro de longa data, está a concorrer às eleições que se avizinham. Secretamente Eduardo contacta um partido rival e aceita algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Eduardo contactar um partido rival e aceitar algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

2. O Eduardo contactar um partido rival e aceitar algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido é:

mu to									
mau		mau		nem mau		bom		mu to	
				nem bom				bom	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado que alguém forneça informações confidenciais sobre a campanha política do seu próprio partido a troco de dinheiro. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Eduardo contactar um partido rival e aceitar algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido. \_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Eduardo contactar um partido rival e aceitar algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido. \_\_

**3.2.** Suponha que o Eduardo vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado que alguém forneça informações confidenciais sobre a campanha política do seu próprio partido a troco de dinheiro. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Eduardo contactar um partido rival e aceitar algum dinheiro para fornecer informações confidenciais sobre a campanha do seu próprio partido?

Sim \_\_

Não \_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada	um		mu	extremame
perturbado	pouco	perturbad	perturbado	nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	perturbado	o/a		perturbado/a
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?



ativação muito baixa		ativação baixa		ativação média		ativação alta		ativação muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito desagradável		desagradável		nem desagradável nem agradável		agradável		muito agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

#### MCT-X/41\_L [A]

Óscar trabalha numa fábrica. Um dia, o seu supervisor chama-o ao seu escritório e faz algumas críticas válidas sobre o desempenho de Óscar no trabalho. Óscar fica transtornado e insulta o supervisor.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Óscar insultar o supervisor?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

2. O Óscar insultar o supervisor é:

muito mau		mau		nem mau nem bom		bom		muito bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o dono da fábrica, o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado insultar o supervisor. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Óscar insultar o supervisor. \_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Óscar insultar o supervisor. \_\_

**3.2** Suponha que o supervisor estabeleceu uma regra que diz que não é errado insultá-lo. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Óscar insultar o supervisor?

Sim \_\_ Não \_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada	um		muito	extremame
perturbado	pouco	perturbad	perturbado	nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	perturbado	o/a		perturbado/a
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação	ativação	ativação	ativação	ativação
muito baixa	baixa	média	alta	muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito		nem desagradável		muito
desagradável	desagradável	nem agradável	agradável	agradável

□ □ □ □ □ □ □ □ □

### MCT-X/42\_H [A]

Pedro é um adolescente que foi convidado para uma festa numa cidade próxima. O seu pai diz-lhe que ele não pode ir porque é demasiado novo para viajar sozinho. Pedro grita que vai de qualquer modo e sai de casa para ir à festa, batendo ruidosamente a porta.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Pedro gritar com o seu pai e ir à festa?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

2. O Pedro gritar com o seu pai e ir à festa é:

muito			nem mau			muito
mau		mau	nem bom		bom	bom
□	□	□	□	□	□	□

3. Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado desobedecer às ordens do pai e gritar com ele. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Pedro gritar com o seu pai e ir à festa. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Pedro gritar com o seu pai e ir à festa. \_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o pai disse que não é errado desobedecer às suas ordens e gritar com ele. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Pedro gritar com o seu pai e ir à festa?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/51\_Hu [P]**

Paulo vai ao supermercado e compra uma galinha morta. Leva-a para casa e tem relações sexuais com ela no seu quintal, onde os vizinhos o podem ver. Depois cozinha a galinha e come-a.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos o podem ver?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**2.** O Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos o podem ver é:

mu				nem mau				mu
mau			mau	nem bom		bom		bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos podem ver. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos o podem ver. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos o podem ver. \_\_

**3.2.** Suponha que o Paulo vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos podem ver. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quintal, onde os vizinhos o podem ver?

Sim \_\_

Não \_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/51\_Hp [P]**

Paulo vai ao supermercado e compra uma galinha morta. Leva-a para casa e tem relações sexuais com ela no seu quarto, onde ninguém o pode ver. Depois cozinha a galinha e come-a.

**1.** Na sua opinião pessoal, é errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém o pode ver?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**2.** O Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém o pode ver é:

muíto				nem mau				muíto
mau			mau	nem bom		bom		bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém pode ver. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém o pode ver. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém o pode ver.\_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Paulo vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém pode ver. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Paulo ter relações sexuais com uma galinha morta no quarto, onde ninguém o pode ver?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



**MCT-X/52\_Hu [P]**

O cão do Vasco foi morto por um carro em frente à sua casa. Vasco cortou o corpo do cão aos pedaços, cozinhou-o e comeu-o enquanto a sua família assistia incrédula.

1. Na sua opinião pessoal, é **errado** o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

2. O Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula é:

mu				nem mau				mu
mau			mau	nem bom		bom		bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

3.1. Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula.\_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Vasco vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto a sua família assistia incrédula?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/52\_Hp [P]**

O cão do Vasco foi morto por um carro em frente à sua casa. Vasco cortou o corpo do cão aos pedaços, cozinhou-o e comeu-o enquanto estava sozinho.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

**2.** O Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho é:

muíto				nem				muíto
mau			mau	mau nem		bom		bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	bom	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
				<input type="checkbox"/>				

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho. \_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho.\_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Vasco vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Vasco cozinhar e comer o seu próprio cão enquanto estava sozinho?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		nte
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/63 [C]**

Um dia, Roberto veste-se com as roupas da sua mulher e vai para o trabalho, para o escritório da empresa financeira na qual trabalha.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Roberto ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**2.** O Roberto ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher:

muito				nem mau				muito
mau				nem bom				bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 e 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o patrão, o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado um homem ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Roberto ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Roberto ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher. \_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Roberto vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado um homem ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Roberto ir trabalhar vestido com as roupas da sua mulher?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada perturbado		um pouco perturbado		perturbad o/a		muito perturbado		extremame nte perturbado/a
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação muito baixa		ativação baixa		ativação média		ativação alta		ativação muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito desagradável		desagradável		nem desagradável nem agradável		agradável		muito agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**MCT-X/66 [C]**

Carlos está sentado num jantar com outras pessoas e bebe a sua sopa de tomate diretamente do prato em vez de usar uma colher.

**1.** Na sua opinião pessoal, é **errado** o Carlos beber a sua sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**2.** O Carlos beber a sua sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher é:

mu				nem mau				mu
mau			mau	nem bom			bom	bom
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3.** Se respondeu “SIM” na pergunta 1, por favor responda às perguntas 3.1 a 3.2, senão passe para a pergunta 4.

**3.1.** Suponha que uma autoridade legítima (exemplos de autoridades são: o anfitrião, o governo, o supremo tribunal, a igreja, etc.) estabelecia que não é errado beber a sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher. Qual opção reflete a sua opinião pessoal?

Eu não estaria de acordo com nenhuma autoridade que estabelecesse isso, pois eu acho que seria ainda assim errado o Carlos beber a sua sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher. \_\_\_\_

Eu estaria de acordo se uma determinada autoridade estabelecesse isso, pois nesse caso eu acho que já não seria errado o Carlos beber a sua sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher. \_\_\_\_

**3.2.** Suponha que o Carlos vivia numa sociedade onde toda a gente considerava que não era errado beber sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher. Na sua opinião pessoal, seria, ainda assim, errado o Carlos beber a sua sopa diretamente da tigela em vez de usar uma colher?

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

**4.** Leia a história novamente e tente visualizar o que é descrito. Emocionalmente, quão perturbado/a a história o/a faz sentir?

nada		um				muito		extremame
perturbado		pouco		perturbad		perturbado		n te
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado	<input type="checkbox"/>	o/a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	perturbado/a
		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>				<input type="checkbox"/>

**5.** A história provoca-lhe uma sensação de ativação alta ou baixa (a ativação tem a ver com quão desperto/a ou alerta a situação o/a faz sentir)?

ativação		ativação		ativação		ativação		ativação
muito baixa		baixa		média		alta		muito alta
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6.** A história provoca-lhe uma sensação agradável ou desagradável?

muito				nem desagradável				muito
desagradável		desagradável		nem agradável		agradável		agradável
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### Legenda:

[C] – Domínio Convencional

[D] - Fundação Moral Dano



**[J]** - Fundação Moral Justiça-Reciprocidade

**[A]** - Fundação Moral Autoridade-Respeito

**[P]** - Fundação Moral Pureza-Santidade

**[G]** – Fundação Moral Grupo-Lealdade

## **ANEXO 8**

---

### **QUESTIONÁRIO DE DELINQUÊNCIA-AUTOREVELADA**

#### **– JOVENS ADULTOS**

## Questionário de Delinquência Auto-revelada – Jovens adultos

### ISRD-2 - *International Self-reported Delinquency* – 2

Junger-Tas et al., 2010<sup>30</sup>

Adaptação portuguesa de Escola de Criminologia (não publicada)<sup>31</sup>

**Instruções:** As questões que se seguem são sobre si e sobre comportamentos que possa ter tido.

Responda às questões fechadas colocando uma cruz (X) na resposta que considerar mais adequada. Lembre-se que o questionário é anónimo e que todas as suas respostas são confidenciais. Leia atentamente antes de responder. É importante que as suas respostas sejam francas e sinceras.

---

<sup>30</sup> Junger-Tas, J., Marshall, I. H., Enzmann, D., Killias, M., Steketee, M., & Gruszczynska, B. (eds) (2010). *Juvenile Delinquency in Europe and Beyond: Results of the Second International Self-report Delinquency Study*. Berlin: Springer.

<sup>31</sup> Faculdade de Direito da Universidade do Porto

<b>1. Alguma vez danificou ou destruiu, propositadamente, alguma coisa que não lhe pertencia?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº2
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4
<b>1.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>1.2</b> Fez isso <u>nos últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>1.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		
<b>1.4</b> <u>Da última vez</u> , o que é que danificou ou destruiu?		
<input type="checkbox"/> Paragem de autocarro/metro /comboio <input type="checkbox"/> Mobiliário escolar <input type="checkbox"/> Banco autocarro/metro/comboio <input type="checkbox"/> Moto/motorizada <input type="checkbox"/> Candeeiro de iluminação pública <input type="checkbox"/> Carro <input type="checkbox"/> Caixote/Contentor do lixo <input type="checkbox"/> Janela(s) <input type="checkbox"/> Outra coisa. O quê?_____		

<b>2. Alguma vez tirou alguma coisa sem pagar num estabelecimento comercial (loja, supermercado)?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº3
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 2.1, 2.2 e 2.3
2.1 Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
2.2 Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
2.3 <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>3. Alguma vez recebeu, comprou ou vendeu alguma coisa que soubesse que tinha sido roubada?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº4
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 3.1, 3.2 e 3.3
3.1 Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
3.2 Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
3.3 <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>4. Alguma vez roubou uma peça ou acessório de um carro ou algo do seu interior?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº5
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 4.1, 4.2 e 4.3
<b>4.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>4.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>4.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>5. Alguma vez penetrou num edifício com o propósito de roubar alguma coisa?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº6
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 5.1, 5.2 e 5.3
<b>5.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>5.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>5.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>6. Alguma vez roubou uma bicicleta?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº7
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 6.1, 6.2 e 6.3
<b>6.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>6.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>6.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>7. Alguma vez roubou uma moto ou motorizada?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº8
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 7.1, 7.2 e 7.3
<b>7.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>7.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>7.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>8. Alguma vez roubou um carro?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº9
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 8.1, 8.2 e 8.3
<b>8.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>8.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>8.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>9. Alguma vez vendeu drogas ou foi intermediário na venda de drogas?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº10
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 9.1, 9.2 e 9.3
<b>9.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>9.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>9.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		



<b>10. Alguma vez andou armado, por exemplo com uma pau/bastão, navalha ou outra arma?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº11
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 10.1, 10.2, 10.3 e 10.4
<b>10.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>10.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>10.3</b> <u>Da última vez</u> , qual era o tipo de arma que usou?		
<input type="checkbox"/> Pau, bastão ou taco <input type="checkbox"/> Faca ou navalha <input type="checkbox"/> Corrente ou outro objeto metálico <input type="checkbox"/> Spray <input type="checkbox"/> Arma de fogo <input type="checkbox"/> Outra		
<b>10.4</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>11. Alguma vez participou numa luta de grupo numa escola, num estádio de futebol, na rua ou num espaço público?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº12
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 11.1, 11.2 e 11.3
<b>11.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>11.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>11.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>12. Alguma vez bateu, deu pontapés ou socos em alguém propositadamente?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº13
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 12.1, 12.2 e 12.3
<b>12.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>12.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>12.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>13. Alguma vez ameaçou bater em alguém ou ameaçou alguém com uma arma para conseguir dinheiro ou outra coisa?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº14
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 13.1, 13.2 e 13.3
<b>13.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>13.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>13.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>14. Alguma vez magoou ou feriu intencionalmente alguém com um pau, navalha ou outra arma?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº15
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 14.1, 14.2 e 14.3
<b>14.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>14.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>14.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>15. Alguma vez tirou dinheiro ou outra coisa de valor superior a 5€ (euros) pertencente a outra pessoa, sem que esta, no momento, desse conta?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº16
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 15.1, 15.2 e 15.3
<b>15.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>15.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>15.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>16. Alguma vez atirou objetos (como por exemplo: pedras ou garrafas) a outra pessoa propositadamente?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para Questão nº17
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 16.1, 16.2 e 16.3
<b>16.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>16.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>16.3</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?  <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>17. Alguma vez feriu ou maltratou animais propositadamente?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para Questão nº18
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 17.1, 17.2, 17.3 e 17.4
<b>17.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>17.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>17.3</b> Da última vez que tipo de animal maltratou ou feriu?  _____		
<b>17.4</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?  <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>18. Alguma vez usou um cheque ou cartão bancário que sabia ou suspeitava ter sido roubado para levantar dinheiro num banco ou numa caixa de multibanco ou para pagar alguma coisa?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para Questão nº19
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 18.1 e 18.2
<b>18.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>18.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	

<b>19. Alguma vez conduziu um carro, motociclo ou ciclomotor sem ter carta de condução (não inclua a situação de aula de condução)?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº20
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 19.1, 19.2, 19.3 e 19.4
<b>19.1</b> Que idade tinha quando fez isso pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>19.2</b> Fez isso nos <u>últimos 12 meses</u> ?		
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/> , Quantas vezes? _____	
<b>19.3</b> <u>Da última vez</u> , que tipo de veículo conduziu?		
<input type="checkbox"/> Ciclomotor <input type="checkbox"/> Moto ou motorizada <input type="checkbox"/> Carro		
<b>19.4</b> <u>Da última vez</u> , fez isso sozinho(a) ou acompanhado(a)?		
<input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>20. Alguma vez bebeu cerveja ou vinho?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº21
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 20.1, 20.2, 20.3 e 20.4
<b>20.1</b> Que idade tinha quando bebeu estas bebidas pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>20.2</b> <u>Nas últimas quatro semanas</u> , bebeu cerveja ou vinho? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>20.3</b> Com que frequência costuma beber cerveja ou vinho? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>20.4</b> Nas últimas quatro semanas, ficou embriagado (bêbado) com estas bebidas? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		

<b>21. Alguma vez bebeu bebidas alcoólicas fortes (vodka, whisky, aguardente, gin, rum, shots, ...)?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº22
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 21.1, 21.2, 21.3 e 21.4
<b>21.1</b> Que idade tinha quando bebeu estas bebidas pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>21.2</b> <u>Nas últimas quatro semanas</u> , bebeu bebidas fortes? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>21.3</b> Com que frequência costuma beber bebidas fortes? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>21.4</b> Nas últimas quatro semanas, ficou embriagado (bêbado) com estas bebidas? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		

<b>22. Alguma vez consumiu erva, marijuana ou haxixe?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº23
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 22.1, 22.2, 22.3 e 22.4
<b>22.1</b> Que idade tinha quando consumiu pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>22.2</b> Consumiu durante as <u>últimas quatro semanas</u> ? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>22.3</b> Com que frequência costuma consumir erva, marijuana ou haxixe? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>22.4</b> <u>Da última vez</u> , consumiu sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>23. Alguma vez consumiu ecstasy ou MD e metanfetaminas ou “speeds”?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº24
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 23.1, 23.2, 23.3 e 23.4
<b>23.1</b> Que idade tinha quando consumiu pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>23.2</b> Consumiu durante as <u>últimas quatro semanas</u> ? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>23.3</b> Com que frequência costuma consumir ecstasy, MD, anfetaminas ou “speeds”? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>23.4</b> <u>Da última vez</u> , consumiu sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

<b>24. Alguma vez consumiu drogas como LSD (ácidos), cogumelos alucinogénios, heroína ou cocaína?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Avance para a Questão nº25
Sim, Qual ou quais droga(s)?  <input type="checkbox"/> LSD (ácidos) <input type="checkbox"/> Cogumelos alucinógenos <input type="checkbox"/> Heroína <input type="checkbox"/> Cocaína	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4
<b>24.1</b> Que idade tinha quando consumiu pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>24.2</b> Consumiu durante as <u>últimas quatro semanas</u> ? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>24.3</b> Com que frequência costuma consumir?  <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>24.4</b> <u>Da última vez</u> , consumiu sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		



<b>25. Alguma vez consumiu substâncias vulgarmente designadas por “legal highs” ou novas substâncias psicoactivas ou associadas às smartshops (por exemplo, salvia, spice, mefredona, sais de banho, fertilizantes – Bloom, etc.)?</b>		
Não	<input type="checkbox"/>	Terminou o Questionário. Muito obrigado(a) pelo seu esforço e contributos.
Sim	<input type="checkbox"/>	Responda às questões 25.1, 25.2, 25.3 e 25.4
<b>25.1</b> Que idade tinha quando consumiu pela <u>primeira vez</u> ? _____ Anos		
<b>25.2</b> Consumiu durante as <u>últimas quatro semanas</u> ? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim, Quantas vezes? _____		
<b>25.3</b> Com que frequência costuma consumir? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por semana <input type="checkbox"/> Pelo menos uma vez por mês <input type="checkbox"/> Nunca		
<b>25.4</b> <u>Da última vez</u> , consumiu sozinho(a) ou acompanhado(a)? <input type="checkbox"/> Acompanhado(a) <input type="checkbox"/> Sozinho(a)		

**Terminou o Questionário.**

**Muito obrigado(a) pelo seu esforço e pelos seus contributos.**

**RESULTADOS DO TESTE DE NORMALIDADE:**

***KOLMOGOROV-SMIRNOV***

# I. Resultados do teste de normalidade – *Kolmogorov-Smirnov* – na amostra:

Variável	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>		
	Estatística	df	p-value
Delinquência auto-revelada ao longo da vida **	.153	29	.083
Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses *	.270	29	.000
Frequência delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses *	.314	29	.000
Delinquência s contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida *	.182	29	.015
Delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses *	.350	29	.000
Frequência de delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses *	.420	29	.000
Delinquência contra pessoas auto-revelada ao longo da vida *	.239	29	.000
Delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses *	.486	29	.000
Frequência de delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses *	.486	29	.000
Comportamento agressivo **	.130	29	.200
Comportamento agressivo reativo **	.158	29	.063
Comportamento agressivo proativo **	.154	29	.076
Empatia **	.092	29	.200
Preocupação empática **	.139	29	.160
Angústia pessoal **	.133	29	.200
Tomada de Perspetiva *	.227	29	.001
Fantasia *	.213	29	.002
Psicopatia *	.228	29	.000
Meanness *	.176	29	.022
Disinhibition **	.088	29	.200
Boldness **	.096	29	.200

\* p-value < .05 – Rejeição de hipótese nula: a variável não segue uma distribuição normal.

\*\* p-value > .05 – Não rejeição de hipótese nula: a variável segue uma distribuição normal.

**I. (continuação) Resultados do teste de normalidade – *Kolmogorov-Smirnov* – na amostra:**

Variável	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>		
	Estatística	df	<i>p-value</i>
<b>Grupo-Lealdade*</b>	.165	29	.041
<b>Dano**</b>	.142	29	.125
<b>Justiça-Reprocidade**</b>	.117	29	.200
<b>Autoridade-Respeito**</b>	.114	29	.200
<b>Puridade-Santidade**</b>	.123	29	.200
<b>Relevância Moral Dano*</b>	.165	100	.000
<b>Relevância Moral Justiça-Reprocidade*</b>	.148	100	.000
<b>Relevância Moral Grupo-Lealdade*</b>	.106	100	.007
<b>Relevância Moral Autoridade-Respeito*</b>	.139	100	.000
<b>Relevância Moral Puridade-Santidade*</b>	.105	100	.009
<b>Julgamento Moral Dano*</b>	.169	100	.000
<b>Julgamento Moral Justiça-Reciprocidade*</b>	.121	100	.001
<b>Julgamento Moral Grupo-Lealdade*</b>	.148	100	.000
<b>Julgamento Moral Autoridade-Respeito*</b>	.098	100	.019

\* *p-value* < .05 – Rejeição de hipótese nula: a variável não segue uma distribuição normal.

\*\* *p-value* > .05 – Não rejeição de hipótese nula: a variável segue uma distribuição normal.

## II. Resultados do teste de normalidade – *Kolmogorov-Smirnov* – na subamostra:

Variável	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>		
	Estatística	df	p-value
Delinquência auto-revelada ao longo da vida *	.222	57	.000
Delinquência auto-revelada ao longo da vida *	.465	57	.000
Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses *	.423	57	.000
Frequência delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses *	.350	57	.000
Delinquência s contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida *	.537	57	.000
Delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses *	.516	57	.000
Frequência de delinquência contra a propriedade auto-revelada nos últimos 12 meses *	.516	57	.000
Delinquência contra pessoas auto-revelada ao longo da vida *	.328	57	.000
Delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses *	.540	57	.000
Frequência de delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses *	.540	57	.000
Empatia **	.109	57	.089
Preocupação empática **	.073	57	.200
Angústia pessoal **	.096	57	.200
Tomada de Perspetiva **	.093	57	.200
Fantasia **	.092	57	.200
Psicopatia **	.095	57	.200
Meanness **	.097	57	.200
Disinhibition *	.120	57	.039
Boldness **	.102	57	.200

\* p-value < .05 – Rejeição de hipótese nula: a variável não segue uma distribuição normal.

\*\* p-value > .05 – Não rejeição de hipótese nula: a variável segue uma distribuição normal.

**II (continuação). Resultados do teste de normalidade – *Kolmogorov-Smirnov* – na subamostra:**

Variável	<i>Kolmogorov-Smirnov</i>		
	Estatística	df	<i>p-value</i>
<b>Reconhecimento de raiva *</b>	.288	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de raiva **</b>	.082	46	.200
<b>Desempenho no reconhecimento de raiva *</b>	.150	46	.011
<b>Reconhecimento de alegria *</b>	.537	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de alegria **</b>	.064	46	.200
<b>Desempenho no reconhecimento de alegria **</b>	.083	46	.200
<b>Reconhecimento de nojo *</b>	.480	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de nojo **</b>	.082	46	.200
<b>Desempenho no reconhecimento de nojo **</b>	.090	46	.200
<b>Reconhecimento de vergonha *</b>	.448	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de vergonha *</b>	.158	46	.006
<b>Desempenho no reconhecimento de vergonha *</b>	.138	46	.027
<b>Reconhecimento de medo *</b>	.501	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de medo **</b>	.100	46	.200
<b>Desempenho no reconhecimento de medo **</b>	.116	46	.146
<b>Reconhecimento de tristeza *</b>	.369	46	.000
<b>Tempo de reconhecimento de tristeza **</b>	.060	46	.200
<b>Desempenho no reconhecimento de tristeza **</b>	.084	46	.200

\* *p-value* < .05 – Rejeição de hipótese nula: a variável não segue uma distribuição normal.

\*\* *p-value* > .05 – Não rejeição de hipótese nula: a variável segue uma distribuição normal.

**CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS  
DA PSICOPATIA E DAS FUNDAÇÕES MORAIS**

### Correlações entre as variáveis da psicopatia e das fundações morais:

	<b>Psicopatia</b>	<b>Meanness</b>	<b>Boldness</b>	<b>Disinhibition</b>
<b>Dano</b>	<b>-.196*</b>	<b>-.316**</b>	<b>-.223*</b>	-.133
<b>Justiça-Reprocidade</b>	-.073	-.172	-.016	-.037
<b>Grupo-Lealdade</b>	.133	.150	.027	.078
<b>Autoridade-Respeito</b>	.021	.142	.020	-.170
<b>Puridade-Santidade</b>	-.077	.049	<b>-.326**</b>	.048
<b>Relevância Moral Dano</b>	<b>-.230*</b>	<b>-.344**</b>	<b>-.202*</b>	-.049
<b>Relevância Moral Justiça-Reprocidade</b>	-.147	<b>-.288**</b>	-.048	-.074
<b>Relevância Moral Grupo-Lealdade</b>	.095	.096	.025	.063
<b>Relevância Moral Autoridade-Respeito</b>	-.162	-.060	-.103	<b>-.275**</b>
<b>Relevância Moral Puridade-Santidade</b>	-.122	-.013	<b>-.296**</b>	-.008
<b>Juízo Moral Dano</b>	-.093	-.161	-.107	-.013
<b>Juízo Moral Justiça-Reprocidade</b>	.012	-.018	.007	.031
<b>Juízo Moral Grupo-Lealdade</b>	.097	.140	-.001	.052
<b>Juízo Moral Autoridade-Respeito</b>	.163	<b>.259*</b>	.032	.004
<b>Juízo Moral Puridade-Santidade</b>	-.040	.062	<b>-.213*</b>	.120

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).



**CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DA PSICOPATIA E  
DA TAREFA DE DISTINÇÃO MORAL/CONVENCIONAL**

**Correlações entre as variáveis da psicopatia e a variável assinatura moral da  
tarefa de distinção moral/convencional:**

<b>Assinatura Moral por cenário</b>	<b>Psicopatia</b>	<b>Meanness</b>	<b>Boldness</b>	<b>Disinhibition</b>
<b>Vizinho</b>	.113	.072	.125	.064
<b>Empregado</b>	.064	-.002	.048	.088
<b>Imposto</b>	-.021	-.084	.147	-.097
<b>Roubo</b>	-.154	-.172	-.045	-.131
<b>Corrupção Política</b>	-.015	-.082	.080	-.031
<b>Futebol</b>	.059	-.002	.144	-.001
<b>Fábrica</b>	<b>-.215*</b>	<b>-.281**</b>	-.043	-.166
<b>Família</b>	-.111	-.140	-.089	-.035
<b>Cão Contexto Público</b>	.023	.063	.021	-.022
<b>Cão Contexto Privado</b>	-.117	-.046	-.162	-.061
<b>Galinha Contexto</b>	-.075	-.004	-.159	-.013
<b>Galinha Contexto Privado</b>	-.022	.044	-.128	.028
<b>Etiqueta</b>	.044	.087	-.036	.048
<b>Travestismo</b>	-.049	.052	-.150	-.014

**Notas:** Assinatura moral dos cenários: 0=Não é atribuída assinatura moral ao cenário e 1= É atribuída assinatura moral ao cenário

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

**Correlações entre as variáveis da psicopatia e a variável assinatura moral da  
tarefa de distinção moral/convencional:**

Gravidade da ação por cenário	Psicopatia	<i>Meanness</i>	<i>Boldness</i>	<i>Disinhibition</i>
Vizinho	.117	.117	.104	.053
Empregado	.041	.161	.043	-.081
Imposto	.142	<b>.208*</b>	-.080	.182
Roubo	.139	.155	.021	.134
Corrupção Política	-.107	-.138	-.042	-.067
Futebol	-.104	-.075	-.191	.012
Fábrica	-.073	.070	-.183	-.048
Família	.165	.157	.129	.095
Cão Contexto Público	-.127	-.103	-.042	-.135
Cão Contexto Privado	-.034	-.126	-.006	.038
Galinha Contexto Público	-.025	<b>-.200*</b>	<b>.205*</b>	-.061
Galinha Contexto Privado	.070	-.067	<b>.225*</b>	.003
Etiqueta	-.034	-.113	.069	-.035
Travestismo	-.024	-.105	.031	.008

**Notas:** Gravidade da ação da tarefa moral convencional: 0 = muito mau até 8 = muito bom

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

**CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DA PSICOPATIA E  
DA TAREFA DE DESCODIFICAÇÃO DE EMOÇÕES EM  
EXPRESSÕES FACIAIS DINÂMICAS**

**Correlações entre as variáveis da psicopatia e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas:**

	<b>Psicopatia</b>	<b>Meanness</b>	<b>Boldness</b>	<b>Disinhibition</b>
<b>Reconhecimento de raiva</b>	-.021	.074	-.180	.016
<b>Tempo de reconhecimento de raiva</b>	.079	.090	.006	.143
<b>Desempenho no reconhecimento de raiva</b>	-.046	-.019	-.065	-.050
<b>Reconhecimento de alegria</b>	.195	.191	.175	.094
<b>Tempo de reconhecimento de alegria</b>	.019	.120	-.097	.017
<b>Desempenho no reconhecimento de alegria</b>	-.006	-.102	.098	-.026
<b>Reconhecimento de nojo</b>	.078	.092	-.039	.122
<b>Tempo de reconhecimento de nojo</b>	.031	.179	-.103	-.057
<b>Desempenho no reconhecimento de nojo</b>	.040	-.063	.079	.084
<b>Reconhecimento de vergonha</b>	.011	-.044	.079	.021
<b>Tempo de reconhecimento de vergonha</b>	-.137	-.060	-.194	-.018
<b>Desempenho no reconhecimento de vergonha</b>	.062	-.033	.155	.011
<b>Reconhecimento de medo</b>	.052	.062	.160	-.035
<b>Tempo de reconhecimento de medo</b>	-.027	.090	-.107	-.058
<b>Desempenho no reconhecimento de medo</b>	.040	-.087	.134	.087
<b>Reconhecimento de tristeza</b>	.155	.035	.241 <sup>a</sup>	.131
<b>Tempo de reconhecimento de tristeza</b>	-.179	-.047	<b>-.347<sup>**</sup></b>	-.119
<b>Desempenho no reconhecimento de tristeza</b>	.202	.003	<b>.325<sup>*</sup></b>	.207

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed); \*\* A correlação é significativa ao nível .01 (2-tailed).

<sup>a</sup> A correlação é significativa ao nível .10 (2-tailed).

**CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DA  
DELINQUÊNCIA AUTO-REVELA E DA TAREFA DE  
DESCODIFICAÇÃO DE EMOÇÕES EM EXPRESSÕES  
FACIAIS DINÂMICAS**

**Correlações entre as variáveis da delinquência auto-revelada e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas:**

	<b>Delinquência auto-revelada ao longo da vida</b>	<b>Delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses</b>	<b>Frequência de delinquência auto-revelada nos últimos 12 meses</b>
<b>Reconhecimento de raiva</b>	-.083	.039	.029
<b>Tempo de reconhecimento de raiva</b>	.165	-.031	-.020
<b>Desempenho no reconhecimento de raiva</b>	-.192	.052	.034
<b>Reconhecimento de alegria</b>	.182	.072	.072
<b>Tempo de reconhecimento de alegria</b>	.076	.011	.049
<b>Desempenho no reconhecimento de alegria</b>	-.057	-.001	-.039
<b>Reconhecimento de nojo</b>	-.222 <sup>a</sup>	-.204	-.209
<b>Tempo de reconhecimento de nojo</b>	.123	-.050	-.036
<b>Desempenho no reconhecimento de nojo</b>	-.126	-.061	-.077
<b>Reconhecimento de vergonha</b>	-.112	-.101	-.091
<b>Tempo de reconhecimento de vergonha</b>	-.014	-.082	-.055
<b>Desempenho no reconhecimento de vergonha</b>	-.051	-.026	-.032
<b>Reconhecimento de medo</b>	-.010	-.011	.000
<b>Tempo de reconhecimento de medo</b>	.148	.077	.089
<b>Desempenho no reconhecimento de medo</b>	-.104	-.052	-.059
<b>Reconhecimento de tristeza</b>	.087	.031	.029
<b>Tempo de reconhecimento de tristeza</b>	.038	-.031	-.010
<b>Desempenho no reconhecimento de tristeza</b>	-.002	.000	-.019

<sup>a</sup> A correlação é significativa ao nível .10 (2-tailed).

**Correlações entre as variáveis da delinquência contra a propriedade auto-revelada e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas:**

	<b>Delinquência contra a propriedade auto-revelada ao longo da vida</b>	<b>Delinquência contra a propriedade auto- revelada nos últimos 12 meses</b>	<b>Frequência de delinquência contra a propriedade auto- revelada nos últimos 12 meses</b>
<b>Reconhecimento de raiva</b>	.036	.127	.059
<b>Tempo de reconhecimento de raiva</b>	.062	-.010	.105
<b>Desempenho no reconhecimento de raiva</b>	-.004	.146	.045
<b>Reconhecimento de alegria</b>	.099	.037	.031
<b>Tempo de reconhecimento de alegria</b>	.040	.079	.197
<b>Desempenho no reconhecimento de alegria</b>	-.027	-.069	-.187
<b>Reconhecimento de nojo</b>	-.202	.040	.145
<b>Tempo de reconhecimento de nojo</b>	.058	.051	.178
<b>Desempenho no reconhecimento de nojo</b>	-.184	-.046	-.090
<b>Reconhecimento de vergonha</b>	-.054	.051	.000
<b>Tempo de reconhecimento de vergonha</b>	.044	.047	.184
<b>Desempenho no reconhecimento de vergonha</b>	-.072	-.065	-.204
<b>Reconhecimento de medo</b>	-.096	-.156	-.227 <sup>a</sup>
<b>Tempo de reconhecimento de medo</b>	.061	-.004	.105
<b>Desempenho no reconhecimento de medo</b>	-.106	-.059	-.183
<b>Reconhecimento de tristeza</b>	.027	-.143	-.229 <sup>a</sup>
<b>Tempo de reconhecimento de tristeza</b>	.098	.138	<b>.278*</b>
<b>Desempenho no reconhecimento de tristeza</b>	-.026	-.148	<b>-.297*</b>

\* A correlação é significativa ao nível .05 (2-tailed).

<sup>a</sup> A correlação é significativa ao nível .10 (2-tailed).



**Correlações entre as variáveis da delinquência contra pessoas auto-revelada e da descodificação de emoções em expressões faciais dinâmicas:**

	<b>Delinquência contra pessoas auto-revelada ao longo da vida</b>	<b>Delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses</b>	<b>Frequência de delinquência contra pessoas auto-revelada nos últimos 12 meses</b>
<b>Reconhecimento de raiva</b>	-.127	-.113	-.113
<b>Tempo de reconhecimento de raiva</b>	.112	-.050	-.050
<b>Desempenho no reconhecimento de raiva</b>	-.176	.009	.009
<b>Reconhecimento de alegria</b>	.116	.025	.025
<b>Tempo de reconhecimento de alegria</b>	-.034	-.203	-.203
<b>Desempenho no reconhecimento de alegria</b>	.056	.200	.200
<b>Reconhecimento de nojo</b>	.050	-.062	-.062
<b>Tempo de reconhecimento de nojo</b>	.055	-.161	-.161
<b>Desempenho no reconhecimento de nojo</b>	.024	.131	.131
<b>Reconhecimento de vergonha</b>	.040	-.017	-.017
<b>Tempo de reconhecimento de vergonha</b>	.062	-.246 <sup>a</sup>	-.246 <sup>a</sup>
<b>Desempenho no reconhecimento de vergonha</b>	-.035	.145	.145
<b>Reconhecimento de medo</b>	.002	.109	.109
<b>Tempo de reconhecimento de medo</b>	-.055	-.070	-.070
<b>Desempenho no reconhecimento de medo</b>	.084	.110	.110
<b>Reconhecimento de tristeza</b>	.041	.159	.159
<b>Tempo de reconhecimento de tristeza</b>	.088	-.180	-.180
<b>Desempenho no reconhecimento de tristeza</b>	.005	.220 <sup>a</sup>	.220 <sup>a</sup>

<sup>a</sup> A correlação é significativa ao nível .10 (2-tailed).

